UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE – UFCSPA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

Gabriela Rosa da Cunha

DIVERSIDADE GENÉTICA DE ISOLADOS DE *Streptococcus pneumoniae* PERTENCENTES A SOROTIPOS NÃO INTEGRANTES DA VACINA 10-VALENTE

Porto Alegre
2014

GABRIELA ROSA DA CUNHA

DIVERSIDADE GENÉTICA DE ISOLADOS DE *Streptococcus pneumoniae* PERTENCENTES A SOROTIPOS NÃO INTEGRANTES DA VACINA 10-VALENTE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

Orientador: Dr. Cícero Armídio Gomes Dias

Co-orientador: Dr. Pedro Alves d'Azevedo

PORTO ALEGRE

2014

Catalogação na Publicação

Cunha, Gabriela Rosa da
Diversidade genética de isolados de Streptococcus pneumoniae pertencentes a sorotipos não integrantes da vacina 10 valente / Gabriela Rosa da Cunha. -- 2014.
121 p. : 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, 2014.

Orientador(a): Prof. Dr. Cícero Armídio Gomes Dias ; coorientador(a): Prof. Dr. Pedro Alves d'Azevedo.

1. Epidemiologia Molecular. 2. Microbiologia. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Aos meus pais Enio e Maria Ione
por me ensinarem o quanto a busca
do conhecimento é essencial
e por todo amor e apoio ao longo do caminho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela inspiração e força.

À Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde pela oportunidade de aperfeiçoamento acadêmico.

Ao Professor Cícero Dias, por me aceitar como sua orientanda, pelos ensinamentos de bancada, de docência, de postura ética e profissionalismo, os quais além de teoria, são exemplificados todos os dias em suas atitudes. Obrigada por seu tempo e por me permitir aproveitar seus valiosos ensinamentos.

Ao Professor Pedro d'Azevedo, por aceitar ser meu co-orientador, transmitindo seus conhecimentos diariamente e principalmente fazendo milagres com os recursos financeiros do laboratório.

A professora Lúcia Teixeira, por me permitir que utilizasse a infraestrutura do Laboratório de Apoio Biotecnológico por ela coordenado, pelas contribuições agregadas ao meu trabalho, sempre extremamente valiosas e pela atenção a mim dispensada.

A minha querida amiga e pós-doc Juliana Caierão, que nessa jornada teve uma participação inestimável. Por ser minha "guru" científica e pessoal, obrigada por todas as discussões pneumocócicas, afetivas, os desabafos, os conselhos, as puxadas de orelha, por nos apoiarmos nos momentos caóticos, por acreditar no meu trabalho e enriquecê-lo a cada dia.

A minha também querida amiga e pós-doc Tatiana Pinto, que mesmo "de longe" teve participação direta em cada resultado obtido no meu trabalho, pelas discussões, pelas dicas, pelas risadas e por cada contribuição científica e pessoal, o meu muito obrigada.

A todos os essenciais professores que passaram por toda a minha formação, cada um de sua forma contribuiu imensamente para a construção da minha carreira e minha vida.

Aos amigos dos laboratórios de Cocos Gram Positivos (201, 202 e 203) e Microbiologia Molecular por todo o apoio científico e laboratorial, por todas as dificuldades e alegrias compartilhadas, vocês foram essenciais nessa jornada e tornaram cada dia de trabalho mais prazeroso.

Aos amigos do Laboratório de Apoio Biotecnológico da UFRJ, por compartilharem comigo seus equipamentos, conhecimentos, protocolos e também por todo o acolhimento e amizade construída nas minhas breves passagens pelo lab.

Aos amigos do Laboratório de Biologia Celular da UFCSPA, que além da amizade instantânea construída no inicio da pós, me deixavam sempre mais feliz pelo carinho recebido e também pelos inúmeros litros de água Milli-Q que gentilmente me cederam.

Aos colegas de pós-graduação, tanto do PPG Ciências da Saúde quanto do PPG Patologia, por todos os bons momentos vividos e auxílio ao longo do curso.

Aos meus amigos, em especial Pauli, Déia, Thani, Fê, Baiana, Keli, Hendinho, Gio, por entenderem minhas ausências e estresses.

A Dra. Aninha Antunes, mãezona de todas as suas pupilas do LAC da Faculdade de Farmácia da UFRGS, que me acalmou o coração em momentos de dúvidas, me deu colo nas dificuldades e sempre tinha a solução para os meus problemas, meus sinceros agradecimentos.

Aos alunos da disciplina de Microbiologia Médica, a qual fui estagiária docente, pelas trocas de experiência, que foram extremamente agregadoras ao meu crescimento como vetora de conhecimento, e por serem as minhas “cobaias” nesse processo.

Aos meus pais, a quem dedico o meu trabalho, por todo o carinho, atenção, compreensão das minhas ausências, apoio moral, por acreditarem em mim e respeitarem e apoiarem as minhas decisões profissionais. E também não deixando de salientar o apoio financeiro da Fundação Enio Lopes da Cunha contribuindo para a realização de experimentos que necessitavam itens com urgência e por promover a disseminação do conhecimento microbiológico através dos auxílios viagem sem os quais a execução deste trabalho seria impossível.

A minha família, principalmente minha irmã Suzana, meu cunhado Marcelo e toda a família Abbott, por estarem sempre presentes (apesar das minhas frequentes ausências) e por serem o meu porto seguro.

“A microbiologia é fascinante
porque sempre seremos aprendizes...”

Sumiko Ikura Sinto

RESUMO

Streptococcus pneumoniae é um importante patógeno endêmico, associado a infecções com um elevado número de mortes e desfechos desfavoráveis, principalmente em crianças até 5 anos, idosos e pacientes em algum estado de imunocomprometimento, sendo o maior causador de pneumonias adquiridas na comunidade. A introdução das vacinas pneumocócicas, principalmente as conjugadas, apesar de diminuírem a incidência da doença pneumocócica invasiva e sua transmissão, também exerceu uma pressão seletiva sobre a distribuição dos sorotipos circulantes, levando a necessidade de um monitoramento das mudanças ocorridas tanto em termos de colonização quanto de infecções. As técnicas de biologia molecular têm sido cada vez mais utilizadas em monitoramentos epidemiológicos por permitir a caracterização de populações, comparação com amostras pré-existentes, correlação com clones endêmicos internacionais e outras populações. As técnicas de Pulsed-Field Gel Electrophoresis (PFGE) e Multi Locus Sequence Typing (MLST) são as técnicas consideradas padrão-ouro, e como uma técnica alternativa a elas vem ganhando espaço o Multiple-locus Variable Number of Tandem Repeat Analysis (MLVA) na caracterização de isolados de pneumococo. Sendo assim, o objetivo geral do estudo foi avaliar os genótipos de pneumococos dos principais sorotipos que não integram a vacina 10-valente, e o objetivo específico foi avaliar a utilização de um método alternativo para genotipagem de pneumococos (MLVA), comparando-o com os métodos padrão-ouro (PFGE e MLST). Para isso, foram utilizados 87 isolados de pneumococo dos períodos pré (n=23) e pós-vacina (n=64) coletados entre 2007 e 2012, predominantemente de sítios invasivos (n=83). Quanto à distribuição dos sorotipos, 25 amostras pertencem ao sorotipo 3, 15 ao sorotipo 12F, 15 ao sorotipo 20, 13 ao sorotipo 8, 11 ao sorotipo 19A, 5 ao sorotipo 6A e 3 ao sorotipo6C. A média de idade dos pacientes foi de 49,19 ± 23,25 anos, variando de 0 a 85 anos. O MLST foi consistente com PFGE e MLVA,sendo que foram encontradas oito novos STs: três pertencentes ao sorotipo 6A, dois ao sorotipo 19A, um ao 6C, um ao 8 e um ao sorotipo 20. Isolados associados aos clones PMEN Denmark^{12F}-24, Netherlands^{8}-33, Netherlands^{3}-31 e Netherlands^{15B}-37 também foram encontrados. A técnica de MLVA gerou perfis mais discriminatórios, com índice de diversidade de Simpson de 0,986, seguido pelo

PFGE (0,962) e MLST (0,891). A diversidade entre os diferentes sets de MLVA previamente estabelecidos por outros autores demonstrou pequena diferença entre eles, sendo o set de van Cuyck o mais discriminatório (0,975), seguido por Pichon (0,972), Koeck (0,967) e Elberse (0,964). O coeficiente de Wallace demonstrou congruência de 100% da técnica de MLVA em relação a técnica de MLST. A aplicação do MLVA em uma região brasileira ainda não estudada e em sorotipos não vacinais é a principal contribuição deste estudo, técnica que apresenta um elevado poder discriminatório e congruência com as outras técnicas padrão-ouro, com custos reduzidos e facilidade de execução laboratorial.

PALAVRAS-CHAVE: *Streptococcus pneumoniae*, genotipagem, sorotipos não vacinais, MLVA, MLST, PFGE.

ABSTRACT

Streptococcus pneumoniae is an important endemic pathogen, associated with a high number of deaths and other outcomes, especially in children aged less than 5 years, elderly and immunocompromised patients, being the major cause of community-acquired pneumonia. The introduction of pneumococcal vaccines, especially conjugates, despite decreasing the incidence of invasive pneumococcal disease in active, passive and transmission form, also exercised a selective pressure on the distribution of circulating serotypes and associated to disease, leading to the need for a monitoring of changes both in terms of colonization and infections, because some serotypes have become more associated with disease and its incidence has increased in countries where vaccine distribution occurs continuously and homogeneously. Molecular biology techniques have been increasingly used in epidemiological monitoring to allow the characterization of populations, compared with pre-existing isolates, correlation with international clones and other endemic populations. The Pulsed-Field Gel Electrophoresis (PFGE) and Multi Locus Sequence Typing (MLST) techniques are considered the gold standard, and, as an alternative technique, the Multiple-Locus Variable Number of Tandem Repeat Analysis (MLVA) have been increasingly used in characterization of pneumococcal isolates. The general objective of the study was to evaluate the genotypes of pneumococcal serotypes that are not part of the 10-valent vaccine, and the specific objective was to evaluate the use of an alternative method for genotyping of pneumococci (MLVA), comparing it with gold standard methods (PFGE and MLST). For this, 87pneumococcal isolates from the pre (n = 23) and post-vaccination (n = 64) periods collected between 2007 and 2012 were used, predominantly from invasive sites (n = 83). As the distribution of serotypes, 25 samples belong to serotype 3, 15 to serotype 12F, 15 to serotype 20, 13 to serotype 8, 11 to serotype 19A, five serotype 6A and tree to serotype 6C. The mean age of patients was 49.19 ± 23.25 years, ranging from 0 to 85 years. The MLST was consistent with PFGE and MLVA, and eight new STs were found: tree belonging to serotype 6A, two to serotype 19A, one at 6C, one to 8 and one to serotype 20. Isolates associated with PMEN clones Denmark^{12F}-24, Netherlands^{8}-33, Netherlands^{3}-31 and Netherlands^{15B}-37 were also found. MLVA generated more discriminatory profiles with Simpson's diversity index of

0.986, followed by PFGE (0.962) and MLST (0.891). The diversity between the different sets of MLVA previously established by other authors showed little divergence being the van Cuyck's set more discriminatory (0.975), followed by Pichon's (0,972), Koeck's (0.967) and Elberse's (0.964). The coefficient of Wallace showed 100% of congruence of MLVA in relation to MLST. The application of MLVA in a Brazilian region was not studied so far in non-vaccine serotypes, being the main contribution of this study. This technique has a high discriminatory power and consistency with other gold standard techniques, with reduced costs and ease of laboratory performance.

KEYWORDS: *Streptococcus pneumoniae*, genotyping, non-vaccine serotypes, PFGE, MLVA, MLST.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACIP	*Advisory Committee on Immunization Practices*
BgaA	β-galactosidase
CDC	*Centers for Disease Control and Prevention*
ChoP	Fosforilcolina
cpsA	Capsular polysaccharide
Eno	Enolase
Hyl	Hialuronidase
LytA	Autolisina
MLST	*Multi Locus Sequence Typing*
MLVA	*Multiple-locus Variable Number of Tandem Repeat Analysis*
NanA	Neuraminidase
OMS	Organização Mundial da Saúde
PavA	Fator pneumocócico A de adesão e virulência
PCR	*Polimerase Chain Reaction*
PCV	*Pneumococcal Conjugate Vaccine*
PFGE	*Pulsed-Field Gel Electrophoresis*
Ply	Pneumolisina
PMEN	*Pneumococcal Molecular Epidemiology Network*
PPSV	*Pneumococcal Polysaccharide Vaccine*
PsaA	Antígeno A de superfície pneumocócica
PspA	Proteína A de superfície pneumocócica
PspC	Proteína ligadora de colina A
SIREVA	Sistema de redes de vigilância de agentes bacterianos responsáveis por pneumonias e meningites
ST	*Sequence Type*
StrH	β-N-acetilglicosaminidase

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1. Epidemiologia das infecções pneumocócicas

De seus primeiros relatos até os dias atuais, *Streptococcus pneumoniae* é um patógeno endêmico de preocupação global, devido ao grande número de mortes e outros desfechos desfavoráveis por ele causados, principalmente em crianças até 5 anos, idosos e pacientes em algum estado de imunocomprometimento[1-3].Dados da Organização Mundial da Saúde estimavam que no ano 2000, cerca de 14,5 milhões de episódios de doenças pneumocócicas tenham ocorrido, levando a morte de aproximadamente 826 mil crianças de 1-59 meses, principalmente em países de baixa renda. Uma atualização publicada em 2012, estima que das 8,8 milhões de mortes de crianças menores de 5 anos em todo o mundo no ano de 2008, aproximadamente 541.000 (6%) destas estejam relacionadas a infecções pneumocócicas, em que a pneumonia ainda é a maior causa de morte nesses indivíduos, representando cerca de 485.000 casos (89,6%), seguida de meningites com 38.800 (7,2%) e outras infecções causando 17.400 (3,2%) mortes nessa faixa etária[4].

Considerando que existe uma imensa disparidade entre as diferentes regiões geográficas em termos de desenvolvimento socioeconômico, é interessante avaliar estes dados de forma estratificada para contextualizar de maneira mais acurada o impacto das mortes por doença pneumocócica no mundo. Desta forma podemos indicar dentre as estimativas da OMS, a África como a região mais impactada, sendo responsável por 57,3% do total de óbitos, seguido do Sudeste Asiático com 20%, Mediterrâneo Oriental com 12,7%, Pacífico Ocidental com 6,2%, América Latina com 2,5% e como a região menos atingida, a Europa com 1,3%[5].

O monitoramento epidemiológico de infecções causadas por *S. pneumoniae*, em especial as invasivas, tem sido realizado de maneira constante. Na América Latina, a primeira rede internacional de monitoramento passivo e voluntário foi iniciada em 1993, coordenada pela Organização Pan-Americana de Saúde, com a participação de seis países(Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Uruguai), com os objetivos de estabelecer a prevalência dos sorotipos capsulares associados a doença, reforçar a avaliação epidemiológica e laboratorial nesses países e criar

um banco de amostras para caracterizar os sorotipos e avaliar testes diagnósticos. Vinte anos depois, o SIREVA II (sistema de redes de vigilância de agentes bacterianos responsáveis por pneumonias e meningites) inclui além do *S. pneumoniae*, *Neisseria meningitidis* e *Haemophilus influenzae*, realiza também monitoramento de resistência a antimicrobianos, prevalência de clones circulantes e atualmente é constituída por mais de 20 países da América Latina e Caribe[6].

Dados publicados pelo SIREVA II relativos ao ano de 2012 demonstram que entre todas as idades, foram notificados no Brasil 1059 casos de doença pneumocócica invasiva, sendo destes 44,8% casos de meningite, 34,4% bacteremia ou sepse e 19,3% de pneumonia em todas as faixas etárias. A baixa porcentagem de casos de pneumonia em relação aos dados estimados pela OMS pode estar associada ao fato de pneumonias bacterianas não estarem na lista de doenças de notificação compulsória, como ocorre com os casos de meningite, o que poderia levar a subestimação do número de casos[6].

Dados obtidos no banco de dados do Ministério da Saúde (DATASUS) registraram no ano de 2012, 11.092.598 internações hospitalares, sendo destas 681.828 (6,15%) diagnosticadas como pneumonias. Levando em consideração que de acordo com um estudo realizado por Vila-Corcoles no ano de 2009, cerca de 50% das pneumonias adquiridas na comunidade tem como agente etiológico *S. pneumoniae*, este patógeno estaria associado aproximadamente à 3% das internações hospitalares anualmente no país, o que ressalta a sua importância em termos de saúde pública[7, 8].

1.2. *Streptococcus pneumoniae*

Em termos taxonômicos, o *S. pneumoniae* pertence ao filo Firmicutes, classe Bacilli, ordem Lactobacillales, família Streptococcaceae e juntamente a outros estreptococos alfa-hemolíticos, forma um grupo conhecido como grupo viridans o qual pertencem também *Streptococcus mitis*, *Streptococcus oralis*, *Streptococcus cristatus*,*Streptococcus infantis,Streptococcus peroris* e *Streptococcus pseudopneumoniae*[9].

O micro-organismo *S. pneumoniae*, também podendo ser chamado de pneumococo, foi isolado pela primeira vez paralelamente em amostras de saliva, por George Miller Sternberg nos Estados Unidos e por Louis Pasteur na França no ano

de 1880. Seis anos depois, foi relatado por Weichselbaum em Viena, como a principal causa de pneumonias bacterianas adquiridas na comunidade, sendo que na mesma década, esta bactéria também foi associada a outras patologias como meningite, artrite, otite média e endocardite[2, 10, 11].

Atualmente sabe-se que o pneumococo é colonizador natural da região nasofaríngea posterior de humanos, principalmente crianças até 5 anos, consideradas reservatórios deste micro-organismo[1, 4, 12, 13], sendo que pode estar presente também em adolescentes e adultos com frequência decrescente de acordo com o aumento da idade[12, 14]. O estado de portador é considerado um fator predisponente ao desenvolvimento de infecções não invasivas, como otite média e sinusite e também de infecções invasivas, quando há o isolamento de pneumococo em fluidos estéreis, como pneumonia complicada, meningite oubacteremia[13, 15].

Morfologicamente, este micro-organismo apresenta-se na forma de cocos, podendo estar arranjado aos pares com extremidades lanceoladas ou cadeias curtas, possuindo cápsula polissacarídica e uma parede celular clássica de bactérias Gram positivas, medindo de 0,5 a 1,2 µm de diâmetro[16]. São anaeróbios facultativos, não produzem catalase e são nutricionalmente exigentes, tendo seu crescimento favorecido em presença de atmosfera de 5% de CO_2. Após incubação “overnight” em ágar acrescido de 5%sangue de carneiro, suas colônias medem entre 1 e 3 mm de diâmetro, são alfa-hemolíticas e não apresentam pigmentos, podendo apresentar aspecto mucoide, que caracterizam fenotipicamente sorotipos específicos. Incubações prolongadas (entre 24 e 48 horas) podem produzir além de colônias mucoides, colônias com uma depressão central decorrente da ação de autolisinas, que são laboratorialmente conhecidas como morfologia clássica deste micro-organismo, apesar de sempre ser associada a duas provas fenotípicas de confirmação, para diferenciação de *S. pneumoniae* em relação aos outros membros do grupo viridans: suscetibilidade a optoquina e bile-solubilidade[17].

A optoquina (ou cloridrato de etil-hidrocupreína) é um agente antimicrobiano análogo de quinina que teve uso abandonado na terapêutica devido a sua toxicidade ocular, e por provavelmente ser o primeiro antimicrobiano a ter cepas resistentes recuperadas após utilização em tratamento de camundongos em 1912[2]. Esta prova, proposta em 1915 por Moore e Chesney[18]é utilizada diariamente na rotina laboratorial, onde a amostra suspeita de pneumococo é semeada de forma a obter crescimento confluente em ágar sangue e no centro da semeadura se aplica um

disco de 6 mm impregnado com optoquina, que se, após incubação a 37°C em atmosfera contendo 5% CO_2 possuir halo de inibição de crescimento bacteriano ≥14 mm é considerada sensível. Apesar de ser um teste extensamente aplicado, algumas amostras apresentam-se resistentes a esse antimicrobiano, o que pode levar a confusão na identificação deste micro-organismo nos laboratórios e induzir uma terapia antimicrobiana inadequada. Estudos vêm sendo realizados com o intuito de elucidar os mecanismos envolvidos neste fenótipo de resistência, os quais associam mutações pontuais em subunidades da enzima alvo do antimicrobiano, uma H^+-ATPase que é responsável pelo transporte de hidrogênio na célula[19, 20].

O teste de bile-solubilidade é baseado na capacidade das autolisinas do *S. pneumoniae* de degradarem o peptideoglicano como parte da síntese natural da parede celular. Alguns sais biliares, em especial o desoxicolato de sódio em solução a 10%, quando em contato com uma suspensão bacteriana, induz a aceleração da atividade lítica dessas enzimas, destruindo a parede celular da bactéria e levando a diminuição da turbidez da suspensão, já que as células são destruídas e se tornam solúveis[21]. Porém já houve relatos de amostras de pneumococos insolúveis, o que acredita-se estar associado a modificações nos mecanismos regulatórios da atividade das enzimas, ou na alteração da sua estrutura molecular[22, 23].

A identificação laboratorial de *S. pneumoniae* também pode ser realizada por métodos sorológicos e moleculares, que serão adiante pormenorizados.

1.3. Fatores de Virulência

Inúmeros fatores de virulência são responsáveis pela elevada capacidadedo pneumococo de colonizar o trato respiratório e também de causar doença. No processo de colonização, a presença da adesina fosforilcolina (ChoP) facilita a adesão na superfície do epitélio respiratório, enquanto outra adesina chamada proteína ligadora de colina A (PspC) se liga ao receptor polimérico associado ao transporte de imunoglobulina A secretóriae também ao fator H, oferecendo resistência a ação do sistema complemento[12, 24, 25]. Também associada a adesão na célula do hospedeiro, alguns pneumococos podem produzir pili que podem atuar ainda estimulando a produção de citocinas pró-inflamatórias[25]. Outras enzimas como a neuraminidase (NanA), β-galactosidase (BgaA) e β-N-acetilglicosaminidase (StrH)

atuam removendo açúcares terminais de carboidratos do hospedeiro, permitindo a exposição de receptores de aderência que afetam a função de moléculas de eliminação glicosiladas do patógeno e podem também servir como fonte de nutriente[12]. A produção de NanA também pode estar associada a migração para a tuba auditiva no processo de instalação de otite e desempenha papel essencial na formação de biofilme[25].Enzimas como a hialuronidase (Hyl), enolase (Eno) e o fator pneumocócico A de adesão e virulência (PavA) são reconhecidamente importantes no processo de colonização, ligando em componentes do tecido conectivo, plasminogênio e fibronectina, respectivamente, e estão associadas à disseminação, manutenção da carga microbiana e diminuição da sobrevivência do hospedeiro[12].

A modificação do estado de colonizador para patógeno está associada a expressão de inúmeras enzimas e proteínas que estão sendo avaliados como novos alvos para o desenvolvimento de métodos de identificação molecular e novas formulações vacinais. Neste âmbito, convém destacar o papel da pneumolisina (Ply), autolisina (LytA), o antígeno A de superfície pneumocócica (PsaA) e a proteína A de superfície pneumocócica (PspA).

A pneumolisina, codificada pelo gene *ply*, é uma proteína associada a inibição dos movimentos ciliares do epitélios respiratório e neurais, inibição do irrompimento de fagócitos respiratórios, indução da ativação de células T $CD4^+$ e citocinas quimiotáticas e ativando a via clássica do complemento de forma independente da ativação por anticorpos específicos[12, 25].

A autolisina, codificada pelo gene *lytA*, é uma enzima responsável pela degradação do peptideoglicano da parede celular, provocando a lise da célula e liberando assim, proteínas citoplasmáticas que atuam no processo de patogênese, entre elas a pneumolisina[12, 25].

O antígeno A lipoproteico ligante de metal de superfície pneumocócica (PsaA) integra o sistema de transporte ABC que possui especificidade para o manganês, podendo também carregar íons zinco. Esse sistema permite que a bactéria resista ao estresse oxidativo, tanto produzido pelo peróxido de hidrogênio no metabolismo celular, quanto espécies reativas de oxigênio geradas pela resposta imune inata do hospedeiro[12, 25].

A proteína A de superfície pneumocócica (PspA) é uma molécula altamente eletronegativa que impede a ligação do componente C3 do sistema complemento a

superfície celular pneumocócica, inibindo desta forma o processo de opsonização e fagocitose.

Apesar do papel que estes fatores desempenham na instalação e posterior patogênese do micro-organismo, a presença da cápsula polissacarídica é essencial para o sucesso da colonização e das infecções por ele causadas. A produção da cápsula é associada a um único *locus*, o operon *cps*, que possui seus quatro primeiros genes (*cpsA*-D) comuns a praticamente todos os sorotipos, sendo que os demais genes são distintos entre si e responsáveis pela codificação de glicosil transferases, oligossacarídeos e precursores de açúcares ativados. A variável expressão destas enzimas e outros componentes capsulares é responsável pela classificação do pneumococo em 94 sorotipos com composição polissacarídica única para cada um deles[12, 26]. A principal ação da cápsula é anti-fagocitária, protegendo a superfície celular de interações com o sistema imune do hospedeiro e impedindo o processo de opsonofagocitose mediada por componentes do sistema complemento e neutrófilos[27].

A diversidade capsular de *S. pneumoniae* foi primeiramente detectada por reações sorológicas logo após os primeiros relatos do micro-organismo pelos franceses Bezançon e Griffon em 1897, e caracterizadas em tipos1 e 2 por Neufeld e Haendel em 1910. Fred Neufeld, no ano de 1902 descreveu a reação de Quellung (do alemão “inchaço”) na qual se observa o intumescimento capsular devido a modificação do índice de refração, fruto da interação de bactérias encapsuladas com anticorpos anticapsulares específicos. Esta técnica secular, apesar de ser laboriosa, necessitando de profissionais capacitados devido a subjetividade de interpretação dos resultados obtidos, e financeiramente de inviável execução na rotina laboratorial, é realizada em centros de referência sendo padrão ouro para identificação dos sorotipos capsulares[2, 28].

Esforços globais têm sido direcionados para o estabelecimento de técnicas mais acessíveis de sorotipagem de pneumococos. Métodos imunológicos, como aglutinação em látex, ensaio imunoenzimático (ELISA), imunodifusão radial dupla e mais recentemente o sistema de microesferas Luminex apesar de seu custo mais acessível, não possuem especificidade e sensibilidade equivalentes a reação de Quellung para substituí-la. Contudo, com o advento da biologia molecular, métodos baseados na detecção dos genes específicos que codificam os polissacarídeos capsulares dentro do *locus cps*, tem apresentado bons resultados na determinação

do sorotipo de amostras, especialmente após o desenvolvimento de sistemas de reação em cadeia da polimerase (PCR) multiplex direcionados para a detecção dos sorotipos mais associados a infecções pneumocócicas por Pai, Gertz e Beall em 2006, e otimizadas para os sorotipos mais frequentes na América Latina por Dias e colaboradores em 2007[28, 29, 30, 31].

1.4. Imunoprofilaxia

Por sua essencial atuação nos processos de colonização e patogênese das infecções pneumocócicas, a cápsula foi o alvo primário de estudos para desenvolvimento de formulações imunoprofiláticas desde a caracterização por Avery e Heidelberger da natureza polissacarídica dos antígenos tipo específicos na década de 1930, realizada tardiamente em relação a descoberta dos efeitos protetores de antissoros homólogos ao do micro-organismo por Klemperer e Klemperer em 1891[2]. Desde então, estudos foram realizados incessante e frustradamente, até 1944 quando houve sucesso em ensaios clínicos realizados em bases militares americanas, que infelizmente só foram passíveis de desenvolvimento farmacotécnico e distribuição na década de 1970[32].

Os esforços direcionados ao desenvolvimento de formulações vacinais desde os primórdios do conhecimento sobre as infecções pneumocócicas, em especial pneumonias, objetivavam a diminuição dos desfechos desfavoráveis associados as doenças, principalmente óbitos associados a este patógeno. No entanto, na década de 1940, com o advento da produção e distribuição comercial da penicilina, e seu sucesso no tratamento de infecções bacterianas, o interesse pela intervenção preventiva diminuiu, apesar da penicilina não obter a intensidade desejada na diminuição da mortalidade e os primeiros relatos de resistência descritos em modelos animais surgirem na mesma década[2, 10, 33].

A alternativa a estes empecilhos detectados logo após a introdução da terapia antimicrobiana foi ressuscitar a busca de métodos de profilaxia as infecções pneumocócicas, que foi obtida com sucesso no ano de 1977, quando após inúmeros estudos clínicos com resultados promissores realizados principalmente na África, foi licenciada nos Estados Unidos uma vacina contendo 14 polissacarídeos capsulares, e em 1983, com o acréscimo de nove sorotipos (vacina pneumocócica

polissacarídica 23 valente – PPSV23) foram contemplados os sorotipos prevalentes em doenças pneumocócicas em países desenvolvidos[2, 34].

As vacinas polissacarídicas, as primeiras formulações a serem disponibilizadas, são compostas pelos antígenos de 23 polissacarídeos capsulares purificados (pertencentes aos sorotipos 1, 2, 3, 4, 5, 6B, 7F, 8, 9N, 9V, 10A, 11A, 12F, 14, 15B, 17F, 18C, 19A, 19F, 20A, 22F, 23F, e 33F) e possuem fenol como conservante[11, 34, 35]. A porcentagem de sorotipos isolados causadores de doença contemplados pela PPSV23 é de aproximadamente 90%, porém, o efeito observado é menor, pois os polissacarídeos são pouco imunogênicos, já que desencadeiam resposta humoral dependente de células B e independente de células T, não sendo recomendada pelo CDC para crianças com idade inferior a 2 anos devido a sua baixa geração de memória imunológica[36]. A indicação de uso da PPSV23 inclui pacientes a partir de 6 anos imunocompetentes com doenças cardio-pulmonares e hepáticas crônicas, utilização de implante coclear, diabetes, alcoolistas, fumantes e com fístula liquórica, pacientes com asplenia anatômica ou funcional e imunocomprometidos além de todos os indivíduos acima de 65 anos segundo recomendações do Comitê Consultivo de Práticas de Imunização americano (*Advisory Committee on Immunization Practices*– ACIP). Convém salientar também que a vacina não diminui a carga bacteriana no estado de portador e pode não ser efetiva na prevenção de otite média, manifestação mais frequente de doença pneumocócica[35, 37- 39].

Quando se detectou que as vacinas polissacarídicas não eram imunogênicas o suficiente para exercer um impacto considerável na diminuição da incidência da doença pneumocócica e que os grupos mais atingidos não estavam protegidos, foram desenvolvidas formulações associando os antígenos polissacarídicos a carreadores protéicos, que elevam a imunogenicidade por facilitar o reconhecimento antigênico por linfócitos T-*helper*, gerando memória imunológica de longa duração. A conjugação com proteínas como a $CRM_{197,}$ não tóxica análoga a toxina diftérica, também produz efeito indireto na redução da incidência de doença pneumocócica, pois diminui a carga microbiana do estado de portador[40-43]. As principais indicações das vacinas conjugadas são para lactentes, crianças até cinco anos imunocomprometidas ou com asplenia, também podendo ser utilizada como reforço a pacientes de risco em todas as idades[35, 37, 39].

A primeira vacina pneumocócica conjugada (*pneumococcal conjugate vaccine* – PCV) a ser disponibilizada nos Estados Unidos em 2000 confere imunidade a sete sorotipos (4, 6B, 9V, 14, 18C, 19F e 23F). Diversos estudos têm sido realizados desde então para ampliar o número de sorotipos contemplados pelas formulações conjugadas, como a PCV10 (10 valente – que inclui os sete sorotipos da PCV7 mais os sorotipos 1,5 e 7F) e PCV13 (sorotipos inclusos na vacina PCV10 mais 3, 6A e 19A), disponíveis no mercado a partir de 2009, em substituição da PCV7[5].

No Brasil, a vacina PPSV23 foi exclusivamente disponibilizada para grupos especialmente suscetíveis desde 1992 e em 1999 foi incluída no calendário de vacinação de idosos pertencentes a grupos de risco e institucionalizados. Já em 2001, a PCV7 foi incorporada pelo Ministério da Saúde para atender estes mesmos grupos e comercializada na rede privada, porém não foi distribuída para a população em geral. Em 2010, a PCV10 foi incluída no calendário básico de vacinação e amplamente distribuída na rede pública para crianças a partir de 2 meses a 2 anos sendo aplicada idealmente em um esquema de 3 doses mais um reforço: 2 meses, 4 meses, 6 meses e um ano[44, 45].

Um estudo avaliando o impacto da PCV10 no Brasil demonstrou que, após 2 anos da introdução da vacina no país, a incidência de casos de doença invasiva ocasionada por sorotipos vacinais na população alvo da vacina (crianças menores de 2 anos) diminui significativamente ($p=0,0002$), indicando o efeito benéfico da mesma, apesar de ainda não se observarem reduções significativas em indivíduos maiores de 2 anos, o que pode ser explicado pelo pequeno período pós-vacina avaliado[46], porém é importante ressaltar que o impacto da vacina na incidência de doença e sobre a distribuição dos sorotipos encontra-se em um estado de transição, sendo de essencial importância o monitoramento dessa etapa para avaliar os efeitos dessa intervenção a longo prazo.

Outro estudo realizado na Dinamarca, também demonstra uma diminuição significativa da incidência de doença pneumocócica invasiva, mas em pacientes de todas as idades ($p<0,001$), o que demonstra um efeito de imunidade passiva[47]. Nos Estados Unidos, também se observam diminuições na incidência de meningite pneumocócica em pacientes de todas as idades ($p<0,001$)[48].

1.5. Mecanismos de evasão à vacina

A introdução das vacinas pneumocócicas, principalmente as conjugadas, ao passo que diminuíram drasticamente a incidência da doença pneumocócica invasiva ativa e passivamente (pelo efeito conhecido como imunidade de rebanho) e sua transmissão, também exerceu uma pressão seletiva sobre a distribuição dos sorotipos circulantes e associados a doença, levando a necessidade de um monitoramento das mudanças ocorridas tanto em termos de colonização quanto de infecções[13, 40, 48-51].

O monitoramento epidemiológico na era pré-vacina ofereceu os subsídios necessários as comparações e inferências que puderam ser realizadas no período pós-vacinal, embasando assim as medidas aplicadas na contenção dos fenômenos ocorridos e no entendimento dos mesmos. Três eventos principais de mudança na distribuição dos sorotipos causadores de doença pneumocócica são estudados: o surgimento de novos clones; a expansão de clones pré-existentes, passando a ocupar o nicho ecológico outrora ocupado por sorotipos vacinais ("*serotype replacement"*); e a recombinação genética que altere a expressão do polissacarídeo capsular que previamente pertencia a um sorotipo vacinal, para o fenótipo de um sorotipo não vacinal (*"switching"* capsular). Os dois últimos eventos têm sido relatados em diversos países, principalmente nos Estados Unidos e Europa[52, 53].

Os exemplos mais conhecidos descritos desses eventos estão associados a emergência do sorotipo 19A, como causador de doença invasiva nos Estados Unidos. Através da utilização de técnicas de genotipagem, foi possível estabelecer quais os mecanismos envolvidos no aumento da incidência do sorotipo 19A. A expansão do clone endêmico Netherlands^{15B}-37, caracterizado molecularmente através da técnica de MLST ("*Multi Locus Sequence Typing*") como pertencente a ST199 ("*sequence type*"), é associada desde a era pré-introdução da PCV7 ao sorotipo 19A no país, sendo um exemplo clássico de *replacement*[53]. Outro estudo realizado por Byinton em 2010, observou que além do sorotipo 19A, os sorotipos 1, 3, e 7F também estavam associados a expansão clonal em pacientes pediátricos em Utah[54]. O sorotipo 1, presente na vacina PCV10, demonstrou também ser um exemplo de *replacement*, em amostras brasileiras que por caracterização molecular por PFGE ("*Pulsed-Field Gel Electrophoresis"* – Eletroforese de Campo Pulsado)

estão relacionadas ao clone Sweden[1]-40 que é caracterizada como pertencente a ST304[55]. Mesmo antes da introdução da vacina, observa-se que este fenômeno já ocorria em algumas partes do mundo, fruto de flutuações naturais da distribuição dos sorotipos ou de outras pressões seletivas como, por exemplo, o uso de antimicrobianos[34, 52, 55-57].

O sorotipo 19A também está associado a mecanismos de *switching* capsular. Estudos realizados na Finlândia, Taiwan e Estados Unidos relacionam este sorotipo a eventos de transformação e recombinação genética[53, 58-60]. Na Holanda, eventos de recombinação também foram relatados para os sorotipos 1 e 22F e nos Estados Unidos para os sorotipos 23A e 23B[61, 62].

A ocorrência destes mecanismos de evasão ao efeito protetor das vacinas pneumocócicas tem sido descrita cada vez mais frequentemente em todo o mundo, sendo de crucial importância o monitoramento constante dos sorotipos e características moleculares de *S. pneumoniae*. Apesar da definição do sorotipo ser um dado essencial, atualmente éinsuficiente para designar e compreender como o micro-organismo sobrevive às pressões seletivas as quais ele é submetido. Por isso, técnicas de biologia molecular voltadas para a caracterização genotípica destes isolados vem se tornando uma ferramenta indispensável na detecção de mecanismos de evasão vacinal[53].

A criação de uma rede de vigilância epidemiológica direcionada a caracterização molecular de cepas endêmicas e com perfis de resistência a penicilina e outros antimicrobianos (*"Pneumococcal Molecular Epidemiology Network"* – PMEN) foi criada em 1997 sob a orientação da *"International Union of Microbiological Societies"*, com os objetivos de padronizar a caracterização, nomenclatura e classificação de pneumococos resistentes a agentes antimicrobianos. Utilizando técnicas de biologia molecular como PFGE, BOX-PCR e MLST, atualmente são conhecidos 43 clones disseminados mundialmente[63, 64].

1.6. Emergência de sorotipos não vacinais após a introdução da PCV7

A pressão exercida pela vacina causou a emergência de alguns sorotipos que previamente eram pouco ou não associados a doença. A partir da desocupação do

nicho ecológico dos sorotipos contidos nas formulações imunoprofiláticas, alguns sorotipos começaram a ser mais associados com doença e ter sua incidência aumentada em países onde a distribuição da vacina ocorre de forma continua e homogênea. Exemplos clássicos são os sorotipos 3 e 19A nos Estados Unidos, sendo o 19A associado a empiema e desfechos mais desfavoráveis[54], bem como frequentemente resistente a penicilina juntamente com o sorotipo 6A[46, 65]. Apesar de pouco comum, 6C tem sido associado a casos de meningite no nordeste brasileiro[66]. O Sorotipo 12F possui uma cepa associada a um clone PMEN que é a maior causa de doença em adultos no Japão, meningite na Polônia e surtos no Alasca[67-69]. Outros clones PMEN de relevância pós-vacina pertencem ao sorotipo 8 e aos sorotipos previamente mencionados 3 e 19A. Entre os isolados pertencentes a nossa população, também se destaca o sorotipo 20, porém pouco se sabe sobre sua habilidade de causar doença.

1.7. Técnicas de genotipagem de isolados de *S. pneumoniae*

Em monitoramentos epidemiológicos, a caracterização de populações,comparação com amostras pré-existentes,correlação com clones endêmicos internacionais e outras populações são os principais intuitos a serem alcançados, para que os dados obtidos permitam o estabelecimento de medidas adequadas de diminuição da incidência de doenças e contenção de possíveis surtos. Para atingir esses objetivos, as técnicas de *Pulsed-Field Gel Electrophoresis* e *Multi Locus Sequence Typing* são atualmente consideradas padrão ouro, fornecendo os subsídios necessários para tal[70].

A introdução de novas técnicas tem como principal objetivo suprir as desvantagens apresentadas pelas técnicas padrões e permitir a utilização em um maior número de laboratórios para a obtenção de dados epidemiológicos cada vez mais acurados.

1.7.1. PFGE

A técnica de eletroforese de campo pulsado (“*Pulsed-Field Gel Electrophoresis”* ou PFGE) foi descrita pela primeira vez em 1984 por Schwartz e

Cantor em leveduras[71]. A partir de então, esta técnica é empregada em inúmeros laboratórios para análise do DNA bacteriano na sua totalidade, principalmente em termos de epidemiologia local e caracterização de surtos. Para isso, uma massa bacteriana é emblocada em agarose e submetida à ação de enzimas líticas que permitirão que apenas o cromossomo fique intacto. Após estas etapas, o DNA é submetido à digestão por enzima de restrição por uma enzima de corte raro (no caso do pneumococo, *Sma*I) e os fragmentos por ela gerados são submetidos a eletroforese com alternância de orientação de campo elétrico, que permite a separação de fragmentos de elevado peso molecular (centenas de kilobases até megabases) por forçar estas moléculas a modificar constantemente a direção da migração no gele geram um padrão de bandas específico. As vantagens dessa técnica incluem a boa tipabilidade das amostras, elevado poder discriminatório e reprodutibilidade, porém é laboriosa, exigindo profissionais qualificados para executá-la, dispendiosa e de difícil comparação inter-laboratorial[63, 72, 73].

1.7.2. MLST

A tipagem por sequenciamento de múltiplos *loci* ("*Multi Locus Sequence Typing*" ou MLST) foi primeiramente descrita por Maiden em 1998 e adaptada no mesmo ano para pneumococos por Enright e Spratt[74, 75]. Através da amplificação e posterior sequenciamento de sete genes constitutivos, cada sequência nucleotídica tem um número alélico único, e a combinação dos sete genes gera uma sequência tipo ("*sequence type*" ou ST) que é comparada ao banco de dados existente (disponível em http://www.mlst.net) e novos números alélicos e STs são depositados nesse sítio eletrônico. As principais vantagens desse sistema são, como no PFGE, a boa tipabilidade das amostras, reprodutibilidade e poder discriminatório, tendo a vantagem em relação a técnica anterior, de permitir comparações em nível global das amostras caracterizadas, porém ainda é um processo dispendioso[70, 74, 75].

1.7.3. MLVA

A caracterização genotípica de isolados de *S. pneumoniae* também pode ser realizada através da analise de VNTRs ("*Variable Number of Tandem Repeats*"), que são sequencias curtas de DNA geralmente não codificante, que se repetem em

quantidade variável de forma contígua dentro de um *locus* gênico, sendo utilizada para analisar a diversidade de inúmeros micro-organismos como os patógenos entéricos *Escherichia coli* e *Salmonella enterica*, *Mycobacterium tuberculosis*e *Bacillus anthracis* e *Yersinia pestis*, notórios agentes utilizados em bioterrorismo[76-79].

Utilizando um sistema de PCR uniplex, seguido de eletroforese convencional, é possível detectar o número de repetições associadas ao *locus* de interesse, cuja combinação de vários *loci* gera um perfil que é adicionado a bases de dados com a finalidade de comparação internacional, possuindo um poder discriminatório maior ou comparável e elevada congruência às técnicas previamente descritas, sendo inclusive associada a subtipificação de amostras pertencentes ao mesmo ST, além de fácil execução e ser menos dispendioso e laborioso[70, 80-82].

A maior dificuldade de aplicação do MLVA deve-se a falta de padronização dos *loci* analisados. Um esquema de 18 reações proposto por Koeck em 2005 é atualmente o que possui maior poder discriminatório, que se adiciona a uma base de dados que analisa 17 dos *loci* (http://www.mlva.eu), sendo que outro estudo realizado pelo mesmo grupo descartou a utilização de um *locus* pela dificuldade de amplificação da cepa padrão utilizada como controle[80, 82]. A tentativa de instituição de esquemas que analisem um número menor de *loci* tem sido realizada, no intuito de diminuir ainda mais custos e tempo, porém não há consenso, pois cada combinação de cerca de 7 *loci* é convenientemente direcionada as particularidades de população estudada[70, 81, 82].

1.7.4. Comparação entre as técnicas de genotipagem

As três técnicas previamente descritas são extremamente úteis na comparação de isolados de *Streptococcus pneumoniae*, porém as técnicas padrão-ouro, por sua limitação financeira, são realizadas em sua maioria em laboratórios de pesquisa ou laboratórios de referência em epidemiologia, o que é um fator limitante na obtenção de dados em países com recursos financeiros escassos, onde geralmente a doença pneumocócica é um problema de saúde pública proeminente. Assim, a técnica de MLVA, por ser mais viável economicamente pode servir como uma alternativa para estes casos. Apesar de possuírem alvos diferentes, a congruência entre as três técnicas de acordo com um estudo realizado por Elberse em 2011 com um set de análise de 7*loci*, utilizando o coeficiente de Wallace para

comparação foi de 0,874(IC95%0.825–0.923) para a técnica de MLVA em relação ao MLST e de 0,465 (IC95% 0.396–0.535) em relação ao PFGE[70]. Cabe ressaltar que a dificuldade de estabelecer conjuntos de *loci* padrão devido a ausência de concordância entre os autores que trabalham com esta técnica dificulta a sua disseminação e consolidação, estando ainda aberta a modificações e otimizações. Estudo realizado por Van Cuyck em 2012 demonstra, comparando apenas as técnicas de MLVA com o MLST, não apenas com o esquema padrão composto por 17 *loci* também os esquemas de combinações de *7 loci* propostos por Koeck em 2008, Pichon em 2010, Elberse em 2011, mas também com uma proposiçãodo estudo de um esquema de 7 *loci* universal, coeficientes de correlação de Pearson de 66.8% para o set de 17 *loci*, 59% para o set de Koeck, 65,1% para o set de Pichon, 43,8% para o set de Elberse e 47,2% para o set estabelecido no estudo[70, 81, 82].

1.7.5. Genótipos de pneumococos no Brasil

Os estudos conduzidos no Brasil com a finalidade de caracterização de isolados de *S. pneumoniae* geralmente utilizam a sorotipagem e perfil de suscetibilidade a antimicrobianos para suas avaliações e comparações[46, 83-91]. Quando objetiva-se a analise genotípica desses isolados, recorre-se a técnica de PFGE como principal ferramenta[55, 92]. Porém, como foi previamente mencionado, a comparação entre os laboratórios é uma tarefa árdua e muitas vezes não passível de extrapolação e inferências a partir de dados de outros laboratórios, o que torna o PFGE mais indicado para a análise de surtos locais, perfis semelhantes de suscetibilidade a antimicrobianos ou características ímpares e análise epidemiológica temporal de amostras, realizada no mesmo local[82, 92].

A utilização da técnica de MLST como ferramenta na análise genotípica de isolados de pneumococo vem crescendo no país, porém ainda pouco se sabe sobre as STs prevalentes. Cabe ressaltar a importância de alguns estudos aqui conduzidos, como um realizado na cidade de Salvador por Lamaro-Cardozo em 2012, com o intuito de verificar a partir de um caso de meningite fatal os contatos colonizados do paciente e encontraram o sorotipo 22F pertencente a ST 6403 como sendo o causador do desfecho sendo também encontrado em dois indivíduos[93]. Outro estudo realizado em Salvador avaliou por PFGE e MLST amostras pertencentes ao sorotipo 6C entre amostras de portadores e com doença invasiva[66],

e mais um estudo realizado em favelas da mesma cidade avaliou a colonização utilizando como ferramentas BOX-PCR, PFGE e MLST[94]. No Rio de Janeiro, foi realizado um estudo para avaliar os genótipos de pneumococos isolados em pacientes com meningite apenas utilizando MLST[95]. Em Goiânia, foi realizado um trabalho para avaliar a população de crianças com colonização de nasofaringe também utilizando esta ferramenta[96]. Um estudo contemplando cinco países da América Latina (Argentina, Brasil, Colômbia, México e Uruguai) também teve como ferramenta principal esta técnica para a avaliação de pneumococos sensíveis a penicilina causadores de doença invasiva[97]. Todos os trabalhos previamente citados demonstram a crescente importância desta técnica no contexto epidemiológico brasileiro, porém existe uma restrição geográfica nos trabalhos devido a imensa dimensão territorial do país, já que apenas cidades das regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste foram contempladas, sendo que desta forma não se tem disponível características genotípicas dos pneumococos associados tanto a colonização quanto doença na região Sul, que é bastante acometida por este micro-organismo pelo clima mais frio em relação as outras.

Em relação a utilização da técnica de MLVA em estudos brasileiros, não se encontram trabalhos publicados até o momento, ressaltando-se desta forma a necessidade de que mais estudos sejam efetuados para o estabelecimento dos perfis predominantes no país, para que possa atuar como uma técnica alternativa ao MLST, já que todos os estudos realizados no país contaram com parceria de institutos internacionais de pesquisa para sua execução, o que reitera que as limitações desta técnica realmente inviabilizam a sua execução de forma mais disseminada.

2. JUSTIFICATIVA

A importância do monitoramento epidemiológico de isolados de *Streptococcus pneumoniae*tem sido demonstrada ao longo dos anos como crucial no estabelecimento de medidas de diminuição da incidência de doença, desenvolvimento de formulações imunoprofiláticas e controle da disseminação de sorotipos associados a resistência a antimicrobianos e desfechos graves. Desta forma, a caracterização por técnicas de biologia molecular vem se consolidando como ferramenta chave na construção do conhecimento da dinâmica genética desse micro-organismo e facilitando o entendimento de como ele ocorre, especialmente em sorotipos não presentes na PCV10, dada sua emergência associada a mecanismos de evasão vacinal.

3. OBJETIVOS

O objetivo geral do presente estudo foi avaliar os genótipos de pneumococos dos principais sorotipos que não integram a vacina 10-valente.

O objetivo específico do estudo foi:

-- Avaliar a utilização de um método alternativo para genotipagem de pneumococos (MLVA), comparando-o com os métodos padrão-ouro (PFGE e MLST).

4. ARTIGO CIENTÍFICO

Para atingir os objetivos previamente estabelecidos, o texto foi elaborado na forma do manuscrito intitulado "**How MLVA could be an important tool for the characterization of pneumococcal non-vaccine serotypes"** e será submetido apublicação na revista *Journal of Clinical Microbiology,* cujas normas estão apresentadas como anexo 1 deste documento.

HOW MLVA COULD BE AN IMPORTANT TOOL FOR THE CHARACTERIZATION OF PNEUMOCOCCAL NON-VACCINE SEROTYPES

Gabriela R. Cunha[a], Mariana P. Mott[a], Tatiana C. A. Pinto[b], Juliana Caierão[a], Paulina Hawkins[c], Pedro A. d'Azevedo[a], Lúcia M. Teixeira[b], Lesley McGee[d], Cícero A. G. Dias[a]

Departamento de Microbiologia e Parasitologia, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, RS 90050-170, Brazil[a] Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ 21941-902, Brazil[b]; Emory University, Atlanta USA[c]; Centers for Disease Control and Prevention, Atlanta USA[d].

Address correspondence to Cícero A. G. Dias: cicero@ufcspa.edu.br

Abstract

The aim of this study was to evaluate MLVA as an alternative method for the characterization of non-vaccine pneumococcal serotypes. Eighty-seven isolates from the pre (n = 23) and post-vaccination period (n = 64) collected between 2007 and 2012, predominantly from invasive sites (n = 83) were analyzed. Twenty-five isolates belong to serotype 3, 15 to serotype 12F, 15 to serotype 20, 13 to serotype 8, 11 to 19A, 5 to 6A and 3 to 6C. The MLST was consistent with PFGE and MLVA, and eight new STs were found and isolates associated with PMEN clones Denmark^{12F}-24, Netherlands^{8}-33, Netherlands^{3}-31 and Netherlands^{15B}-37 were also found. The MLVA has generated more discriminatory profiles with Simpson's diversity index of 0.986, followed by PFGE (0.962) and MLST (0.891). The diversity among the different sets of previously established MLVA showed little divergence, being Cuyck's set the most discriminatory (0.975), followed by Pichon's (0,972), Koeck's (0.967) and Elberse's (0.964). The coefficient of Wallace showed 100% of congruence between MLVA and MLST. The application of MLVA in a Brazilian region not studied yet and non-vaccine serotypes is the main contributions of the study, with a high discriminatory power and consistency with the gold standard techniques.

Keywords: *Streptococcus pneumoniae*, genotyping, non-vaccine serotypes, PFGE, MLVA, MLST.

Introduction

The epidemiologic relevance of *Streptococcus pneumoniae* is well recognized as its ability to cause severe disease in children and older adults[1-5]. Since the introduction of pneumococcal conjugate vaccines (PCV7, 10, and 13), incidence rates of pneumococcal diseases declined where health care system are effective[6,7]. Despite this positive effect in the decrease of invasive pneumococcal disease (IPD), it is well established that other pneumococcal serotypeswere not covered by vaccines may emerge, occupying the place of vaccine serotypes[8-13].

Despite the well established impact of PCV7 worldwide, few studies have assessed the impact of the introduction of PCV10 in the distribution of serotypes causing disease[6, 7, 14]. This vaccine includes PCV7 serotypes (4, 6B, 9V, 14, 18C, 19F e 23F) plus serotypes 1, 5 and 7F, which had significant prevalence in Brazil in the pre-PCV10 era[15], and was introduced in the public system in Brazil in 2010.

The introduction of molecular biology techniques have brought a great advance in knowledge and understanding of the population dynamics of pneumococcal disease and how it behaves after the introduction of the vaccines, representing a selective pressure. However, such processes are extremely unpredictable, and epidemiological monitoring of these bacteria must be carried out steadily over time[16-20]. Besides serotyping, the main techniques used for evaluation of the impact of introduction of the vaccine are Pulsed-field Gel Electrophoresis (PFGE) and Multi Locus Sequence Typing (MLST). These genotyping tools present high discriminatory power and typeability, being widely used for epimiological purposes. Both PFGE and MLST are, however, costly in technical and financial aspects[21, 22]. In Brazil, few studies used these techniques to analyze the dynamics of

pneumococci and most epidemiologic studies used only serotype and antimicrobial susceptibility profiles to characterize pneumococcal populations[14, 23-27]. The establishment of alternative methods has become necessary, since the countries most impacted by outcomes of pneumococcal disease do not usually have the resources to perform PFGE or MLST.

MLVA has shown promise in the epidemiological evaluation of isolates from patients affected by invasive and non-invasive pneumococcal disease. Applied to the study of population genetic structure of pneumococci belonging to the most frequently found serotypes, this tool shows a good congruence with PFGE and MLST, being cheaper, faster and with higher discriminatory power, leading to subtyping of clones previously characterized[21, 28]. Based on the evaluation of diversity in the number of VNTRs present in non-coding regions of DNA, MLVA has a well-established applicability in the characterization of numerous pathogens such as *Mycobacterium tuberculosis*, *E. coli*, *Salmonella enterica* and bioterrorism agents *Bacillus anthracis* e *Yersinia pestis*[29-32].

The aim of this study was to evaluate MLVA as an alternative for the characterization of pneumococci that are not included among conjugate vaccine serotypes.

Material and Methods

Isolate selection and study design: A previous study from our laboratory defined that serotypes 3, 6A, 6C, 8, 12F, 19A and 20 were the most commonly found among non-vaccine serotypes. We selected representative isolates belonging to these serotypes isolated from patients with invasive and non-invasive disease, in a

period comprising January 2007 to December 2012. Identification was confirmed through conventional tests ascolony morphology, optochin susceptibility and sodium deoxycholatelysis[33]. The isolates were maintained in skim milk with 10% of glycerol in -80°C freezer. A group of 25 isolates belonging to serotype 3, 15 to serotype 20, 15 to 12F, 13 to 8, 11 to 19A, five to 6A and three isolates to serotype 6C was studied. Regarding age, 23 patients had 65 years old or more, eight were aged five years or less and six were aged two years or less; the mean age of patients was 49.19 ± 23.25 (mean ± standard deviation) ranging from 0 to 85.

Serotyping: Serotyping was done by sequencial PCR multiplex[34] and by Quellung reaction using pool, type and factor specific antisera.

DNA Extraction: The DNA extraction was performed following CDC recommendations: one loop of a fresh growth of *S. pneumoniae* was suspended in 200 µL of 5% Chelex® 100 resin solution (Bio-Rad, Hercules, CA, USA) containing 200 µg/mL of Proteinase K (Invitrogen, Life Technologies, Carlsbad, CA, USA). The suspension was incubated at 56°C for 1 h and at 100°C for 10 min. The process was concluded by centrifugation at 12.000 rpm during 3 min, and the supernatant was stored at -20°C.

MLVA: MLVA was performed based on protocol designed by Koeck et al[28]. Briefly, the DNA were submittedto 18 simplex PCR reactions with 10ng of DNA, 200mM of each primer and 45 µL of Platinum® PCR Supermix (Invitrogen, Life Technologies, Carlsbad, CA, USA). Amplifications were done in GeneAmp® PCR System 9700 (Applied Biosystems, Inc, Carlsbad, CA, USA) using the *S. pneumoniae* ATCC BAA-255 (R6) strain as reaction control. The fragment size of each amplicon was analysed by electrophoresis in 2% agarose gel for all loci (with 100bp size ladder - Invitrogen, Life Technologies, Carlsbad, CA, USA) except locus

Spneu 41 and Spneu 42,which were analyzed in 4% agarose gel (with 10bp size ladder – Invitrogen, Life Technologies, Carlsbad, CA, USA), stained with 0,5 µg/mL ethidium bromide, under UV light and photographed on GelDoc™ XR System (Bio-Rad, Hercules, CA, USA). The results obtained were signed with Internal MLVA Type (IMT) composed of a letter (representing the serotype of the sample) followed by a number indicating the specific profile.

MLST: MLST was performed according to Enright & Spratt[35]. Alleles sequences were edited and complementary sense and antisense fragments were aligned using CodonCode Aligner. Allele profile and Sequence Type (ST) were obtained from the database of the MLST web site (www.mlst.net). In cases of new allele or ST, data were submitted for the approval of the curator before been published.

PFGE: PFGE was done according to Pinto et al[36] with some modifications based on McEllistrem and co-workers[37] previously study: a 7h *S. pneumoniae* grown was washed four times with 300µL of PIV (1 M NaCl, 10 mM Tris-HCl [pH 7.6]) before agarose plugs preparation, lysis was performed overnight at 50°C and incubations with ESP solution was performed two times for 2 h.

Data Analysis: MLVA and MLST numerical profiles and PFGE patterns were analysedusing Bionumerics version 7.1 (Applied Maths, Sint-Martens-Latem, Belgium).PFGE patterns were clustered by UPGMA. A dendrogram wasgenerated from a similarity matrix calculated using the Dice similarity coefficient. PFGE clusters were defined as isolates with a similarity of80% or higher on the dendrogram[38]. Clustering of MLST and MLVA types were represented in minimum spanning trees (MST) and clonal complexes (CC) were defined as isolates with a similarity of 70% or higher[28].

The diversity generated by PFGE, MLVA (sets of 18 loci and 7 loci established by van Cuyck in 2012, Koeck 2008, Elberse 2011 and Pichon 2010)[22, 28, 21, 39] and MLS was calculated by Simpson's Index of Diversity (SID) with confidence interval of 95% (95%CI) and congruence was calculated using Wallace coefficient with confidence interval of 95% (95%CI) available on line (http://www.comparingpartitions.info[21]).

Results

In a period of six years, 87 isolates were collected; of which 23 belong to the pre-vaccine period as is shown in Table 1. Most isolates were recovered from invasive sites (n=83), and that the predominant fluid is blood (n=62), followed by cerebrospinal fluid (n=18), pleural fluid (n=2), and peritoneal fluid (n=1). Two isolates were obtained from respiratory specimens. For the remaing two isolates, clinical specimen was not specified. The MLST showed results detailed in Table 2, and consistent with the two other techniques in terms of clustering but less discrimination of the formed groups (Figure 1). Eight new STs were found, three belonging to serotype 6A (ST8879, 8888 and 8892), two to serotype 19A (ST8800 and 8884), ST8887 to the 6C, ST8885 to 8 and ST8889 to serotype 20. It should also be noted that all strains of serotype 12F are ST218, which belongs to the international PMEN clone Denmark^{12F}- 24; the major clonal complex of serotype 8 belonged to ST53, which is assigned to PMEN clone Netherlands^{8}-33. Most of the isolates of serotype 3 belonged to ST180, associated with the PMEN clone Netherlands^{3}-31 and one of the singletons of serotype 19A belonged to ST199, associated with PMEN clone Netherlands^{15B}-37.

The dendrogram generated from PFGE profiles are shown in Figure 2. Seven isolates were not available for PFGE analysis, five belonging to serotype 3 and two to serotype 20. Detailing the analysis of clusters by serotype, PFGE was performed on 20 isolates of serotype 3 (Figure 2A), which were divided into four clonal groups (CG) and two singletons. The main clonal group consisted of six isolates of ST180, followed by one CG composed of four isolates of ST180, one CG consists of three samples belonging to ST 180, one CG composed of three isolates belonging to ST505, one CG with two isolates of ST1116, one singleton of ST180 and another to ST72. Isolates belonging to serotype 6A (Figure 2B), were grouped into one clonal group with isolates belonging to ST5576 and ST8879 and three singletons. Serotype 6C (Figure 2C) presents a CG consisting of three singletons. Serotype 8 (Figure 2D) had only a CG consisting of 11 isolates (ST53) and two singletons. Among isolates of serotype 20 (Figure 2E), all isolates were grouped in only one CG. The strains of serotype 19A were grouped into three singletons and two CG with three isolates (Figure 2F), one CG consists of isolates of ST2878 and the other by three isolates belonging to ST320 (two isolates) and ST8884. All strains of serotype 12F were grouped within the same CG (Figure 2G).

MLVA analysis generated dendrograms consistent with MLST results despite presenting a more discriminatory profile, as represented in the minimum spanning tree in Figure 3 (three isolates of serotype 8 were not recovered). It should be noted that serotype 6A presented two isolates with similar IMT profiles (more than 70% of similarity) and identical PFGE profiles belonging to different STs, representing a SLV. This event also occurs in ST8884 (serotype 19A) that is a SLV of ST320 showing similar IMT profiles and identical PFGE profiles.

The results of Simpson's Index of Diversity are shown in Table 3. The technique that determined a higher genetic diversity, taking into account all serotypes analyzed, was MLVA (0.986), followed by PFGE (0.962) and MLST (0.891). Genetic diversity of different sets of MLVA previously proposed by other authors showed little difference among them, van Cuyck's being the most discriminatory (0.975), followed by Pichon (0.972), Koeck (0.967) and Elberse (0.964).

Wallace coefficient, demonstrating congruence among the results of the techniques is presented in Table 4 where it can be seen that MLVA were 100% congruent with MLST and also showed consistent results PFGE relative to MLST but not as satisfactory.

Discussion

This study characterized genotypically seven non-PCV10 serotypes that were obtained pre- and post-vaccination with PCV10. Previous studies detected a remarkable emergence of serotypes such as 3 and 19A after the introduction of PCV7[40-45]. Other non-vaccine serotypes included 6A, often associated with resistance to penicillin and considered a pediatric serotype[14, 46]; 6C, associated with meningitis cases in northeast Brazil[47]; serotype 12F, associated with a PMEN resistant clones and characterized as a major cause of disease in adults in Japan, meningitis in Polland and outbreaks in Alaska[48-50], and serotype 8 also belonging to a PMEN clone. Little is known about serotype 20 and its ability to cause disease.

PFGE technique is often used in genotype analysis of bacterial isolates, but is the costly and presents difficulties in inter-laboratory comparison, being more appropriate for the analysis of local outbreaks, similar antimicrobial susceptibility

profiles or particularly sample characteristics and temporal epidemiological analysis of isolates obtained in the same location[22, 36, 51].

In Brazil, the vast majority of epidemiological studies aimed to characterize isolates of *S. pneumoniae* based on serotyping and antimicrobial susceptibility profiles[14, 23-27]. MLST is being used with increased frequency, despite its high cost[47, 52-56].

Our data shows that MLVA demonstrated a good level of congruence in relation to previous genotyping studies. In Elberse´s (2011) study in 2011, using the same coefficient for comparison purposes, found a Wallace index of 0.874 whenMLVA was compared to MLST, in our study it was 1.0. Wallace´s index for PFGE compared to MLST was 0.325 in Elberse (2011), and 0.964 in our study. This marked difference, however, may be due to the fact that number of isolates in our study is smaller and a limited number of serotypes has been investigated [21]. A study by Van Cuyck in 2012 also compared the congruence between MLST and MLVA techniques, but we used the Pearson correlation index and obtained congruence of 65.1% which is relatively low compared to the results of our study. Another hypothesis to be considered is that even considering the comparisons made by Van Cuyck in trying to establish a universal panel using seven loci compared to 18 used in our study. The panel of 17 loci obtained a correlation coefficient of 66.8% while the restricted panelestablished in that study had 47.2 % coefficient, compared to 65.1%, 43.8% obtain with other sets of primers[21, 22, 39].

In our study, seven loci panels established by the authors cited above, despite the use of different correlation coefficients for the analysis, proved to be more diverse than the Pearson coefficient of the isolates shown in a study by van Cuyck, which may be related to the particular characteristics of the population studied, isolates

belonging to one of the 10 STs with wider circulation in England and Wales[22]. As the MLST is a technique with less SID than MLVA as demonstrated in our study (SID 0.89) and also supported by the study conducted by Elberse et al. (SID 0.987), this could be a factor that would decrease the diversity of the population characterized by van Cuyck et al.[21,22]. In the study by Pichon and coworkers in 2010, 35 isolates from an outbreak were characterized by MLVA, this set, according to the author, presents a good analysis of diversity by discriminating samples belonging to the same serotype and ST[39],despite the set did not shown a diversity as high as the set of seven loci used by van Cuyck. Elberse's study in 2011 featured 263 carriage isolates between the 1996-2007, achieving a higher SID than that shown in our study (0.993 and 0.964, respectively). Factors that may contribute to the higher genetic diversity are longer study duration, higher sample size and the fact that nasopharyngeal samples are associated with a higher genetic diversity compared to isolates from IPD[21].

Some aspects that may favor the spread of MLVA in a global context include inter-laboratory comparison and portability. Besides this, MLVA does not need sophisticated equipment as PFGE and MLST, making it suitable for less resourced countries. The versatility of using different set of loci provides potential conditions to the characterization by this technique of previously recognized PMEN clones and unification of existing data.

This study has some limitations. Isolates were obtained by passive surveillance of pneumococcal disease, and since PCV10 was recently introduced in Brazil, further studies are necessary for a deeper analysis of the post-vaccine period. Besides this, the number of isolates from children was small in this study, making difficult to establish whether changes in pressure generally suffered from the

introduction of PCV10 as an indirect effect or whether other variables that have not been studied interfered in the process.

The major contribution of our study was to apply MLVA in a selected group of pneumococci from a not previously investigated region and belonging to serotypes not included in PCV-10 vaccine. The techniquehad already established relevance when applied in populations that also included vaccine serotypes; now our data indicate that it may be used in non-vaccines serotypes as well. MLVA presented congruence with other techniques and its high discriminatory power was confirmed in our setting.

References

1. **World Health Organization (WHO).** 2012. New and Under-utilized Vaccines Implementation (NUVI). *Streptococcus pneumoniae* (Pneumococcus). Available in: http://www.who.int/nuvi/pneumococcus/en/ (acessed in 19/11/2013).

2. **World Health Organization (WHO).** Immunization surveillance, assessment and monitoring. Available in: http://www.who.int/immunization_monitoring/burden/Pneumo_hib_estimates_2000/en/index.html (acessed in 23/11/2013).

3. **Organización Panamericana de la Salud.** 2013. Informe Regional SIREVA II 2012: Datos por país y por grupos de edad sobre las características de los aislamientos de *Streptococcus pneumoniae, Haemophilus influenzae* y *Neisseria meningitidis*, en procesos invasores. Washington, D.C.

4. **Andrade ALSS, Franco CM, Lamaro-Cardoso J, André MCDPB, Oliveira LLG, Kipnis A, Rocha CGBB, Andrade JG, Alves SLA, Park IH, Nahm MH, Almeida SG, Brandileone MCC**. 2010.Non-typeable *Streptococcus pneumoniae* carriage isolates genetically similar to invasive and carriage isolates expressing capsular type 14 in Brazilian infants.J Infect. **61**:314-22.

5. **Welte T, Torres A, Nathwani D.** 2012. Clinical and economic burden of community-acquired pneumonia among adults in Europe. Thorax **67**: 71-79.

6. **Harboe ZB, Valentiner-Branth P, Benfield TL, Christensen JJ, Andersen PH, Howitz M, Krogfelt KA, Lambertsen L, Konradsen HB.** 2010. Early effectiveness of heptavalent conjugate pneumococcal vaccination on invasive pneumococcal disease after the introduction in the Danish Childhood Immunization Programme. Vaccine **28**:2642–2647.

7. **Afonso ET, Minamisava R, Bierrenbach, AL, Escalante JJC, Alencar AP, Domingues CM, Morais-Neto OL, Toscano CM, Andrade AL**. 2013. Effect of 10-Valent pneumococcal vaccine on pneumonia among children, Brazil. Emerg Infect Dis. **19**: 589-597.

8. **Neves FPG, Pinto TCA, Corrêa MA, Barreto RA, Moreira LSG, Rodrigues HG, Cardoso CA, Barros RR, Teixeira LM.** 2013. Nasopharyngeal carriage, serotype distribution and antimicrobial resistance of *Streptococcus pneumoniae* among children from Brazil before the introduction of the 10-valent conjugate vaccine. BMC Infect Dis. **13**: 318.

9. **Oselka G.** 2003. Prevenção da doença pneumocócica no Brasil. J Pediatr (Rio J).**79**(3): 195-6.

10. **Yoshioka CR, Martinez MB, Brandileone MC, Ragazzi SB, Guerra ML, Santos SR, Shieh HH, Gilio AE**. 2011. Analysis of invasive pneumonia-causing strains of *Streptococcus pneumoniae*: serotypes and antimicrobial susceptibility. J Pediatr (Rio J). **87**(1):70-5.

11. **Isaacman DJ, Fletcher MA, Fritzell B, Ciuryla V, Schranz J.** 2007. Indirect effects associated with heptavalent pneumococcal conjugate vaccine (PCV7; Prevnar). Vaccine. **25**: 2420-27.

12. **Tsai CJ, Griffin MR, Nuorti JP, Grijalva CG.** 2008. Changing epidemiology of pneumococcal meningitis after the introduction of pneumococcal conjugate vaccine in the United States. Clin Infect Dis. **46**(11): 1664-72.

13. **Tyrell GJ, Lovgren M, Chui N, Minion J, Garg S, Kellner JD, Marrie TJ.** 2009. Serotypes and antimicrobial susceptibilities of invasive *Streptococcus pneumoniae* pre- and post-seven valent pneumococcal conjugate vaccine introduction in Alberta, Canada, 2000-2006. Vaccine. **27**(27):3553-60.

14. **Santos SR, Passadore LF, Takagi EH, Fujii CM, Yoshioka CR, Gilio AE, Martinez MB.** 2013. Serotype distribution of *Streptococcus pneumoniae* isolated from patients with invasive pneumococcal disease in Brazil before and after ten-pneumococcal conjugate vaccine implementation. Vaccine. **31**(51): 6150-4.

15. **Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde.** 2010. Proposta para a introdução da vacina pneumocócica 10-valente (conjugada) no calendário básico de vacinação da criança. Brasília, Brasil.

16. **Chiou AC, Andrade SS, Almeida SCG, Zanella RC, Andrade ALSS, Brandileone MCC.** 2008. Molecular assessment of invasive *Streptococcus*

pneumoniae serotype 1 in Brazil: evidence of clonal replacement. J Med Microbiol. **57**: 839-44.

17. **van der Poll T, Opal SM.** 2009. Pathogenesis, treatment, and prevention of pneumococcal pneumonia. Lancet. **374**: 1543–56.

18. **Weinberger DM, Malley R, Lipsitch M.** 2011. Serotype replacement in disease after pneumococcal vaccination. Lancet. **378**(9807): 1962-73.

19. **Jefferies JM, Smith AJ, Edwards GFS, McMenamin J, Mitchell TJ, Clarke SC.** 2010. Temporal analysis of invasive pneumococcal clones from Scotland illustrates fluctuations in diversity of serotype and genotype in the absence of pneumococcal conjugate vaccine. J Clin Microbiol. **48**(1):87-96.

20. **Steens A, Bergsaker MA, Aaberge IS, Rønning K, Vestrhein DF**. 2013. Prompt effect of replacing the 7-valent pneumococcal conjugate vaccine with the 13-valent vaccine on the epidemiology of invasive pneumococcal disease in Norway. Vaccine. **31**(52): 6232-8.

21. **Elberse KEM, Nunes S, Sá-Leão R, van der Heide HGJ, Scouls LM.** 2011. Multiple-locus variable number tandem repeat analysis for *Streptococcus pneumoniae*: comparison with PFGE and MLST. PLoS One. **6**:e19668.

22. **van Cuyck H, Pichon B, Leroy P, Granger-Farbos A, Underwood A, Soullié B, Koeck JL.** 2012. Multiple-locus variable-number tandem-repeat analysis of

Streptococcus pneumoniae and comparison with multiple loci sequence typing. BMC Microbiol. **12**: 241.

23. **Alvares JR, Mantese OC, Paula Ad, Wolkers PC, Almeida VVP, Almeida SC, Guerra MLLS, Brandileone MCC.** 2011. Prevalence of pneumococcal serotypes and resistance to antimicrobial agentes in patients with meningitis: tem-year analysis. Braz J Infect Dis. **15**(1): 22-7.

24. **Cardozo DM, Nascimento-Carvalho CM, Brandão MA, Azevedo GM, Ribeiro de Souza F, Silva NMS, Brandão AP, Andrade AL, Brandileone MCC**. 2006. Antimicrobial resistance and serotypes of nasopharyngeal strains of *Streptococcus pneumoniae* in Brazilian adolescents. Microb Drug Resist. **12**(1): 29-32.

25. **Mantese OC, de Paula A, Arantes A, Silveira HL, Almeida VVP, Brandileone MCC.** 2013. Status of pneumococcal pneumonia in a public hospital over a period of 12 years. J Immunol Tech Infect Dis. **2**: 2.

26. **Menezes APO, Campos LC, Santos MS, Azevedo J, Santos RC, Carvalho MGS, Beall BW, Martin SW, Salgado K, Reis MG, Ko AI, Reis JN.** 2011. Serotype distribution and antimicrobial resistance of *Streptococcus pneumoniae* prior to introduction of the 10-valent pneumococcal conjugate vaccine in Brazil, 2000-2007. Vaccine. **29**(6): 1139-44.

27. **Nascimento-Carvalho CN, Freitas-Souza LS, Moreno-Carvalho OA, Alves NN,Caldas RM, Barberino MG, Duarte J, Brandão MA, Mendonça DR, Silva A, Guerra ML, Brandileone MC, Di Fabio JL.** 2003. Invasive pneumococcal strains isolated from children and adolescentes in Salvador. J Pediatr (Rio J). **79**(3): 209-14.

28. **Koeck JL, Njanpop-Lafourcade BM, Cade S, Varon E, Sangare L, Valjevac S, Vergnaud G, Pourcel C**. 2005. Evaluation and selection of tandem repeat loci for *Streptococcus pneumoniae* MLVA strain typing. BMC Microbiol. **5:** 66. doi:10.1186/1471- 2180-5-66.

29. **van Belkum A, Scherer S, van Alphen L, Verbugh H.**1998. Short-sequence DNA repeats in prokaryotic genomes. Microbiol Mol Biol Rev. **62**(2): 275-93.

30. **Le Flèche P, Hauck Y, Onteniente L, Prieur A, Denoeud F, Ramisse V, Sylvestre P, Benson G, Ramisse F, Vergnauld G.** 2001. A tandem repeats database for bacterial genomes: application to the genotyping of *Yersinia pestis* and *Bacillus anthracis.* BMC Microbiol.**1:** 2.

31. **Le Flèche P, Fabre M, Denoeud F, Koeck JL, Vergnaud G**. 2002. High resolution, on-line identification of strains from the Mycobacterium tuberculosis complex based on tandem repeat typing. BMC Microbiol.**2**: 37.

32. **Vogler AJ, Keys C, Nemoto Y, Colman RE, Jay Z, Keim P.** 2006. Effect of repeat copy number on variable-number tandem repeat mutations in *Escherichia coli* O157:H7. J Bacteriol*.* **188**(12): 4253-63.

33. **Spellerberg B, Brandt C.** 2011. Streptococcus. In: Versalovic J, Carroll KC, Funke G, Jorgensen JH, Landry ML, Warnock DW. Manual of Clinical Microbiology, 10th ed., American Society for Microbiology, Washington, DC. 331-349.

34. **Dias CA, Teixeira LM, Carvalho MG, Beall B**. 2007. Sequential multiplex PCR for determining capsular serotypes of pneumococci recovered from Brazilian children. J. Med. Microbiol. **56:** 1185-8.

35. **Enright MC, Spratt BG.** 1998. A multilocus sequence typing scheme for *Streptococcus pneumoniae*: identification of clones associated with serious invasive disease. Microbiol. **144**: 3049-60.

36. **Pinto TCA, Souza ARV, de Pina SECM, Costa NS, Neto AAB, Neves FPG, Merquior VLC, Dias CAG, Peralta JM, Teixeira LM**. 2013. Optochin-Resistant *Streptococcus pneumoniae*: Phenotypic and molecular characterization of isolates from Brazil with description of five novel mutations in the *atpC* gene. J Clin Microbiol. **51**(10): 3242-9. doi: 10.1128/JCM.01168-13.

37. **McEllistrem MC, Stout JE, Harrison LH.** 2000. Simplified protocol for Pulsed-Field Gel Electrophoresis analysis of *Streptococcus pneumoniae*. J Clin Microbiol. **38**(1): 351-3.

38. **Tenover FC, Arbeit RD, Goering RV, Mickelsen PA, Murray BE, Persing DH, Swaminathan B.** 1995. Interpreting chromosomal DNA restriction patterns produced by pulsed-field gel electrophoresis: criteria for bacterial strain typing. J Clin Microbiol. **33**(9): 2233-9.

39. **Pichon B, Moyce L, Sheppard C, Slack M, Turbitt D, Pebody R, Spencer DA, Edwards J, Krahé D, George R.** 2010. Molecular typing of pneumococci for investigation of linked cases ok invasive pneumococcal disease.J Clin Microbiol.**48**(5): 1926-8.

40. **Brueggemann AB, Pai R, Crook DW, Bernard Beall B**. 2007. Vaccine escape recombinants emerge after pneumococcal vaccination in the United States. PLoS Pathog. **3**(11): 1628-36.

41. **Byington CL, Hulten KG, Ampofo K, Sheng X, Pavia AT, Blaschke AJ, Pettigrew M, Korgenski K, Daly J, Mason EO.** 2010. Molecular epidemiology of pediatric pneumococcal empyema from 2001 to 2007 in Utah. J Clin Microbiol. **48**: 520-5.

42. **Harboe ZB, Thomsen RW, Riis A, Valentiner-Branth P, Christensen JJ, Lambertsen L, Krogfelt KA, Konradsen HB, Benfield TL.** 2009.

Pneumococcal serotypes and mortality following invasive pneumococcal disease: a population-based cohort study. PloS Medicine **6**: 1-13.

43. **Brueggemann AB, Peto TEA, Crook DW, Butler JC, Kristinsson KG, Spratt BG.** 2004. Temporal and geographic stability of the serogroup specific invasive disease potential of *Streptococcus pneumoniae* in children. J Infect Dis. **190**: 1203-11.

44. **Jansen AGSC, Rodenurg GR, van der Ende A, van Alphen L, Veenhoven RH, Spanjaard L. Sanders EAM, Hak E**. 2009. Invasive pneumococcal disease among adults: association among serotypes, disease characteristics and outcome. Clin Infect Dis. **49**: e23-29.

45. **Inverarity D, Diggle M, Ure R, Johnson P, Altstadt P, Mitchell T, Edwards G, Santana-Hernandez D**. 2011. Molecular epidemiology and genetic diversity of pneumococcal carriage among children in Beni State, Bolivia. Trans R Soc Trop Med and Hyg. **105**: 445-451.

46. **von Gottberg A, Cohen C, de Gouveia L, Meiring S, Quan V, Whitelaw A, Crowther-Gibson P, Madhi AS, Whitney CG, Klugman KP**. 2013. Epidemiology of invasive pneumococcal disease in the pre-conjugate vaccine era: South Africa, 2003-2008. Vaccine. **31**(38): 4200-8. doi: 10.1016/j.vaccine.2013.04.077

47. **Campos LC, Carvalho MG, Beall BW, Cordeiro SM, Takahashi D, Reis MG, Ko AI, Reis JN**. 2009. Prevalence of *Streptococcus pneumoniae* serotype 6C among invasive and carriage isolates in metropolitan Salvador, Brazil, from 1996-2007. Diagn Microbiol Infect Dis. **65**(2): 112-5.

48. **Chiba N, Morozumi M, Sunaoshi K, Takahashi S, Takano M, Komori T, Sunakawa K, Ubukata K. IPD Surveillance Study Group**. 2010. Serotype and antibiotic resistance of isolates from patients with invasive pneumococcal disease in Japan. Epidemiol Infect. **138**: 61–68.

49. **Skoczyńska A, Sadowy E, Bojarska K, Strzelecki J, Kuch A, Gołębiewska A, Waśko I, Foryś M, van der Linden M, Hryniewicz W; Participants of laboratory-based surveillance of community acquired invasive bacterial infections (BINet).** 2011. The current status of invasive pneumococcal disease in Poland. Vaccine. **29**(11): 2199-205.

50. **Zulz T, Wenger JD, Rudolph K, Robinson A, Rakov AV, Bruden D, Singleton RJ, Bruce MG, Henessy TW.** 2013. Molecular Characterization of *Streptococcus pneumoniae* serotype 12F isolates associated with rural community outbreaks in Alaska. J Clin Microbiol. **51**: 1402-7.

51. **Mouro A, Kiffer C, Koga PC, Monteiro AM, Camargo EC, Pignatari AC**. 2011. Spatial exploration of *Streptococcus pneumoniae* clonal clustering in São Paulo, Brazil. Braz J Infect Dis. **15**(5): 462-6.

52. **Lamaro-Cardoso J, de Lemos AP, Carvalho MG, Pimenta FC, Roundtree A, Motta L, Vieira MA, Sgambatti S, Thörn LK, Pessoa-Junior V, Minamisava R, Harrison LH, Beall BW, Brandileone MCC, Andrade AL**. 2012. Molecular epidemiological investigation to determine de source of a fatal case of serotype 22F pneumococcal meningitis. J Med Microbiol. **61**(Pt 5): 686-92.

53. **Barroso DE, Godoy D, Castiñeiras TM, Tulenko MM, Rebelo MC, Harrison LH**. 2012. β-Lactam resistance, serotype distribution, and genotypes of meningitis-causing *Streptococcus pneumoniae*, Rio de Janeiro, Brazil. Pediatr Infect Dis J. **31**(1): 30-6.

54. **Pimenta FC, Carvalho MGS, Gertz RE Jr, Bastos-Rocha CGB, Oliveira LSC, Lacerda Pigosso L, Lima JA, Franco CM, Andrade AL, Beall BW**. 2011. Serotype and genotype distributions of pneumococcal carriage isolates recovered from Brazilian children attending day-care centres. J Med Microbiol. **60**(Pt10): 1455-9.

55. **Reis JN, Palma T, Ribeiro GS, Pinheiro RM, Ribeiro CT, Cordeiro SM, da Silva Filho HP, Moschioni M, Thompson TA, Spratt B, Riley LW, Barocchi MA, Reis MG, Ko AI**. 2008. Transmission of *Streptococcus pneumoniae* in an urban slum community. J Infect. **57**(3): 204-13.

56. **Zemlicková H, Crisóstomo MI, Brandileone MC, Camou T, Castañeda E, Corso A, Echániz-Aviles G, Pásztor M, Tomasz A.** 2005. Serotypes andclonal types of penicillin-susceptible *Streptococcus pneumoniae* causing invasive

disease in children in five Latin American countries. Microb Drug Resist. **11**(3): 195-204.

Tables

Table 1: Characteristics of the 87 clinical isolates recovered from Southern Brazil analized according their serotypes

Serotype	Number of Isolates	Pre-PCV10	IPD	Age ≤2 years	Age ≤5 years	Age ≥65 years	Average Age±SD
3	25	7	24*	2	3	9	49.87 ± 27.68
6A	5	3	4	1	1	1	39.80 ± 33.14
6C	3	1	2	1	1	0	39.33 ± 32.88
8	13	3	13	1	1	1	43.61 ± 19.32
20	15	4	15	0	0	7	61.27 ± 15.82
12F	15	4	14*	0	0	2	52.71 ± 11.14
19A	11	2	11	1	2	3	40.27 ± 26.92
TOTAL	87	23	83	6	8	23	49.19 ± 23.25

Legend:

IPD Invasive Pneumococcal Disease

SD Standard Deviation

* Data not available for one isolate

Table 2: Distribution of MLST, MLVA and PFGE profiles among evaluated serotypes

Sorotipo	ST(n)	Perfil de MLVA	Perfil de PFGE
3	180 (18)	E1 (2), E2, E3, E4, E5, E6, E7, **E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14, E15, E16**, E34	**E1, E3 (2), E4 (2), E5 (2), E6 (2), E7**, E9 (3), E10, NA(4)
	505 (3)	**E28, E29, E30**	**E12, E13 (2)**
	1116 (3)	**E31, E32, E33**	**E14, E15**, NA (1)
	72 (1)	E35	E16
6A	5576 (1)	A5[a]	A4
	1939 (1)	A9	A10
	8879 (1)	A6[a]	A4
	8888 (1)	A10	A1
	8892 (1)	A8	A11
6C	172 (1)	C1	C3
	8887 (1)	C7	C1
	3930 (1)	C5	C6
8	53 (11)	**D1 (4), D2, D3, D4, D5, D6,**NA(2)	**D3 (5), D4, D5 (5)**
	404 (1)	NA	D1
	8885 (1)	D7	D2
20	8889 (15)	**B1 (2), B2 (8), B3, B4, B5, B6, B7**	**B1, B2, B3 (11),**NA(2)
12F	218 (15)	**F1, F2, F3, F4, F5, F6, F7 (2), F8 (4), F9, F10,** F11	F1 (2), F2, F3 (8), F5 (3), F6
19A	2878 (4)	**G1 (2), G2,** G13	**G5 (3)**, G2
	320 (2)	**G8[a], G11[a]**	**G6, G7**
	8800 (1)	G4	G1
	8884 (1)	G10[a]	G6
	733 (1)	G5	G3
	4967 (1)	G3	G9
	199 (1)	G14	G4

Legend:

NA: Data not available

[a]: isolates with ≥70% of similatity between them in the respective serotype

Bold profiles belong to same clonal group according to the technique used.

Table 3: Simpson's Index of Diversity of the different typing methods

Method	N of types	SID	CI (95%)
MLST	23	0.891	(0.857-0.925)
MLVA	62	0.986	(0.973-0.999)
PFGE	40	0.962	(0.941-0.983)
Elberse's MLVA Set[21]	41	0.964	(0.945-0.983)
Pichon's MLVA Set[39]	48	0.972	(0.955-0.988)
Koeck's MLVA Set[28]	41	0.967	(0.951-0.983)
van Cuyck's MLVA Set[22]	45	0.975	(0.961-0.988)

Legend:

SID= Simpson's Index of Diversity

CI=Confidence Interval

Table 4: Congruence between typing methods by Wallace coefficients

	PFGE	MLVA	MLST
PFGE		0.295 (0.107-0.482)	0.964 (0.943-0.985)
MLVA	0.786 (0.684-0.887)		1.000 (1.000-1.000)
MLST	0.339 (0.228-0.449)	0.132 (0.043-0.220)	

Figure Legends

Figure 1: Minimum Spanning Tree generated of analysis of MLST with presence of PMEN clones.

Legend: Grey shadows represents profiles belonging to same clonal group. The size of the circle represents the number of isolates belonging to the same profile.

Figure 2: Dendrogram generated of PFGE profiles of serotypes:

Figure 2A: Serotype 3

Legend: Optimization 0.5% and tolerance 1%

Figure 2B: Serotype 6A

Legend: Optimization 0.5% and tolerance 1%

Figure 2C: Serotype 6C

Legend: Optimization 0.5% and tolerance 1.5%

Figure 2D: Serotype8

Legend: Optimization 0.5% and tolerance 1.5%

Figure 2E: Serotype 20

Legend: Optimization 0.5% and tolerance 1.5%

Figure 2F: Serotype19A

Legend: Optimization 0.5% and tolerance 1%

Figure 2G: Serotype 12F

Legend: Optimization 0.5% and tolerance 1.5%

Figure 3: Minimum Spanning Tree generated of analysis of MLVA profiles.

Legend: Grey shadows represents profiles belonging to same clonal group. The size of the circle represents the number of isolates belonging to the same profile.

Figure 1

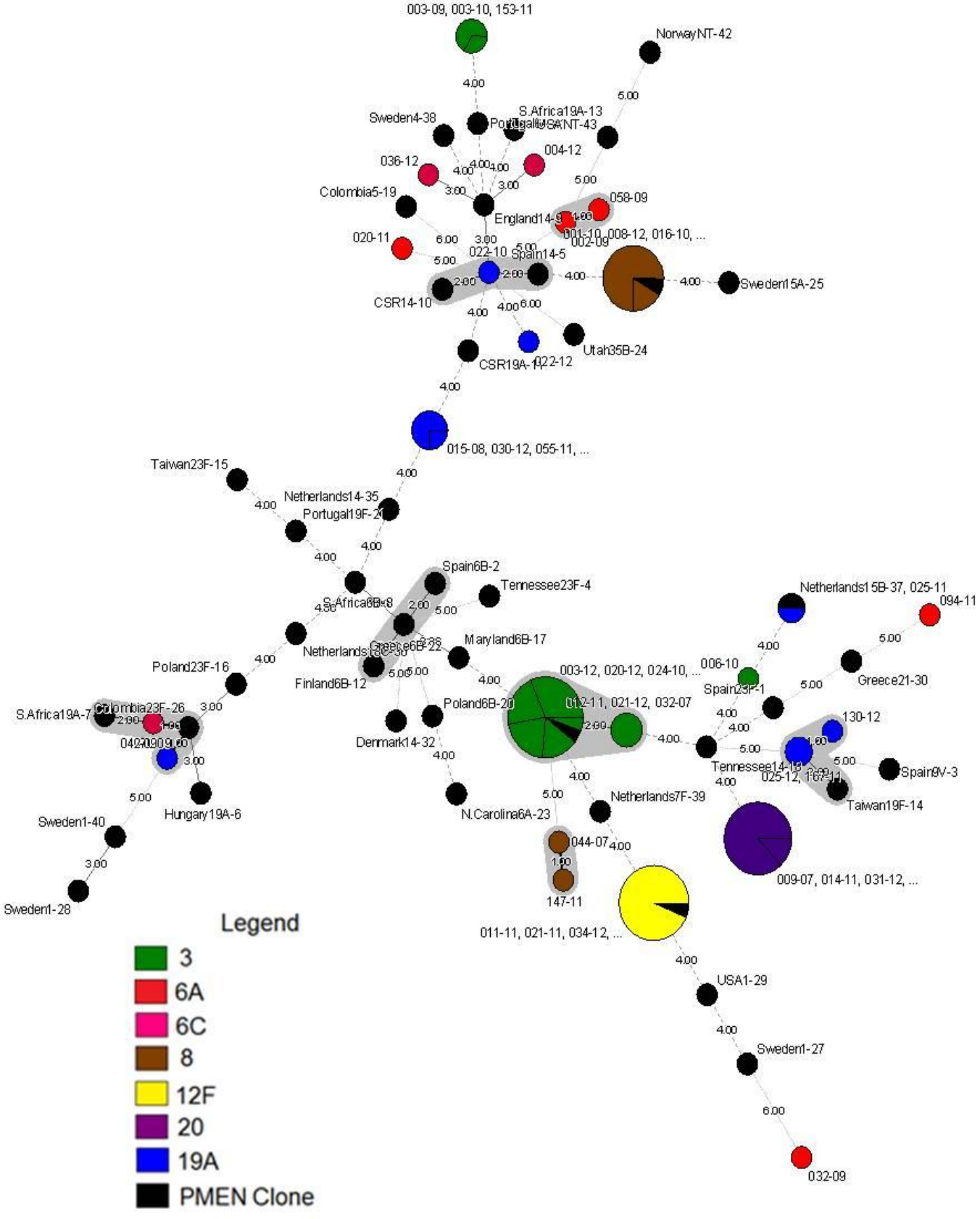

003-09, 003-10, 153-11
NorwayNT-42
Sweden4-38
S.Africa19A-13
PortugalUSANT-43
004-12
036-12
Colombia5-19
England14-9
058-09
001-10, 008-12, 016-10, ...
002-09
020-11
022-10
Spain14-5
Sweden15A-25
CSR14-10
Utah35B-24
CSR19A-11
022-12
015-08, 030-12, 055-11, ...
Taiwan23F-15
Netherlands14-35
Portugal19F-24
Spain6B-2
Tennessee23F-4
Netherlands15B-37, 025-11
094-11
Maryland6B-17
Greece21-30
006-10
Spain23F-1
003-12, 020-12, 024-10, ...
Poland23F-16
Finland6B-12
012-11, 021-12, 032-07
130-12
S.Africa19A-7
Colombia23F-26
Poland6B-20
Denmark14-32
Tennessee14-18
025-12, 167-11
Spain9V-3
Taiwan19F-14
Hungary19A-6
Sweden1-40
N.Carolina6A-23
Netherlands7F-39
044-07
147-11
009-07, 014-11, 031-12, ...
011-11, 021-11, 034-12, ...
USA1-29
Sweden1-27
Sweden1-28
032-09
Legend
3
6A
6C
8
12F
20
19A
PMEN Clone

Figure 2A:

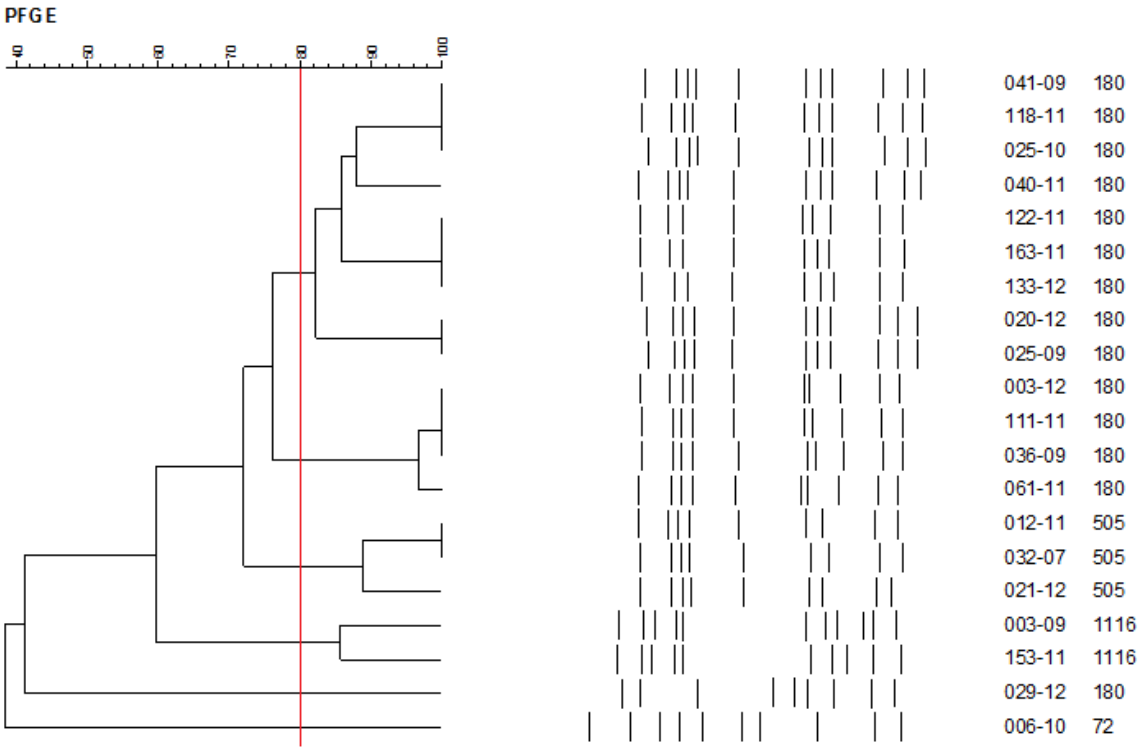

PFGE
041-09 180
118-11 180
025-10 180
040-11 180
122-11 180
163-11 180
133-12 180
020-12 180
025-09 180
003-12 180
111-11 180
036-09 180
061-11 180
012-11 505
032-07 505
021-12 505
003-09 1116
153-11 1116
029-12 180
006-10 72

Figure 2B:

Figure 2C:

Figure 2D:

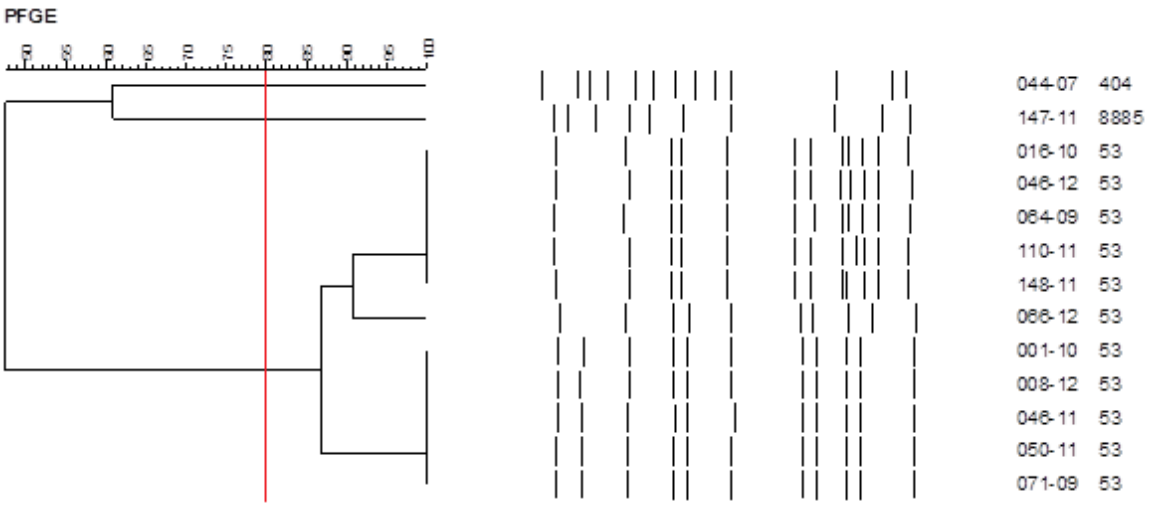

PFGE
044-07 404
147-11 8885
016-10 53
046-12 53
064-09 53
110-11 53
148-11 53
066-12 53
001-10 53
008-12 53
046-11 53
050-11 53
071-09 53

Figure 2E:

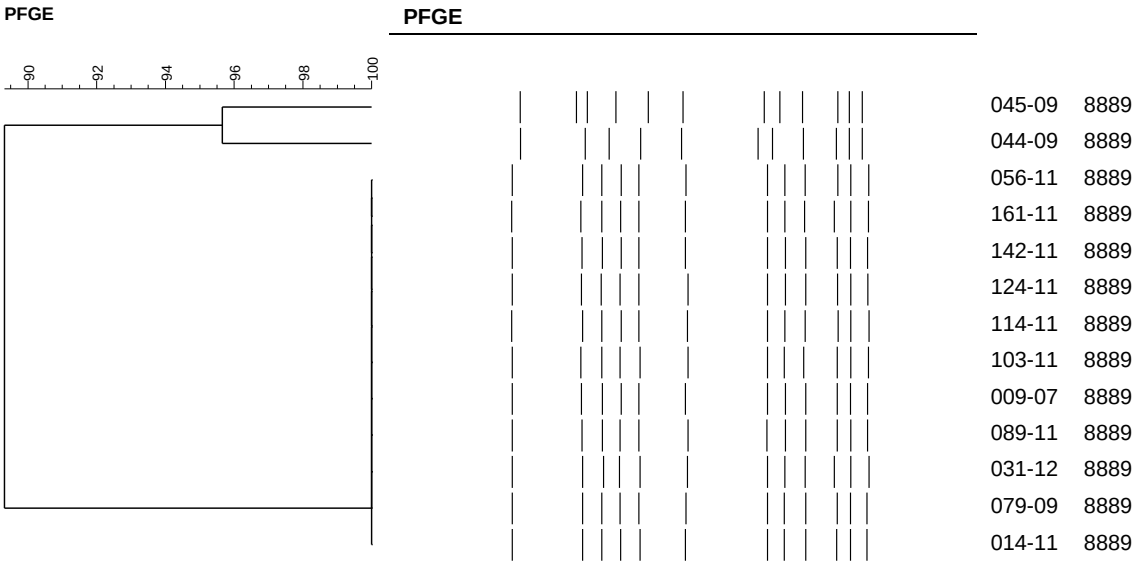

PFGE
90
92
94
96
98
100
PFGE
045-09 8889
044-09 8889
056-11 8889
161-11 8889
142-11 8889
124-11 8889
114-11 8889
103-11 8889
009-07 8889
089-11 8889
031-12 8889
079-09 8889
014-11 8889

Figure 2F:

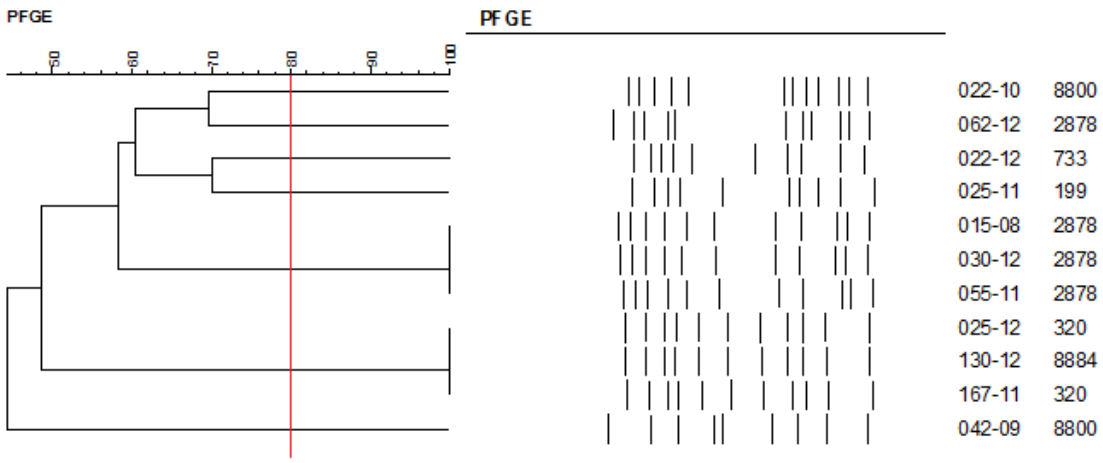

PFGE
50
60
70
80
90
100
PFGE
022-10 8800
062-12 2878
022-12 733
025-11 199
015-08 2878
030-12 2878
055-11 2878
025-12 320
130-12 8884
167-11 320
042-09 8800

Figure 2G:

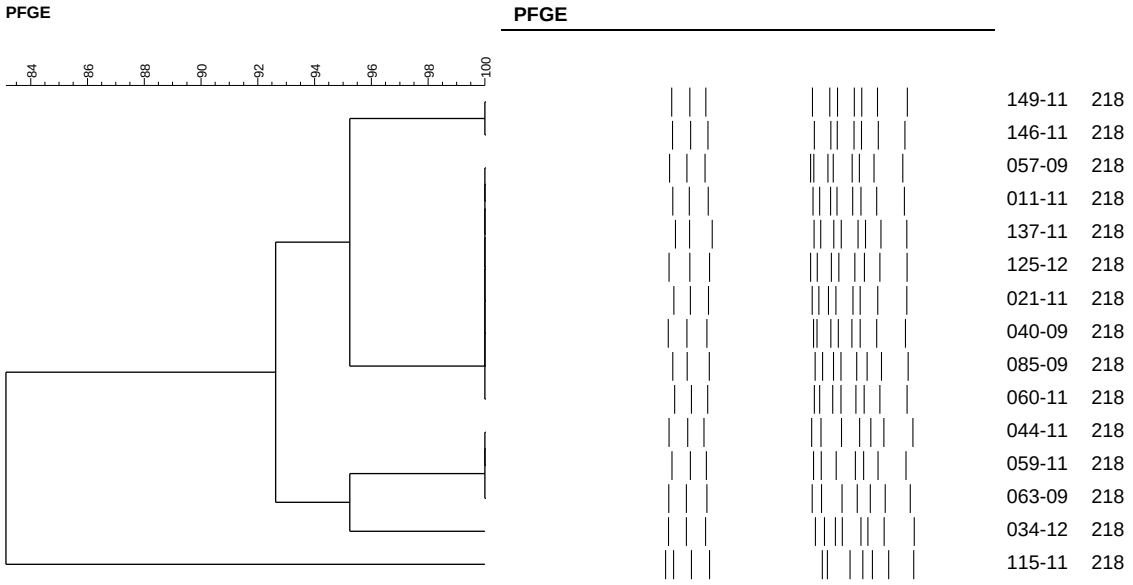
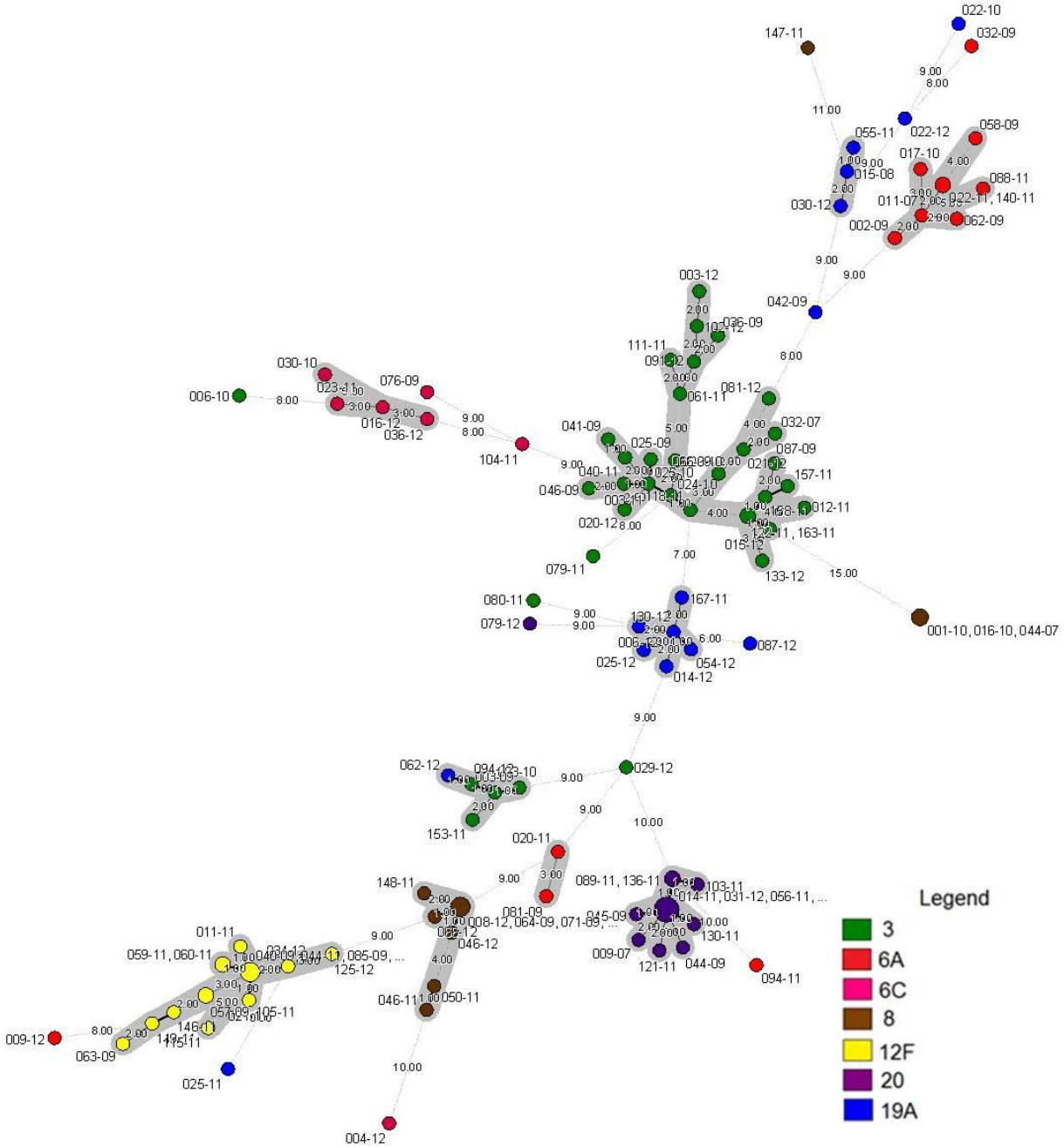

PFGE
84
86
88
90
92
94
96
98
100
PFGE
149-11 218
146-11 218
057-09 218
011-11 218
137-11 218
125-12 218
021-11 218
040-09 218
085-09 218
060-11 218
044-11 218
059-11 218
063-09 218
034-12 218
115-11 218

Figure 3:



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Andrade ALSS, Franco CM, Lamaro-Cardoso J, André MCDPB, Oliveira LLG, Kipnis A, et al.Non-typeable *Streptococcus pneumoniae* carriage isolates genetically similar to invasive and carriage isolates expressing capsular type 14 in Brazilian infants.*J Infect*. 2010; 61:314-22.

2. Austrian R. A brief story of pneumococcal vaccines. *Drugs Aging*. 1999. 15 (Suppl 1): 1-10

3. Brandileone MC, Andrade ALSS, Di Fabio JL, Guerra MLLS, Austrian , Austrian R. Appropriateness of a pneumococcal conjugate vaccine in Brazil: potential impact of age and clinical diagnosis, with emphasis on meningitis. *JID.* 2003; 187: 1206-12.

4. World Health Organization (WHO). New and Under-utilized Vaccines Implementation (NUVI). *Streptococcus pneumoniae* (Pneumococcus). WHO 2012. Disponível em: http://www.who.int/nuvi/pneumococcus/en/ (acessado em 19/11/2013).

5. World Health Organization (WHO). Immunization surveillance, assessment and monitoring. Disponível em: http://www.who.int/immunization_monitoring/burden/Pneumo_hib_estimates_2000/en/index.html (acessado em 23/11/2013).

6. Organización Panamericana de la Salud. Informe Regional SIREVA II 2012: Datos por país y por grupos de edad sobre las características de los aislamientos de *Streptococcus pneumoniae, Haemophilus influenzae* y *Neisseria meningitidis*, en procesos invasores. Washington, D.C. 2013.

7. Datasus. Informações de Saúde. Epidemiológicas e Morbidade. Disponível em: http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0203 (acessado em 23/11/2013).

8. Vila-Corcoles A, Salsench E, Rodrigues-Blanco T, Ochoa-Gondar O, de Diego C, Valdivieso A, et al. Clinical effectiveness of 23-valent pneumococcal polysaccharide vaccine against pneumonia in middle-aged and older adults: a mached case-control study. *Vaccine*. 2009; 27(10): 1504-10.

9. Arbique JC, Poyart C, Trieu-Cuot P, Quesne G, Carvalho MGS, Steigerwalt AG, et al. Accuracy of phenotypic and genotypic testing for identification of *Streptococcus pneumoniae* and description of *Streptococcus pseudopneumoniae* sp. nov. *J Clin Microbiol*. 2004; 42(10):4686-96.

10. Austrian R. The pneumococcus at the millennium: not down, not out. *JID*. 1999; 179 (Suppl 2): S338-41.

11. Ash SY, Sheffield JVL. Pneumococcus.*Med Clin N Am.* 2013; 97:647–66.

12. Kadioglu A, Weiser JN, Paton JC, Andrew PW. The role of *Streptococcus pneumoniae* virulence factors in host respiratory colonization and disease**.***Nat Rev Microbiol*. 2008; 6: 288–301.

13. Neves FPG, Pinto TCA, Corrêa MA, Barreto RA, Moreira LSG, Rodrigues HG, et al. Nasopharyngeal carriage, serotype distribution and antimicrobial resistance of *Streptococcus pneumoniae* among children from Brazil before the introduction of the 10-valent conjugate vaccine. *BMC Infect Dis*. 2013; 13: 318.

14. Cardozo DM, Nascimento-Carvalho CM, Andrade ALSS, Silvany-Neto AM, Daltro CHC, Brandão MAS, et al. Prevalence and risk factors for nasopharyngeal carriage of *Streptococcus pneumoniae* among adolescents. *J Med Microbiol*. 2008; 57:185-9.

15. Bogaert D, De Groot R, Hermans PWM. *Streptococcus pneumoniae* colonisation: the key to pneumococcal disease. *Lancet Infect Dis.* 2004; 4:144–54.

16. Murray PR, Rosenthal KS, Pfaller MA. Microbiologia Médica. 6ª ed. Rio de Janeiro 2011.

17. Spellerberg B, Brandt C. Streptococcus. In: Versalovic J, Carroll KC, Funke G, Jorgensen JH, Landry ML, Warnock DW. *Manual of Clinical Microbiology*, 10th ed., American Society for Microbiology, Washington, DC. 2011; 331-349.

18. Fenoll A, Muñoz R, Garcia E, de la Campa AG. Molecular basis of the optochin-sensitive phenotype of pneumococcus: characterization of the genes encoding the F_0 complex of the *Streptococcus pneumoniae* and *Streptococcus oralis* H(+)-ATPases. *Mol Microbiol.* 1994; 12:587-98.

19. Dias CA, Agnes G, Frazzon AP, Kruger AP, d'Azevedo PA, Carvalho MGS, Facklam RR, Teixeira LM. Diversity of mutations in the *atpC* gene coding for the *c* subunit of F_0F_1 ATPase in clinical isolates of optochin-resistant *Streptococcus pneumoniae* from Brazil. *J Clin Microbiol*. 2007; 45(9): 3065-7.

20. Pinto TCA, Souza ARV, Pina SECM, Costa NS, Neto AAB, Neves FPG, et al. Optochin-Resistant *Streptococcus pneumoniae*: Phenotypic and Molecular Characterization of Isolates from Brazil with Description of Five Novel Mutations in the *atpC* Gene. *J Clin Microbiol.* 2013; 51(10): 3242-9.

21. Mosser JL, Tomasz A, Choline-containing teichoic acid as a structural component of pneumococcal cell wall and its tole in sensitivity to lysis by an autolytic enzyme. *J Biol Chem.* 1970; 245(2): 287-98.

22. Díaz E, López R, García JL. Role of the major pneumococcal autolysin in the atypical response of a clinical isolate of *Streptococcus pneumoniae. J Bacteriol*. 1992; 174(17): 5508-15.

23. Obregón V, García P, García E, Fenoll A, López R, García JL. Molecular peculiarities of the*lytA* gene isolated from clinical pneumococcal strains that are bile insoluble. *J Clin Microbiol*. 2002; 40(7): 2545-54.

24. Imai S, Ito Y, Ishida T, Hirai T, Ito I, Yoshimura K, et al. Distribution and clonal relationship of cell surface virulence genes among *Streptococcus pneumoniae* isolates in Japan. *Clin Microbiol Infect*. 2011; 17(9): 1409-14.

25. Mitchell AM, Mitchell TJ. *Streptococcus pneumoniae***:** virulence factors and variation. *Clin Microbiol Infect*. 2010; 16: 411–8.

26. Calix JJ, Porambo RJ, Brady AM, Larson TR, Yother J, Abeygunwardana C, et al. Biochemical, genetic and serological characterization of two capsule subtypes among *Streptococcus pneumoniae* serotype 20 strains: discovery of a new pneumococcal serotype. *J Biol Chem.* 2012; 287(33): 27885-94.

27. Yother J. Capsules of *Streptococcus pneumoniae* and other bacteria: paradigms for polysaccharide biosynthesis and regulation. *Annu Rev Microbiol.* 2011; 65: 563-81.

28. Slotved HC, Kaltoft M, Skovsted IC, Kerrn MB, Espersen F. Simple, rapid latex agglutination test for serotyping of pneumococci (Pneumotest-Latex). *J Clin Microbiol.* 2004; 42(6): 2518-22.

29. Pickering JW, Martins TB, Greer RW, Schroder MC, Astill ME, Litwin CM, et al. A multiplexed fluorescent microsphere immunoassay for antibodies to pneumoco ccal capsular polysaccharides. *Am J Clin Pathol.* 2002; 117(4):589-96.

30. Pai R, Gertz RE, Beall B. Sequential multiplex PCR approach for determining capsular serotypes of *Streptococcus pneumoniae* isolates. *J Clin Microbiol*. 2006. 44:124-31.

31. Dias CA, Teixeira LM, Carvalho MG, Beall B. Sequential multiplex PCR for determining capsular serotypes of pneumococci recovered from Brazilian children*. J Med Microbiol*. 2007; 56:1185-1188.

32. Eichmann K, Krause RM. Fred Neufeld and pneumococcal serotypes: foundations for the discovery of the transforming principle. *Cell Mol Life Sci.* 2013; 70: 2225-36.

33. Ligon BL. Penicillin: Its Discovery and Early Development. *Semin Pediatr Infect Dis.* 2004; 15(1): 52-7.

34. van der Poll T, Opal SM. Pathogenesis, treatment, and prevention of pneumococcal pneumonia. *Lancet.* 2009; 374: 1543–56.

35. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Use of 13-valent pneumococcal conjugate vaccine and 23-valent pneumococcal polysaccharide vaccine among children aged 6-18 years with immunocompromising conditions: recommendations of the Advisory Committee on Immunization Practices (ACIP). *MMWR Morb Mortal Wkly Rep.* 2013; 62 (25): 521-4.

36. Roux A, Schmöle-Thoma B, Siber GR, Hackell JG, Kuhnke A, Ahlers N, et al. Comparison of pneumococcal conjugate polysaccharide and free polysaccharide vaccines in elderly adults: conjugate vaccine elicits improved antibacterial immune responses an immunological memory. *Clin Infect Dis.* 2008; 46(7): 1015-23.

37. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Progress in introduction of pneumococcal conjugate vaccine – worldwide, 2000-2012. *MMWR Morb Mortal Wkly Rep.* 2013; 62(16): 308-11.

38. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Pneumococcal Disease. [homepage na internet] Disponível em: http://www.cdc.gov/vaccines/pubs/pinkbook/downloads/pneumo.pdf (acessado em 03/12/2013).

39. Nuorti JP, Whitney CG; Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Prevention of pneumococcal disease among infants and children – use of 13-valent pneumococcal conjugate vaccine and 23-valent pneumococcal polysaccharide vaccine – recommendations of the Advisory Committee on Imunization Practices (ACIP). *MMWR Recomm Rep.* 2010; 10: 59 (RR-11):1-18.

40. Oselka G. Prevenção da doença pneumocócica no Brasil. *J Pediatr (Rio J). 2003;* 79(3): 195-6.

41. Musher DM, Sampath R, Rodriguez-Barradas MC. The potential role for protein-conjugate pneumococcal vaccine in adults: what is the supporting evidence? *Clin Infect Dis*. 2011; 52(5): 633-40.

42. Moretti GRF, Pereira JL, Sakae TM, Silva RM. Vacina pneumocócica: histórico, indicações clássicas e efeitos indiretos. *Pulmão RJ*. 2007; 16(2-4): 91-6.

43. Ridda I, Macintyre CR, Lindley R, Gao Z, Sullivan JS, Yuan FF, et al. Immunological responses to pneumococcal vaccine in frail older people. *Vaccine.*2009; 27(10): 1628-36.

44. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Proposta para a introdução da vacina pneumocócica 10-valente (conjugada) no calendário básico de vacinação da criança. Brasília, 2010.

45. Ministério da Saúde. Calendário Básico de Vacinação da Criança. Brasil, 2012. Disponível em: http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/arquivos/pdf/2012/Jan/18/calendario_180112.pdf (acessado em 05/12/13).

46. Santos SR, Passadore LF, Takagi EH, Fujii CM, Yoshioka CR, Gilio AE, et al. Serotype distribution of *Streptococcus pneumoniae* isolated from patients with invasive pneumococcal disease in Brazil before and after ten-pneumococcal conjugate vaccine implementation. *Vaccine*. 2013; 31(51): 6150-4.

47. Harboe ZB, Valentiner-Branth P, Benfield TL, Christensen JJ, Andersen PH, Howitz M, et al. Early effectiveness of heptavalent conjugate pneumococcal vaccination on invasive pneumococcal disease after the introduction in the Danish Childhood Immunization Programme. *Vaccine.* 2010; 28: 2642-7.

48. Tsai CJ, Griffin MR, Nuorti JP, Grijalva CG. Changing epidemiology of pneumococcal meningitis after the introduction of pneumococcal conjugate vaccine in the United States. *Clin Infect Dis.* 2008; 46(11): 1664-72.

49. Isaacman DJ, Fletcher MA, Fritzell B, Ciuryla V, Schranz J. Indirect effects associated with heptavalent pneumococcal conjugate vaccine (PCV7; Prevnar). *Vaccine*. 2007. 25: 2420-27.

50. Tyrell GJ, Lovgren M, Chui N, Minion J, Garg S, Kellner JD, et al. Serotypes and antimicrobial susceptibilities of invasive *Streptococcus pneumoniae* pre- and post-seven valent pneumococcal conjugate vaccine introduction in Alberta, Canada, 2000-2006. *Vaccine*. 2009; 27(27):3553-60.

51. Yoshioka CR, Martinez MB, Brandileone MC, Ragazzi SB, Guerra ML, Santos SR, et al. Analysis of invasive pneumonia-causing strains of *Streptococcus pneumoniae*: serotypes and antimicrobial susceptibility. *J Pediatr (Rio J)*. 2011; 87(1):70-5.

52. Weinberger DM, Malley R, Lipsitch M. Serotype replacement in disease after pneumococcal vaccination. *Lancet.* 2011; 378(9807): 1962-73.

53. Brueggemann AB, Pai R, Crook DW, Bernard Beall B. Vaccine escape recombinants emerge after pneumococcal vaccination in the United States. *PLoS Pathog*. 2007; 3(11): 1628-36.

54. Byington CL, Hulten KG, Ampofo K, Sheng X, Pavia AT, Blaschke AJ et al. Molecular epidemiology of pediatric pneumococcal empyema from 2001 to 2007 in Utah. *J Clin Microbiol*. 2010; 48:520-5.

55. Chiou AC, Andrade SS, Almeida SCG, Zanella RC, Andrade ALSS, Brandileone MCC. Molecular assessment of invasive *Streptococcus pneumoniae* serotype 1 in Brazil: evidence of clonal replacement. J Med Microbiol. 2008; 57: 839-44.

56. Jefferies JM, Smith AJ, Edwards GFS, McMenamin J, Mitchell TJ, Clarke SC. Temporal analysis of invasive pneumococcal clones from Scotland illustrates fluctuations in diversity of serotype and genotype in the absence of pneumococcal conjugate vaccine. *J Clin Microbiol.* 2010. 48(1):87-96.

57. Steens A, Bergsaker MA, Aaberge IS, Rønning K, Vestrhein DF. Prompt effect of replacing the 7-valent pneumococcal conjugate vaccine with the 13-valent vaccine on the epidemiology of invasive pneumococcal disease in Norway. *Vaccine.* 2013; 31(52): 6232-8.

58. Hanage WP, Kaijalainen TH, Syrjänen RK, Auranen K, Leinonen M, Mäkelä PH, et al. Invasiveness of serotypes and clones of *Streptococcus pneumoniae* among children in Finland. *Infect Immun*. 2005; 73(1): 431-5.

59. Hsieh YC, Lin TL, Chang KY, Huang YC, Chen CJ, Lin TY, et al. Expansion and evolution of *Streptococcus pneumoniae* serotype 19A ST320 clone as compared to its ancestral clone Taiwan^{19F}-14 (ST 236). *J Infect Dis*. 2013; 208(2): 203-10.

60. Rudolph K, Bruce MG, Bulkow L, Zulz T, Reasonover A, Harker-Jones M, et al. Molecular epidemiology of serotype 19A *Streptococcus pneumoniae* among invasive isolates from Alaska, 1986-2010. *Int J Circumpolar Health.* 2013; 72: 20854.

61. Croucher NJ, Finkelstein JA, Pelton SI, Mitchell PK, Lee GM, Parkhill J, Bentley SD, Hanage WP, Lipsitch M. Population genomics of post-vaccine changes in pneumococcal epidemiology. *Nat Genet.* 2013; 45(6): 656-63.

62. Elberse KEM, van der Heide HGJ, Witteveen S, van der Pol, Schot S, van der Ende A, et al. Changes in the composition of the pneumococcal population and in IPD incidence in The Netherlands after the implementation of the 7-valent pneumococcal conjugate vaccine. *Vaccine*. 2012; 30: 7644-51.

63. McGee L, McDougal L, Zhou J, Spratt BG, Tenover FC, George R, et al. Nomenclature of major antimicrobial-resistant clones of *Streptococcus pneumoniae* defined by the Pneumococcal Molecular Epidemiology Network. *J Clin Microbiol*. 2001; 39: 2565-71.

64. Pneumococcal Molecular Epidemiology Network (PMEN). Disponível em: http://web1.sph.emory.edu/PMEN/ (acessado em 23/11/2013).

65. von Gottberg A, Cohen C, de Gouveia L, Meiring S, Quan V, Whitelaw A, et al. Epidemiology of invasive pneumococcal disease in the pre-conjugate vaccine era: South Africa, 2003-2008. *Vaccine.* 2013; 31: 4200-8.

66. Campos LC, Carvalho MG, Beall BW, Cordeiro SM, Takahashi D, Reis MG, et al. Prevalence of *Streptococcus pneumoniae* serotype 6C among invasive and carriage isolates in metropolitan Salvador, Brazil, from 1996-2007. *Diagn Microbiol Infect Dis*. 2009; 65(2):112-5.

67. Chiba N, Morozumi M, Sunaoshi K, Takahashi S, Takano M, Komori T, et al. Serotype and antibiotic resistance of isolates from patients with invasive pneumococcal disease in Japan. *Epidemiol Infect.*2010; 138: 61–68.

68. Skoczyńska A, Sadowy E, Bojarska K, Strzelecki J, Kuch A, Gołębiewska A, et al. The current status of invasive pneumococcal disease in Poland. *Vaccine.*2011; 29(11): 2199-205.

69. Zulz T, Wenger JD, Rudolph K, Robinson A, Rakov AV, Bruden D, et al. Molecular Characterization of *Streptococcus pneumoniae* serotype 12F isolates

associated with rural community outbreaks in Alaska. *J Clin Microbiol*. 2013; 51: 1402-7.

70. Elberse KEM, Nunes S, Sá-Leão R, van der Heide HGJ, Scouls LM. Multiple-locus variable number tandem repeat analysis for *Streptococcus pneumoniae*: comparison with PFGE and MLST. *PLoS One*. 2011; 6:e19668.

71. Schwartz DC, Cantor CR. Separation of yeast chromosome-sized DNAs by pulsed field gradient gel electrophoresis. *Cell*. 1984; 37(1): 67-75.

72. McEllistrem MC, Stout JE, Harrison LH. Simplified protocol for Pulsed-Field Gel Electrophoresis analysis of *Streptococcus pneumoniae*. *J Clin Microbiol*. 2000; 38(1): 351-3.

73. Tenover FC, Arbeit RD, Goering RV, Mickelsen PA, Murray BE, Persing DH, et al.Interpreting chromosomal DNA restriction patterns produced by pulsed-field gel electrophoresis: criteria for bacterial strain typing. *J Clin Microbiol*. 1995; 33(9): 2233-9.

74. Maiden MCJ, Bygraves JA, Feil E, Morelli G, Russel JE, Urwin R, et al. Multilocus sequence typing: A portable approach to the identification of clones within populations of pathogenic microorganisms. *Proc Natl Acad Sci USA*. 1998; 95: 3140-5.

75. Enright MC, Spratt BG. A multilocus sequence typing scheme for *Streptococcus pneumoniae*: identification of clones associated with serious invasive disease. *Microbiol.* 1998; 144: 3049-60.

76. van Belkum A, Scherer S, van Alphen L, Verbugh H. Short-sequence DNA repeats in prokaryotic genomes. *Microbiol Mol Biol Rev*. 1998; 62(2): 275-93.

77. Le Flèche P, Hauck Y, Onteniente L, Prieur A, Denoeud F, Ramisse V, et al. A tandem repeats database for bacterial genomes: application to the genotyping of *Yersinia pestis* and *Bacillus anthracis. BMC Microbiol.* 2001; 1:2.

78. Le Flèche P, Fabre M, Denoeud F, Koeck JL, Vergnaud G. High resolution, on-line identification of strains from the Mycobacterium tuberculosis complex based on tandem repeat typing. *BMC Microbiol. 2*002; 2:37.

79. Vogler AJ, Keys C, Nemoto Y, Colman RE, Jay Z, Keim P. Effect of repeat copy number on variable-number tandem repeat mutations in *Escherichia coli* O157:H7. *J Bacteriol.* 2006; 188(12): 4253-63.

80. Koeck JL, Njanpop-Lafourcade BM, Cade S, Varon E, Sangare, L, Valjevac S, et al. Evaluation and selection of tandem repeat loci for *Streptococcus pneumoniae* MLVA strain typing. *BMC Microbiol*. 2005; 5:66.

81. Pichon B, Moyce L, Sheppard C, Slack M, Turbitt D, Pebody R, et al. Molecular typing of pneumococci for investigation of linked cases ok invasive pneumococcal disease. *J Clin Microbiol.* 2010. 48(5): 1926-8.

82. van Cuyck H, Pichon B, Leroy P, Granger-Farbos A, Underwood A, Soullié B, et al. Multiple-locus variable-number tandem-repeat analysis of *Streptococcus pneumoniae* and comparison with multiple loci sequence typing. *BMC Microbiol*. 2012; 12:241.

83. Alvares JR, Mantese OC, Paula Ad, Wolkers PC, Almeida VVP, Almeida SC, et al. Prevalence of pneumococcal serotypes and resistance to antimicrobial agentes in patients with meningitis: tem-year analysis. *Braz J Infect Dis.* 2011; 15(1):22-7.

84. Andrade AL, Oliveira R, Vieira MA, Minamisava R, Pessoa V Jr, Brandileone MC, et al. Population-based surveillance for invasive pneumococcal disease and pneumonia in infants and Young children in Goiânia, Brazil. *Vaccine*. 2012; 30(10):1901-9.

85. Andrade AL, Arquedas A, Benavides J, Minamisava R, Brandileone MC, SoleyC, et al. Bacteriology of community-acquired invasive disease found in a multicountry prospective, population-based, epidemiological surveillance for Pneumococcus in children in Latin America. *Pediatr Infect Dis J.* 2012; 31(12):1312-4.

86. Berezin EN, Falleiros-Carvalho LH, Lopes CR, Sanajota AT, Brandileone MC, Menegatti S, et al. Pneumococcal meningitis in children: clinical findings, most frequent serotypes and outcome. *J Pediatr (Rio J).* 2002; 78(1):19-23.

87. Cardozo DM, Nascimento-Carvalho CM, Brandão MA, Azevedo GM, Ribeiro de Souza F, Silva NM, et al. Antimicrobial resistance and serotypes of nasopharyngeal strains of *Streptococcus pneumoniae* in Brazilian adolescents. *Microb Drug Resist.* 2006; 12(1):29-32.

88. Lopes CC, Berezin EN, Scheffer D, Huziwara R, Sliva MI, Brandão A, et al. Pneumococcal nasopharyngeal carriage in infants of mothers immunized with 23V non-conjugate pneumococcal polysaccharide vaccine. *J Trop Pediatr*. 2012; 58 (5):348-52.

89. Mantese OC, de Paula A, Arantes A, Silveira HL, Almeida VVP, Brandileone MCC. Status of pneumococcal pneumonia in a public hospital over a period of 12 years. *J Immunol Tech Infect Dis*. 2013; 2:2.

90. Menezes APO, Campos LC, Santos MS, Azevedo J, Santos RC, Carvalho MG, et al. Serotype distribution and antimicrobial resistance of *Streptococcus pneumoniae* prior to introduction of the 10-valent pneumococcal conjugate vaccine in Brazil, 2000-2007. *Vaccine*. 2011; 29(6):1139-44.

91. Nascimento-Carvalho CN, Freitas-Souza LS, Moreno-Carvalho OA, Alves NN, Caldas RM, Barberino MG, et al. Invasive pneumococcal strains isolated from children and adolescentes in Salvador. *J Pediatr (Rio J)*. 2003; 79(3):209-14.

92. Mouro A, Kiffer C, Koga PC, Monteiro AM, Camargo EC, Pignatari AC. Spatial exploration of *Streptococcus pneumoniae* clonal clustering in São Paulo, Brazil. *Braz J Infect Dis*. 2011; 15(5): 462-6.

93. Lamaro-Cardoso J, de Lemos AP, Carvalho MG, Pimenta FC, Roundtree A, Motta L, et al. Molecular epidemiological investigation to determine de source of a fatal case of serotype 22F pneumococcal meningitis. *J Med Microbiol.* 2012; 61(Pt 5): 686-92.

94. Reis JN, Palma T, Ribeiro GS, Pinheiro RM, Ribeiro CT, Cordeiro Sm, et al. Transmission of *Streptococcus pneumoniae* in an urban slum community. *J Infect*. 2008; 57(3):204-13.

95. Barroso DE, Godoy D, Castiñeiras TM, Tulenko MM, Rebelo MC, Harrison LH. β-Lactam resistance, serotype distribution, and genotypes of meningitis-causing *Streptococcus pneumoniae*, Rio de Janeiro, Brazil. *Pediatr Infect Dis J.* 2012; 31(1):30-6.

96. Pimenta FC, Carvalho MG, Gertz RE Jr, Bastos-Rocha CG, Oliveira LS, Lacerda Pigosso L, et al. Serotype and genotype distributions of pneumococcal carriage isolates recovered from Brazilian children attending day-care centres. *J Med Microbiol*. 2011; 60(Pt10):1455-9.

97. Zemlicková H, Crisóstomo MI, Brandileone MC, Camou T, Castañeda E, Corso A, et al. Serotypes andclonal types of penicillin-susceptible *Streptococcus pneumoniae* causing invasive disease in children in five Latin American countries. *Microb Drug Resist*. 2005; 11(3):195-204.

ANEXOS

4.1. Normas para publicação

JCM
Journals.ASM.org

August 2014, Instructions to Authors, pages 1–21

2014 INSTRUCTIONS TO AUTHORS

SCOPE

The *Journal of Clinical Microbiology* (JCM) is devoted to the dissemination of new knowledge concerning the laboratory diagnosis of human and animal infections. In addition, JCM is an appropriate forum for the publication of information related to the role of the laboratory in both the management of infectious diseases and the elucidation of the epidemiology of infections. Manuscripts which present the results of original scientific investigations are encouraged. The three principal attributes that we require of papers published in JCM are timeliness, relevance to the practice of clinical microbiology, and quality science. Manuscripts that present information that is largely only of relevance to a restricted geographic area are discouraged.

JCM welcomes submission of manuscripts that present the results of investigations pertaining to new technologies in clinical microbiology when they address new applications, substantially extend our understanding of the role of the technology in the clinical microbiology laboratory, or provide clinical or laboratory outcome data.

JCM will consider manuscripts which describe truly novel molecular methods for use in the diagnosis or elucidation of infection. However, we discourage submission of manuscripts predicated on the application of previously well-described methods (e.g., RT-PCR, RAPD analysis, PFGE, and real-time PCR, etc.), even though the application may be new. Papers employing established molecular methods will be considered only when the application is examined in comparison to some other existing diagnostic method(s). Such comparative studies should include information regarding assay sensitivity, specificity, and diagnostic accuracy.

Studies with matrix-assisted laser desorption ionization–time of flight mass spectrometry (MALDI-TOF MS) as a primary focus must offer something that is truly novel in order to merit consideration for publication in JCM, e.g., application of MALDI-TOF MS to previously unstudied organisms or organism groups, applications that extend beyond organism identification, clinical outcome studies, comparisons of different MALDI-TOF instruments, broad comparisons with conventional methods, or descriptions of modifications of existing MALDI-TOF MS methods. JCM will not consider manuscripts that describe routine applications of MALDI-TOF MS.

Papers submitted to JCM with whole-genome sequencing or the microbiome as a focus will be considered only when the studies performed are scientifically sound, the observations timely and novel, and the information presented of relevance to the practice of clinical microbiology. Similarly, papers that convey the results of meta-analysis studies will be considered when the data presented are extensive and when the observations made in the study are broadly applicable to the practice of clinical microbiology.

Case Reports will be considered if they are novel, add to existing knowledge, and are consistent with the primary objectives of the *Journal* as outlined above. (See "Case Reports" in the Organization and Format section and the "Case Report" paragraph under "Full-Length Papers" for descriptions of the two different types of Case Reports published.)

To ensure the completeness of investigations in which the performance of various diagnostic assays or methods is presented, authors are encouraged to refer to the Standards for the Reporting of Diagnostic Accuracy (STARD) for guidance. The entire set of guidelines, including checklists, may be found at http://stard-statement.org/.

ASM publishes a number of different journals covering various aspects of the field of microbiology. Each journal has a prescribed scope which must be considered in determining the most appropriate journal for each manuscript.

(i) With respect to antimicrobial agents, JCM will consider clinically relevant manuscripts (a) that pertain to *in vitro* susceptibility test methods; (b) that are concerned with quality control procedures related to antimicrobial susceptibility tests; (c) that deal with investigations of test methods aimed at measuring levels of antimicrobial agents in clinical specimens; or (d) that describe the use of antimicrobial agents as tools in the isolation, identification, or epidemiologic assessment of microorganisms associated with disease. Manuscripts pertaining to other aspects of antimicrobial agents, such as their basic mechanisms of action, the elucidation of resistance determinants, pharmacokinetics and pharmacodynamics, and the development of new agents, will be considered for publication in *Antimicrobial Agents and Chemotherapy*.

(ii) Manuscripts that present the results of investigations with a primary focus on the basic mechanisms of pathogenesis of microorganisms or the pathophysiology of infections should be directed to *Infection and Immunity* (for bacteria, parasites, and fungi) or the *Journal of Virology* (for viruses).

(iii) Reports of clinical microbiology investigations or studies of the hospital population and the environment as they relate to nosocomial infections should be submitted to JCM. Manuscripts dealing with ecology or environmental studies or with the application of microorganisms to agricultural or industrial processes are more appropriate for *Applied and Environmental Microbiology*.

(iv) Papers involving immunologic assays for use in the diagnosis or elucidation of infection, vaccines, or the assessment and laboratory diagnosis of immunologic diseases (e.g., autoimmune diseases and primary immunodeficiencies) should be submitted to *Clinical and Vaccine Immunology* (formerly *Clinical and Diagnostic Laboratory Immunology*).

Questions about these guidelines may be directed to the editor in chief of the journal being considered.

If transfer to another ASM journal is recommended by an editor, the corresponding author will be contacted.

Instructions to Authors are updated throughout the year. The current version is available at http://journalitas.asm.org/t/49544.

Note that a manuscript rejected by one ASM journal on scientific grounds or on the basis of its general suitability for publication is considered rejected by all other ASM journals.

EDITORIAL POLICY

Use of Microbiological Information

The Council Policy Committee (CPC) of the American Society for Microbiology affirms the long-standing position of the Society that microbiologists will work for the proper and beneficent application of science and will call to the attention of the public or the appropriate authorities misuses of microbiology or of information derived from microbiology. ASM members are obligated to discourage any use of microbiology contrary to the welfare of humankind, including the use of microbes as biological weapons. Bioterrorism violates the fundamental principles expressed in the Code of Ethics of the Society and is abhorrent to ASM and its members.

ASM recognizes that there are valid concerns regarding the publication of information in scientific journals that could be put to inappropriate use as described in the CPC resolution mentioned above. Members of the ASM Journals Board will evaluate the rare manuscript that might raise such issues during the review process. However, as indicated elsewhere in these Instructions, research articles must contain sufficient detail, and material/information must be made available, to permit the work to be repeated by others. Supply of materials should be in accordance with laws and regulations governing the shipment, transfer, possession, and use of biological materials and must be for legitimate, bona fide research needs. Links to, and information regarding, these laws and regulations can be found at http://www.asm.org/ under the Policy tab. We ask that authors pay particular attention to the NSAR Select Agents and Toxins list on the CDC website http://www.selectagents.gov/index.html and the U.S. Government Policy for Oversight of Life Sciences Dual Use Research of Concern (March 2012; http://www.phe.gov/s3/dualuse/Documents/us-policy-durc-032812.pdf).

Ethical Guidelines

ASM requirements for submitted manuscripts are consistent with the Recommendations for the Conduct, Reporting, Editing, and Publication of Scholarly Work in Medical Journals, as last updated by the International Committee of Medical Journal Editors in August 2013 (http://www.icmje.org/).

Authors are expected to adhere to the highest ethical standards. The following sections of these Instructions include detailed information about ASM's ethical standards. Failure to comply with the policies described in these Instructions may result in a letter of reprimand, a suspension of publishing privileges in ASM journals, and/or notification of the authors' institutions. Authors employed by companies whose policies do not permit them to comply with ASM policies may be sanctioned as individuals and/or ASM may refuse to consider manuscripts having authors from such companies. The ASM Journals Board wishes to clarify the following in particular.

Plagiarism. Misappropriating another person's intellectual property constitutes plagiarism. This includes copying sentences or paragraphs verbatim (or almost verbatim) from someone else's work, even if the original work is cited in the references. The NIH ORI publication "Avoiding Plagiarism, Self-Plagiarism, and Other Questionable Writing Practices: a Guide to Ethical Writing" (http://ori.hhs.gov/avoiding-plagiarism-self-plagiarism-and-other-questionable-writing-practices-guide-ethical-writing) can help authors identify questionable writing practices.

Plagiarism is not limited to the text; it can involve any part of the manuscript, including figures and tables, in which material is copied from another publication without permission and attribution. An author may not reuse his or her own previously published work without attribution; this is considered self-plagiarism.

Primary publication. Manuscripts submitted to the journal must represent reports of original research, and the original data must be available for review by the editor if necessary.

By submission of a manuscript to the journal, **the authors guarantee that they have the authority to publish the work and that the manuscript, or one with substantially the same content, was not published previously, is not being considered or published elsewhere, and was not rejected on scientific grounds by another ASM journal.** It is incumbent upon the author to acknowledge any prior publication, including his/her own articles, of the data contained in a manuscript submitted to an ASM journal. A copy of the relevant work should be submitted with the paper as supplemental material not for publication. Whether the material constitutes the substance of a paper and therefore renders the manuscript unacceptable for publication is an editorial decision.

In brief, a paper is not acceptable for submission to an ASM journal if it, or its substance, has been made publicly available in:

- A serial, periodical, or book
- A conference report or symposium proceedings
- A technical bulletin or company white paper
- A public website
- Any other retrievable source

The following do not preclude submission to, or publication by, an ASM journal, as long as the posted data do not constitute the substance of a submission:

- Posting of a method/protocol on a public website
- Posting of a limited amount of original data on a personal/university/corporate website or websites of small collaborative groups working on a problem
- Deposit of unpublished sequence data in a public database
- Preliminary disclosures of research findings as meeting posters, webcast as meeting presentations, or published in abstract form as adjuncts to a meeting, e.g., part of a program
- Posting of theses and dissertations on a personal/university-hosted website

Availability of materials. By publishing in the journal, the authors agree that, subject to requirements or limitations imposed by laws or governmental regulations of the United

States, any DNAs, viruses, microbial strains, mutant animal strains, cell lines, antibodies, and similar materials described in the article are available from a national collection or will be made available in a timely fashion, at reasonable cost, and in limited quantities to members of the scientific community for noncommercial purposes. The authors guarantee that they have the authority to comply with this policy either directly or by means of material transfer agreements through the owner.

Similarly, the authors agree to make available computer programs, originating in the authors' laboratory, that are the only means of confirming the conclusions reported in the article but that are not available commercially. The program(s) and suitable documentation regarding its (their) use may be provided by any of the following means: (i) as a program transmitted via the Internet, (ii) as an Internet server-based tool, or (iii) as a compiled or assembled form on a suitable medium. It is expected that the material will be provided in a timely fashion and at reasonable cost to members of the scientific community for noncommercial purposes. The authors guarantee that they have the authority to comply with this policy either directly or by means of material transfer agreements through the owner.

Permissions. The corresponding author is responsible for obtaining permission from both the original author and the original publisher (i.e., the copyright owner) to reproduce or modify figures (including maps) and tables and to reproduce text (in whole or in part) from previous publications.

Permission(s) must be obtained no later than the modification stage. The original signed permission(s) must be identified as to the relevant item in the ASM manuscript (e.g., "permissions for Fig. 1 in JCM00123-14") and submitted to the ASM production editor on request. In addition, a statement indicating that the material is being reprinted with permission must be included in the relevant figure legend or table footnote of the manuscript. Reprinted text must be enclosed in quotation marks, and the permission statement must be included as running text or indicated parenthetically.

It is expected that the authors will provide written assurance that permission to cite unpublished data or personal communications has been granted. For supplemental material intended for posting by ASM (see "Supplemental Material"), if the authors of the JCM manuscript are not also the owners of the supplemental material, the corresponding author must send to ASM signed permission from the copyright owner that allows posting of the material, as a supplement to the article, by ASM. The corresponding author is also responsible for incorporating in the supplemental material any copyright notices required by the owner.

Authorship. All authors of a manuscript must have agreed to its submission and are responsible for its content (initial submission and any subsequent versions), including appropriate citations and acknowledgments, and must also have agreed that the corresponding author has the authority to act on their behalf in all matters pertaining to publication of the manuscript. The corresponding author is responsible for obtaining such agreements and for informing the coauthors of the manuscript's status throughout the submission, review, and publication process. Submitting a paper before all coauthors have read and approved it is considered an ethical violation, as is failure to credit someone who qualifies as a coauthor; however, ASM does not itself investigate or attempt to resolve authorship disputes.

An author is one who made a substantial contribution to the overall design and execution of the experiments; therefore, **ASM considers all authors responsible for the entire paper.** Individuals who provided assistance, e.g., supplied strains or reagents or critiqued the paper, need not be listed as authors but may be recognized in the Acknowledgments section. ASM does not permit "ghost authorship," i.e., individuals who contribute to the research, data analysis, and/or writing of an article but who do not satisfy the requirements for authorship. Examples of ghost authors include medical writers and employees of pharmaceutical or device companies who have not made a substantial contribution to the overall design and execution of the experiments.

A study group, surveillance team, working group, consortium, or the like (e.g., the Active Bacterial Core Surveillance Team) may be listed as a coauthor in the byline if its contributing members satisfy the requirements for authorship and accountability as described in these Instructions. The names (and institutional affiliations if desired) of the contributing members only may be given as a separate paragraph in the Acknowledgments section.

If the contributing members of the group associated with the work do not fulfill the criteria of substantial contribution to and responsibility for the paper, the group may not be listed in the author byline. Instead, it and the names of its contributing members may be listed in the Acknowledgments section.

All authors must agree to the order in which their names are listed in the byline. Statements regarding equal contributions by two or more authors (e.g., "C.J. and Y.S. contributed equally to . . .") are permitted as footnotes and must be agreed to by all of the authors. Other statements of attribution may be included in the Acknowledgments section.

A change in authorship (order of listing, addition or deletion of a name, or corresponding author designation) after submission of the manuscript will be implemented only after receipt of signed statements of agreement from all parties involved.

Disputes about authorship may delay or prevent review and/or publication of the manuscript. Should the individuals involved be unable to reach an accord, review and/or publication of the manuscript can proceed only after the matter is investigated and resolved by the authors' institution(s) and an official report of such and signed statements of agreement are provided to ASM.

Conflict of interest. All authors are expected to disclose, in the manuscript submittal letter, any commercial affiliations as well as consultancies, stock or equity interests, and patent-licensing arrangements that could be considered to pose a conflict of interest regarding the submitted manuscript. (Inclusion of a company name in the author address lines of the manuscript does not constitute disclosure.) Details of the disclosure to the editor will remain confidential. However, it is the responsibility of authors to provide, in the Acknowledgments section, a general statement disclosing financial or other rela-

tionships that are relevant to the study. Examples of potentially conflicting interests that should be disclosed include relationships that might detract from an author's objectivity in presentation of study results and interests whose value would be enhanced by the results presented. All funding sources for the project, institutional and corporate, should be credited in the Acknowledgments section, as described below. In addition, if a manuscript concerns a commercial product, the manufacturer's name must be indicated in the Materials and Methods section or elsewhere in the text, as appropriate, in an obvious manner.

Copyright

To maintain and protect the Society's ownership and rights and to continue to afford scientists the opportunity to publish in high-quality journals, ASM requires the corresponding author to sign a copyright transfer agreement on behalf of all the authors. Unless this agreement is executed (without changes and/or addenda), ASM will not publish the article.

In the copyright transfer agreement signed by an author, ASM grants to that author (and coauthors) the right to republish discrete portions of his/her (their) article in any other publication (print, CD-ROM, and other electronic forms) of which he/she is (they are) the author(s) or editor(s), on the condition that appropriate credit is given to the original ASM publication. This republication right also extends to posting on a host computer to which there is access via the Internet. Except as indicated below, significant portions of the article may not be reprinted/posted without ASM's prior written permission, however, as this would constitute duplicate publication.

Authors may post their own published articles on their personal or university-hosted (but not corporate, government, or similar) websites without ASM's prior written permission provided that appropriate credit is given (i.e., the copyright lines shown at the bottom of the first page).

Works authored solely by U.S. government employees are not subject to copyright protection, so there is no copyright to be transferred. However, the other provisions of the copyright transfer agreement, such as author representations of originality and authority to enter into the agreement, apply to U.S. government employee-authors as well as to other authors.

When funds from the Wellcome Trust or Research Councils UK are used to pay an article open access fee, the article will be published under the Creative Commons Attribution license (CC-BY) in accordance with the funding organization's open access policies. Authors will be required to notify ASM and complete the Author Warranty and Provisional License to Publish at the time of submission.

Copyright for supplemental material (see "Supplemental Material") remains with the author, but a license permitting the posting by ASM is included in the article copyright transfer agreement. If the author of the article is not also the copyright owner of the supplemental material, the corresponding author must send to ASM signed permission from the owner that allows posting of the material, as a supplement to the article, by ASM. The corresponding author is also responsible for incorporating into the supplemental material any copyright notices required by the owner.

Funding Agency Repositories

The National Institutes of Health (NIH) requests that its grantee and intramural authors provide copies of their accepted manuscripts to PubMed Central (PMC) for posting in the PMC Public Access Repository. However, JCM authors are automatically in compliance with this policy and need take no action themselves. For the past several years, ASM has deposited in PubMed Central all publications from all ASM journals. Further, ASM policy is that all primary research articles are made available to everyone, free, 6 months after publication through PubMed Central, HighWire, and international PubMed Central-like repositories. By having initiated these policies, ASM is in full compliance with NIH policy. For more information, see http://publicaccess.nih.gov/. ASM also allows JCM authors whose work was supported by funding agencies that have public access requirements like those of the NIH (e.g., the Wellcome Trust) to post their accepted manuscripts in publicly accessible electronic repositories maintained by those funding agencies. If a funding agency does not itself maintain such a site, then ASM allows the author to fulfill that requirement by depositing the manuscript (not the typeset article) in an appropriate institutional or subject-based open repository established by a government or noncommercial entity.

Since ASM makes the final, typeset articles from its primary-research journals available free of charge on the ASM Journals and PMC websites 6 months after final publication, ASM requests that when submitting the accepted manuscript to PMC or a similar public access site, the author specify that the **posting release date for the manuscript be no earlier than 6 months after publication of the typeset article by ASM and that a link to the published manuscript on the journal website be provided.**

Use of Human Subjects or Animals in Research

The use of human subjects or animals for research purposes is regulated by the federal government and individual institutions. Authors of manuscripts describing research involving human subjects or animal experimentation must obtain approval from their Institutional Review Board (IRB) or Institutional Animal Care and Use Committee (IACUC), as appropriate, prior to manuscript submission. Authors of manuscripts that describe multisite research must obtain approval from each institution's IRB or IACUC, as appropriate. A statement of IRB or IACUC approval must be included in the Materials and Methods section. Documentation of IRB or IACUC status must be made available upon request.

Patient Identification

To protect the privacy of individuals mentioned in clinical studies, in case histories, and as sources of isolates, do not identify them by their initials, even as part of a strain designation. Change the initials to numerals or use randomly chosen letters. Do not give hospital unit numbers; if a designation is needed, use only the last two digits of the unit. (Note: established designations of some viruses and cell lines, although

they consist of initials, are acceptable [e.g., JC virus, BK virus, and HeLa cells].)

Provision of Requisite Information for Molecular Applications

Authors of manuscripts which contain quantitative real-time PCR applications are encouraged to consult the article concerning minimum information for publication of quantitative real-time PCR experiments (the MIQE guidelines) by Bustin et al. (Clin. Chem. **55:**611–622, 2009) for guidance as to what information should be considered for inclusion in their submission.

Newly determined nucleotide and/or amino acid sequence data must be deposited and GenBank/ENA/DDBJ accession numbers must be included in the manuscript no later than the modification stage of the review process. It is expected that the sequence data will be released to the public no later than the publication (online posting) date of the accepted manuscript. The accession numbers should be included in a separate paragraph at the end of the Materials and Methods section for full-length papers or at the end of the text for Short-Form papers. If conclusions in a manuscript are based on the analysis of sequences and a GenBank/ENA/DDBJ accession number is not provided at the time of the review, authors should provide the annotated sequence data as supplemental material not for publication.

It is expected that when previously published sequence accession numbers are cited in a manuscript, the original citations (e.g., journal articles) will be included in the References section when possible or reasonable.

Authors are also expected to do elementary searches and comparisons of nucleotide and amino acid sequences against the sequences in standard databases (e.g., GenBank) immediately before manuscripts are submitted and again at the proof stage.

Analyses should specify the database, and the date of each analysis should be indicated as, e.g., January 2014. If relevant, the version of the software used should be specified.

See "Presentation of Nucleic Acid Sequences" for nucleic acid sequence formatting instructions.

The URLs of the databases mentioned above are as follows: DNA Data Bank of Japan (DDBJ), http://www.ddbj.nig.ac.jp/; European Nucleotide Archive (ENA), http://www.ebi.ac.uk/ena/; and GenBank, National Center for Biotechnology Information, http://www.ncbi.nlm.nih.gov/nucleotide.

Proper Use of Locus Tags as Systematic Identifiers for Genes

To comply with recommendations from the International Nucleotide Sequence Database (INSD) Collaborators and to avoid conflicts in gene identification, researchers should implement the following two fundamental guidelines as standards for utilization of locus tags in genome analysis, annotation, submission, reporting, and publication. (i) Locus tag prefixes are systematic gene identifiers for all of the replicons of a genome and as such should be associated with a single genome project submission. (ii) New genome projects must be registered with the INSD, and new locus tag prefixes must be assigned in cooperation with the INSD to ensure that they conform to the agreed-upon criteria.

Structural Determinations

Coordinates for new structures of macromolecules must be deposited in the Protein Data Bank and assigned identification codes must be included in the manuscript no later than the modification stage of the review process. It is expected that the coordinates will be released to the public no later than the publication (online posting) date of the accepted manuscript. Authors are encouraged to send coordinates with their original submission, however, so that reviewers can examine them along with the manuscript. The accession number(s) should be listed in a separate paragraph at the end of the Materials and Methods section for full-length papers or at the end of the text for Short-Form papers.

The URLs for coordinate deposition are http://rcsb-deposit.rutgers.edu/ and http://pdbdep.protein.osaka-u.ac.jp/en/.

Microarray Data

The entire set of supporting microarray data must be deposited in the appropriate public database (e.g., GEO, ArrayExpress, or CIBEX) and the assigned accession number(s) must be included in the manuscript no later than the modification stage of the review process. It is expected that the data will be released to the public no later than the publication (online posting) date of the accepted manuscript. Authors are encouraged to send the relevant data with their original submission, however, so that reviewers can examine them along with the manuscript. The accession number(s) should be listed in a separate paragraph at the end of the Materials and Methods section for full-length papers or at the end of the text for Short-Form papers.

The URLs of the databases mentioned above are as follows: Gene Expression Omnibus (GEO), http://www.ncbi.nlm.nih.gov/geo/; ArrayExpress, http://www.ebi.ac.uk/arrayexpress/; and Center for Information Biology Gene Expression Database (CIBEX), http://cibex.nig.ac.jp/data/index.html.

Culture Deposition

JCM expects authors to deposit important strains in publicly accessible culture collections and to refer to the collections and strain numbers in the text. Since the authenticity of subcultures of culture collection specimens that are distributed by individuals cannot be ensured, authors should indicate laboratory strain designations and donor sources as well as original culture collection identification numbers.

MycoBank

New scientific names of fungi along with key nomenclatural and descriptive material must be deposited in MycoBank (http://www.mycobank.org) and the assigned accession number(s) must be included in the manuscript no later than the modification stage of the review process. It is expected that the data will be released to the public no later than the publication (online posting) date of the accepted manuscript. Authors are

encouraged to send the relevant data with their original submission, however, so that reviewers can examine them along with the manuscript. The accession number(s) should be listed in a separate paragraph at the end of the Materials and Methods section for full-length papers or at the end of the text for Short-Form papers.

Supplemental Material

Supplemental material will be peer reviewed along with the manuscript and must be uploaded to the eJournalPress (eJP) peer review system at initial manuscript submission. The decision to publish the material online with the accepted article is made by the editor. It is possible that a manuscript will be accepted but that the supplemental material will not be.

The number of supplemental material files is limited to 10. Supplemental files should be submitted in the following standard formats.

- **Text, figures, tables, and legends** should be included in a single PDF file. All figures and tables should be numbered independently and cited at the relevant point in the manuscript text, e.g. "Fig. S1," "Fig. S2," "Table S3," etc. Do not duplicate data by presenting them in both the text of the manuscript and a supplemental figure. Each legend should appear below its corresponding figure or table. The maximum file size is 8 MB. Please review this sample file for guidance.
- **Data set** (Excel [.xls]) files should include a brief description of how the data are used in the paper. The maximum file size is 8 MB. Please review this sample file for guidance.
- **Movies** (Audio Video Interleave [.avi], QuickTime [.mov], or MPEG files) should be submitted at the desired reproduction size and length and should be accompanied by a legend. The maximum file size is 20 MB.

Unlike the manuscript, supplemental material will not be edited by the ASM Journals staff and proofs will not be made available. References related to supplemental material only should not be listed in the References section of an article; instead, include them with the supplemental material. Supplemental material will always remain associated with its article and is not subject to any modifications after publication.

Material that has been published previously (print or online) is not acceptable for posting as supplemental material. Instead, the appropriate reference(s) to the original publication should be made in the manuscript.

Copyright for the supplemental material remains with the author, but a license permitting posting by ASM must be signed by the corresponding author. If you are not the copyright owner, you must provide to ASM signed permission from the owner that allows posting of the material, as a supplement to your article, by ASM. You are responsible for including in the supplemental material any copyright notices required by the owner.

See also "Publication Fees."

Warranties and Exclusions

Articles published in this journal represent the opinions of the authors and do not necessarily represent the opinions of ASM. ASM does not warrant the fitness or suitability, for any purpose, of any methodology, kit, product, or device described or identified in an article. The use of trade names is for identification purposes only and does not constitute endorsement by ASM.

SUBMISSION, REVIEW, AND PUBLICATION PROCESSES

Submission Process

All submissions to JCM must be made electronically via the eJournalPress (eJP) online submission and peer review system at the following URL: http://jcm.msubmit.net/cgi-bin/main.plex. (E-mailed submissions will not be accepted.) First-time users must create an Author account, which may be used for submitting to all ASM journals. Instructions for creating an Author account are available at the above URL via the "help for authors" link, and step-by-step instructions for submitting a manuscript via eJP are also available through the same link on the log-in screen or on the account holder's Home page. Information on file types acceptable for electronic submission can be found under the Files heading in the help for authors screen.

Review Process

All manuscripts are considered to be confidential and are reviewed by the editors, members of the editorial board, or qualified *ad hoc* reviewers.

To expedite the review process, authors must recommend at least three editorial board members who have expertise in the field, who are not members of their institution(s), who have not recently been associated with their laboratory(ies), and who could not otherwise be considered to pose a conflict of interest regarding the submitted manuscript.

To facilitate the review, copies of in-press and submitted manuscripts that are important for judgment of the present manuscript should be included as supplemental material not for publication.

When a manuscript is submitted to the journal, it is given a control number (e.g., JCM00123-14) and assigned to one of the editors. **(Always refer to this control number in communications with the editor and the Journals Department.)** It is the responsibility of the corresponding author to inform the coauthors of the manuscript's status throughout the submission, review, and publication processes. The reviewers operate under strict guidelines set forth in "Guidelines for Reviewers" (http://www.journals.asm.org/site/misc/reviewguide.xhtml) and are expected to complete their reviews expeditiously.

The corresponding author is notified, generally within 4 to 6 weeks after submission, of the editor's decision to accept, reject, or require modification. When modification is requested, the corresponding author must either submit the modified version within 2 months or withdraw the manuscript. A point-by-point response to the reviews must be uploaded as a separate file (identified as such), and a compare copy of the man-

uscript (without figures) should be included as a Marked Up Manuscript if the editor requested one.

Manuscripts that have been rejected, or withdrawn after being returned for modification, may be resubmitted to the same ASM journal if the major criticisms have been addressed. A manuscript rejected by one ASM journal on scientific grounds or on the basis of its general suitability for publication is considered rejected by all other ASM journals; however, a manuscript rejected solely on the basis of scope may be "resubmitted" to a more appropriate ASM journal.

For all resubmissions (to the same or a different journal, irrespective of the extent of the revisions and irrespective of the amount of time between rejection and resubmission), the cover letter must state that the manuscript is a resubmission, and the former manuscript control number must be provided. A point-by-point response to the review(s) must be uploaded as a separate file (identified as such), and a compare copy of the revised manuscript showing all changes must be included as a Marked Up Manuscript. Manuscripts resubmitted to the same journal are normally handled by the original editor.

Rejected manuscripts may be resubmitted only once unless permission has been obtained from the original editor or from the editor in chief.

Notification of Acceptance

When an editor has decided that a manuscript is acceptable for publication on the basis of scientific merit, the author and the Journals Department are notified. A PDF version of the accepted manuscript is posted online as soon as possible (see "JCM Accepts").

The text files undergo an automated preediting, cleanup, and tagging process specific to the particular article type, and the illustrations are examined. If all files have been prepared according to the criteria set forth in these Instructions and those in the eJP online manuscript submission system, the acceptance procedure will be completed successfully. If there are problems that would cause extensive corrections to be made at the copyediting stage or if the files are not acceptable for production, ASM Journals staff will contact the corresponding author. Once all the material intended for publication has been determined to be adequate, the manuscript is scheduled for the next available issue. The editorial staff of the ASM Journals Department completes the editing of the manuscript to bring it into conformity with prescribed standards.

JCM Accepts

For its primary-research journals, ASM posts online PDF versions of manuscripts that have been peer reviewed and accepted but not yet copyedited. This feature is called "[journal acronym] Accepts" (e.g., JCM Accepts) and is accessible from the Journals website. The manuscripts are published online as soon as possible after acceptance, on a weekly basis, before the copyedited, typeset articles are published. They are posted "as is" (i.e., as submitted by the authors at the modification stage) and do not reflect ASM editorial changes. No corrections/changes to the PDF manuscripts are accepted. Accordingly, there likely will be differences between the JCM Accepts manuscripts and the final, typeset articles. The manuscripts remain listed on the JCM Accepts page until the final, typeset articles are posted. At that point, the manuscripts are removed from the JCM Accepts page. The manuscripts are under subscription access control until 6 months after the typeset articles are posted, when free access is provided to everyone (subject to the applicable ASM license terms and conditions). Supplemental material intended, and accepted, for publication is not posted until publication of the final, typeset article.

The ASM embargo policy allows a press release to be issued as soon as the ahead-of-print manuscript is posted on the JCM Accepts page. To be notified as soon as your manuscript is posted, please sign up for e-Alerts at http://jcm.asm.org/cgi/alerts.

Instructions on how to cite such manuscripts may be found in "References."

Page Proofs

Page proofs, together with a query sheet and instructions for handling proofs, will be made available to the corresponding author electronically. Queries must be answered on the query page, and any changes related to the queries must be indicated on the proofs. Note that the copy editor does not query at every instance where a change has been made. Queries are written only to request necessary information or clarification of an unclear passage or to draw attention to edits that may have altered the sense. It is the author's responsibility to read the entire text, tables, and figure legends, not just items queried. Corrected proofs must be returned within 48 hours after notification of availability.

The proof stage is not the time to make extensive corrections, additions, or deletions. Figures as they appear in the proofs are for validation of content and placement, not quality of reproduction or color accuracy. Print output of figures in the PDF page proofs will be of lower quality than the same figures viewed on a monitor. Please avoid making changes to figures based on quality of color or reproduction in proof.

Important new information that has become available between acceptance of the manuscript and receipt of the proofs may be inserted as an addendum in proof with the permission of the editor. If references to unpublished data or personal communications are added, it is expected that written assurance granting permission for the citation will be included. Limit changes to correction of spelling errors, incorrect data, and grammatical errors and updated information for references to articles that have been submitted or are in press. If URLs have been provided in the article, recheck the sites to ensure that the addresses are still accurate and the material that you expect the reader to find is indeed there.

Questions about late proofs and problems with the proofs should be directed to the ASM Journals Department (e-mail, cbrown@asmusa.org; telephone, 202-942-9384).

PDF Files

A corresponding author who has included an e-mail address in his/her "corresponding author" footnote will have limited access (10 downloads, total) to the PDF file of his/her published article. An e-mail alert will automatically be sent to him/her on the day the issue is posted. It will provide a URL, which will be

required to obtain access, and instructions. An article may be viewed, printed, or stored, provided that it is for the author's own use.

Should coauthors or colleagues be interested in viewing the paper for their own use, the corresponding author may provide them with the URL; a copy of the article may not be forwarded electronically. However, they must be made aware of the terms and conditions of the ASM copyright. (For details, go to http://www.journals.asm.org/site/misc/terms.xhtml.) Note that each such download will count toward the corresponding author's total of 10. After 10 downloads, access will be denied and can be obtained only through a subscription to the journal (either individual or institutional) or after the standard access control has been lifted (i.e., 6 months after publication).

Publication Fees

Page charges. Authors whose research was supported by grants, special funds (including departmental and institutional), or contracts (including governmental) or whose research was done as part of their official duties (government or corporate, etc.) are required to pay page charges (based on the number of typeset pages, including illustrations, in the article). Corresponding authors of articles accepted for publication will receive an e-mail notifying them how to pay page and any other applicable publication charges (see below).

For a **corresponding author who is an active member of ASM at the Contributing or Premium level**, page charges are $67 per page for the first eight pages and $125 per page for each page in excess of eight (subject to change without notice).

For a **nonmember or Supporting member corresponding author**, page charges are $135 per page for the first eight pages and $250 for each page in excess of eight (subject to change without notice). Nonmember corresponding authors or Supporting members may join ASM and renew or upgrade membership online to obtain discounts on publication fees.

If the research was not supported by any of the means described above, a request to waive the charges may be sent to the Journals Department, ASM, 1752 N St., N.W., Washington, DC 20036-2904, USA (fax, 202-942-9355; e-mail, cbrown@asmusa.org [after acceptance of the manuscript]). The request must include the manuscript control number assigned by ASM and indicate how the work was supported. Waivers apply only to page charges; responsibility for color charges and other publication fees remains with the author.

Minireviews, Commentaries, Photo Quizzes, and Comment Letters to the Editor are not subject to page charges. New-Data Letters to the Editor are subject to page charges.

Color charges. The cost of publishing in color must be borne by the author.

For a **corresponding author who is an active member of ASM at the Contributing or Premium level,** color charges are $170 per color figure (subject to change without notice).

For a **nonmember or Supporting member corresponding author,** color charges are $375 per color figure (subject to change without notice). Nonmember corresponding authors or Supporting members may join ASM and renew or upgrade membership online to obtain discounts on publication fees.

Minireviews, Commentaries, Photo Quizzes, and Comment Letters to the Editor are not subject to color charges. New-Data Letters to the Editor are subject to color charges.

Author reprints and eprints. Reprints (in multiples of 100) and eprints (downloadable PDFs) may be purchased by all coauthors. In addition to the 10 free published PDF files mentioned above, the corresponding authors of Minireviews may receive 100 free eprints of their contribution and the corresponding authors of Commentaries may receive 50 free eprints. Instructions for ordering gratis or additional reprints and eprints can be found in the billing notification e-mail sent to all corresponding authors. To order reprints postpublication, please follow the instructions on the Author Reprint Order Form. Please contact cjsreprints@cadmus.com with any questions.

Supplemental material fee. Authors are charged a flat fee for posting supplemental material as an adjunct to their published article. (Exception: no fee is charged for supplemental material associated with Minireviews or Commentaries.)

For a **corresponding author who is an active member of ASM at the Contributing or Premium level**, the supplemental material fee is $190. For a **nonmember or Supporting member corresponding author**, the supplemental material fee is $285. Nonmember corresponding authors or Supporting members may join ASM and renew or upgrade membership online to obtain discounts on publication fees.

Optional open access fee. Author-paid optional open access (OOA) is now available for all article types. For a **corresponding author who is an active member of ASM at the Contributing or Premium level,** the OOA fee is $2,000. For a **nonmember or Supporting member corresponding author,** the OOA fee is $3,000. Nonmember corresponding authors or Supporting members may join ASM and renew or upgrade membership online to obtain discounts on publication fees. These fees are in addition to any page charges, color charges, or supplemental material charges and permit immediate public access to both the preliminary "Accepts" version and the copyedited, typeset version published in the online journal. This option includes immediate open access provided through NIH's PubMed Central repository; all primary research published in ASM journals is freely available through PubMed Central 6 months after publication.

When funds from the Wellcome Trust or Research Councils UK are used to pay an article open access fee, the article will be published under the Creative Commons Attribution license (CC-BY) in accordance with the funding organization's open access policies. Authors will be required to notify ASM and complete the Author Warranty and Provisional License to Publish at the time of submission.

ORGANIZATION AND FORMAT

Editorial Style

The editorial style of ASM journals conforms to the *ASM Style Manual for Journals* (American Society for Microbiology,

2014, in-house document) and *How To Write and Publish a Scientific Paper*, 7th ed. (Greenwood, Santa Barbara, CA, 2011), as interpreted and modified by the editors and the ASM Journals Department.

The editors and the Journals Department reserve the privilege of editing manuscripts to conform with the stylistic conventions set forth in the aforesaid publications and in these Instructions.

On receipt at ASM, an accepted manuscript undergoes an automated preediting, cleanup, and tagging process specific to the particular article type. To optimize this process, manuscripts must be supplied in the correct format and with the appropriate sections and headings.

Type every portion of the manuscript double-spaced (a minimum of 6 mm between lines), including figure legends, table footnotes, and References, and number all pages in sequence, including the abstract, figure legends, and tables. Place the last two items after the References section. Manuscript pages must have continuous line numbers and page numbers. Manuscripts without line and page numbers will be returned to authors for provision of this information prior to processing. The font size should be no smaller than 12 points. It is recommended that the following sets of characters be easily distinguishable in the manuscript: the numeral zero (0) and the letter "oh" (O); the numeral one (1), the letter "el" (l), and the letter "eye" (I); and a multiplication sign (×) and the letter "ex" (x). Do not create symbols as graphics or use special fonts that are external to your word processing program; use the "insert symbol" function. Set the page size to 8.5 by 11 inches (ca. 21.6 by 28 cm). Italicize any words that should appear in italics, and indicate paragraph lead-ins in boldface type.

Manuscripts may be editorially rejected, without review, on the basis of poor English or lack of conformity to the standards set forth in these Instructions.

Authors who are unsure of proper English usage should have their manuscripts checked by someone proficient in the English language or engage a professional language editing service for help.

Manuscript Submission Checklist

- Double-space all text, including references and figure legends.
- Number pages.
- Number lines continuously.
- Present statistical treatment of data where appropriate.
- Format references in ASM style.
- Provide accession numbers for all newly published sequences in a dedicated paragraph, and if a sequence or sequence alignment important for evaluation of the manuscript is not yet available, provide the information as supplemental material not for publication or make the material available on a website for access by the editor and reviewers.
- Confirm that genetic and chemical nomenclature conforms to instructions.
- Include as supplemental material not for publication in-press and submitted manuscripts that are important for judgment of the present manuscript.

Full-Length Papers

Full-length papers include the elements described in this section.

Title, running title, and byline. Each manuscript should present the results of an independent, cohesive study; thus, numbered series titles are not permitted. Exercise care in composing a title. Avoid the main title/subtitle arrangement, complete sentences, and unnecessary articles. On the title page include the title, the running title (not to exceed 54 characters and spaces), the name of each author, all authors' affiliations at the time the work was performed, and a footnote indicating the present address(es) of any author(s) no longer at the institution where the work was performed. Place a number sign (#) after the name of the author to whom inquiries regarding the paper should be directed (see "Correspondent footnote," below). Please review this sample title page for guidance.

Study group in byline. A study group, surveillance team, working group, consortium, or the like (e.g., the Active Bacterial Core Surveillance Team) may be listed as a coauthor in the byline if its contributing members satisfy the requirements for authorship and accountability as described in these Instructions. The names (and institutional affiliations if desired) of the contributing members may be given as a separate paragraph in Acknowledgments.

If the contributing members of the group associated with the work do not fulfill the criteria of substantial contribution to and responsibility for the paper, the group may not be listed in the author byline. Instead, it and the names of its contributing members may be listed in the Acknowledgments section.

Correspondent footnote. The e-mail address for the corresponding author should be included on the title page of the manuscript. This information will be published in the article as a footnote to facilitate communication and will be used to notify the corresponding author of the availability of proofs and, later, of the PDF file of the published article. No more than two authors may be designated corresponding authors.

Abstract. Limit the abstract to 250 words or fewer and concisely summarize the basic content of the paper without presenting extensive experimental details. Avoid abbreviations and references, and do not include diagrams. When it is essential to include a reference, use the same format as shown for the References section but omit the article title. Conclude the abstract with a summary statement. Because the abstract will be published separately by abstracting services, it must be complete and understandable without reference to the text.

Introduction. The introduction should supply sufficient background information to allow the reader to understand and evaluate the results of the present study without referring to previous publications on the topic. The introduction should also provide the hypothesis that was addressed or the rationale for the present study. Choose references carefully to provide the most salient background rather than an exhaustive review of the topic.

Case Report. The Case Report section, placed after the introduction and before Materials and Methods, is optional and gives relevant clinical information about one or more patients while being incidental to the rest of the paper. (If the Case Report constitutes the entire article, the paper must be presented in Case Report format [see "Case Reports," below], which differs from that used for a full-length text or a Short-Form paper.)

Materials and Methods. The Materials and Methods section must include sufficient technical information to allow the experiments to be repeated. The sources of all media (i.e., name and location of manufacturer) or components of a new formulation must be provided. When centrifugation conditions are critical, give enough information to enable another investigator to repeat the procedure: make of centrifuge, model of rotor, temperature, time at maximum speed, and centrifugal force ($\times g$ rather than revolutions per minute). For commonly used materials and methods (e.g., media and protein concentration determinations), a simple reference or specifically recommended product or procedure is sufficient. If several alternative methods are commonly used, it is helpful to identify the method briefly as well as to cite the reference. For example, it is preferable to state "cells were broken by ultrasonic treatment as previously described (9)" rather than to state "cells were broken as previously described (9)." This allows the reader to assess the method without constant reference to previous publications. Describe new methods completely, and give sources of unusual chemicals, reagents, equipment, or microbial strains. When large numbers of microbial strains or mutants are used in a study, include tables identifying the immediate sources (i.e., sources from whom the strains were obtained) and properties of the strains, mutants, bacteriophages, and plasmids, etc.

A method or strain, etc., used in only one of several experiments reported in the paper may be described in the Results section or very briefly (one or two sentences) in a table footnote or figure legend. It is expected that the sources from whom the strains were obtained will be identified.

Results. In the Results section, include the rationale or design of the experiments as well as the results; reserve extensive interpretation of the results for the Discussion section. Present the results as concisely as possible in one of the following: text, table(s), or figure(s). Avoid extensive use of graphs to present data which might be more concisely presented in the text or tables. For example, except in unusual cases, double-reciprocal plots used to determine apparent K_m values should not be presented as graphs; instead, the values should be stated in the text. Similarly, graphs illustrating other methods commonly used to derive kinetic or physical constants (e.g., reduced-viscosity plots and plots used to determine sedimentation velocity) need not be shown except in unusual circumstances. All tabular data must be accompanied by either standard deviation values or standard errors of the means. The number of replicate determinations (or animals) used for making such calculations must also be included. All statements concerning the significance of the differences observed should be accompanied by probability values given in parentheses. The statistical procedure used should be stated in Materials and Methods. Limit illustrations (particularly photomicrographs and electron micrographs) to those that are absolutely necessary to show the experimental findings. Number figures and tables in the order in which they are cited in the text, and be sure to cite all figures and tables.

Discussion. The Discussion section should provide an interpretation of the results in relation to previously published work and to the experimental system at hand. It must not contain extensive repetition of the Results section or reiteration of the introduction. In short papers, the Results and Discussion sections may be combined.

Acknowledgments. The source of any financial support received for the work being published must be indicated in the Acknowledgments section. (It will be assumed that the absence of such an acknowledgment is a statement by the authors that no support was received.) The usual format is as follows: "This work was supported by Public Health Service grant CA-01234 from the National Cancer Institute."

Recognition of personal assistance should be given as a separate paragraph, as should any conflict of interest statements and statements disclaiming endorsement or approval of the views reflected in the paper or of a product mentioned therein.

Appendixes. Appendixes that contain additional material to aid the reader are permitted. Titles, authors, and reference sections that are distinct from those of the primary article are not allowed. If it is not feasible to list the author(s) of the appendix in the byline or the Acknowledgments section of the primary article, rewrite the appendix so that it can be considered for publication as an independent article, either full-length paper or Short-Form style. Equations, tables, and figures should be labeled with the letter "A" preceding the numeral to distinguish them from those cited in the main body of the text.

References. In the reference list, references are numbered in the order in which they are cited in the article (citation-sequence reference system); ASM no longer uses the citation-name system with an alphabetized reference list. In the text, references are cited parenthetically by number in sequential order. Data that are not published or not peer reviewed are simply cited parenthetically in the text (see section ii below).

(i) References listed in the References section. The following types of references must be listed in the References section:

- Journal articles (both print and online)
- Books (both print and online)
- Book chapters (book title is required)
- Patents
- Theses and dissertations
- Published conference proceedings
- Meeting abstracts (from published abstract books or journal supplements)
- Letters (to the editor)
- Company publications

- In-press journal articles, books, and book chapters (publication title is required)

Provide the names of all the authors and/or editors for each reference; names should not be abbreviated with "et al." Since title and byline information that is downloaded from PubMed does not always show accents, italics, or special characters, authors should refer to the PDF files or hard-copy versions of the articles and incorporate the necessary corrections in the submitted manuscript. Abbreviate journal names according to the PubMed Journals Database (National Library of Medicine, National Institutes of Health; available at http://www.ncbi.nlm.nih.gov/nlmcatalog/journals), the primary source for ASM style. EndNote versions 6 and earlier do not contain the current ASM reference style. To update your EndNote style, go to http://endnote.com/downloads/styles?title_op=contains&title=american+society+for+microbiology. Click the Download button, and save the style in your EndNote Style folder (it should replace any earlier versions). All ASM journals use the same reference style.

Follow the styles shown in the examples below for print references.

1. **Caserta E, Haemig HAH, Manias DA, Tomsic J, Grundy FJ, Henkin TM, Dunny GM.** 2012. *In vivo* and *in vitro* analyses of regulation of the pheromone-responsive *prgQ* promoter by the PrgX pheromone receptor protein. J. Bacteriol. **194:**3386–3394.
2. **Falagas ME, Kasiakou SK.** 2006. Use of international units when dosing colistin will help decrease confusion related to various formulations of the drug around the world. Antimicrob. Agents Chemother. **50:**2274–2275. (Letter.) {*"Letter" or "Letter to the editor" is allowed but not required at the end of such an entry.*}
3. **Cox CS, Brown BR, Smith JC.** J. Gen. Genet., in press.* {*Article title is optional; journal title is mandatory.*}
4. **da Costa MS, Nobre MF, Rainey FA.** 2001. Genus I. Thermus Brock and Freeze 1969, 295,[AL] emend. Nobre, Trüper and da Costa 1996b, 605, p 404–414. *In* Boone DR, Castenholz RW, Garrity GM (ed), Bergey's manual of systematic bacteriology, 2nd ed, vol 1. Springer, New York, NY.
5. **Stratagene.** 2006. Yeast DNA isolation system: instruction manual. Stratagene, La Jolla, CA. {*Use the company name as the author if none is provided for a company publication.*}
6. **Forman MS, Valsamakis A.** 2011. Specimen collection, transport, and processing: virology, p 1276–1288. *In* Versalovic J, Carroll KC, Jorgensen JH, Funke G, Landry ML, Warnock DW (ed), Manual of clinical microbiology, 10th ed, vol 2. ASM Press, Washington, DC.
7. **Fitzgerald G, Shaw D.** *In* Waters AE (ed), Clinical microbiology, in press. EFH Publishing Co, Boston, MA.* {*Chapter title is optional.*}
8. **García CO, Paira S, Burgos R, Molina J, Molina JF, Calvo C, Vega L, Jara LJ, García-Kutzbach A, Cuellar ML, Espinoza LR.** 1996. Detection of *Salmonella* DNA in synovial membrane and synovial fluid from Latin American patients using the polymerase chain reaction. Arthritis Rheum. **39**(Suppl 9)**:**S185. {*Meeting abstract published in journal supplement.*}
9. **Carlson E.** 2013. Selective penicillin-binding protein imaging probes reveal substructure in bacterial cell division, p 59. Final Program 113th Gen. Meet. Am. Soc. Microbiol. American Society for Microbiology, Washington, DC. {*Abstract title is optional.*}
10. **Rotimi VO, Salako NO, Mohaddas EM, Philip LP.** 2005. Abstr. 45th Intersci. Conf. Antimicrob. Agents Chemother., abstr D-1658. {*Abstract title is optional.*}
11. **Green PN, Hood D, Dow CS.** 1984. Taxonomic status of some methylotrophic bacteria, p 251–254. *In* Crawford RL, Hanson RS (ed), Microbial growth on C_1 compounds. Proceedings of the 4th International Symposium. American Society for Microbiology, Washington, DC.
12. **O'Malley DR.** 1998. Ph.D. thesis. University of California, Los Angeles, CA. {*Title is optional.*}
13. **Odell JC.** April 1970. Process for batch culturing. US patent 484,363,770. {*Include the name of the patented item/process if possible; the patent number is mandatory.*}
14. **Elder BL, Sharp SE.** 2003. Cumitech 39, Competency assessment in the clinical laboratory. Coordinating ed, Sharp SE. ASM Press, Washington, DC.

*A reference to an in-press ASM publication should state the control number (e.g., JCM00123-14) if it is a journal article or the name of the publication if it is a book.

Online-only references must provide essentially the same information that print references do. For online journal articles, posting or revision dates may replace the year of publication; a DOI (preferred) or URL is required for articles with nontraditional page numbers or electronic article identifiers.

1. **Bina XR, Taylor DL, Vikram A, Ante VM, Bina JE.** 2013. *Vibrio cholerae* ToxR downregulates virulence factor production in response to cyclo(Phe-Pro). mBio **4**(5)**:**e00366-13. doi:10.1128/mBio.00366-13.
2. **Winnick S, Lucas DO, Hartman AL, Toll D.** 2005. How do you improve compliance? Pediatrics **115:**e718–e724. doi:10.1542/peds.2004-1133.
3. **Dionne MS, Schneider DS.** 2002. Screening the fruitfly immune system. Genome Biol. **3:**reviews1010-reviews1010.2. doi:10.1186/gb-2002-3-4-reviews1010.
4. **Giegé R, Springer M.** 2012. Aminoacyl-tRNA synthetases in the bacterial world. EcoSal Plus doi:10.1128/ecosalplus.4.2.1.

Note: a posting or accession date is required for any online reference that is periodically updated or changed.

Citations of ASM Accepts manuscripts should look like the following example.

Wang GG, Pasillas MP, Kamps MP. 15 May 2006. Persistent transactivation by Meis1 replaces Hox function in myeloid leukemogenesis models: evidence for co-occupancy of Meis1-Pbx and Hox-Pbx complexes on promoters of leukemia-associated genes. Mol. Cell. Biol. doi:10.1128/MCB.00586-06.

Other journals may use different styles for their publish-ahead-of-print manuscripts, but citation entries must include the following information: author name(s), posting date, title,

journal title, and volume and page numbers and/or DOI. The following is an example:

Zhou FX, Merianos HJ, Brunger AT, Engelman DM. 13 February 2001. Polar residues drive association of polyleucine transmembrane helices. Proc. Natl. Acad. Sci. U. S. A. doi:10.1073/pnas.041593698.

(ii) References cited in the text. References that should be cited in the text include

- Unpublished data
- Manuscripts submitted for publication
- Unpublished conference presentations (e.g., a report or poster that has not appeared in published conference proceedings)
- Personal communications
- Patent applications and patents pending
- Computer software, databases, and websites

These references should be made parenthetically in the text as follows:

. . . similar results (R. B. Layton and C. C. Weathers, unpublished data).
. . . system was used (J. L. McInerney, A. F. Holden, and P. N. Brighton, submitted for publication).
. . . as described previously (M. G. Gordon and F. L. Rattner, presented at the Fourth Symposium on Food Microbiology, Overton, IL, 13 to 15 June 1989). {*For nonpublished abstracts and posters, etc.*}
. . . this new process (V. R. Smoll, 20 June 1999, Australian Patent Office). {*For non-U.S. patent applications, give the date of publication of the application.*}
. . . available in the GenBank database (http://www.ncbi.nlm.nih.gov/Genbank/index.html).
. . . using ABC software (version 2.2; Department of Microbiology, State University [http://www.state.micro.edu]).

URLs for companies that produce any of the products mentioned in your study or for products being sold may not be included in the article. However, company URLs that permit access to scientific data related to the study or to shareware used in the study are permitted.

(iii) Citations in abstracts. Because the abstract must be able to stand apart from the article, references cited in it should be clear without recourse to the References section. Use an abbreviated form of citation, omitting the article title, as follows.

(P. S. Satheshkumar, A. S. Weisberg, and B. Moss, J. Virol. 87:10700–10709, 2013, doi:10.1128/JVI.01258-13)
(J. H. Coggin, Jr., p. 93–114, *in* D. O. Fleming and D. L. Hunt, ed., *Biological Safety. Principles and Practices*, 4th ed., 2006)
". . . in a recent report by D. A. Hopwood [mBio 4(5): e00612-13, 2013, doi:10.1128/mBio00612-13] . . . ."

This style should also be used for Addenda in Proof.

(iv) References related to supplemental material. If references must be cited in the supplemental material, list them in a **separate** References section within the supplemental material and cite them by those numbers; do not simply include citations of numbers from the reference list of the associated article. If the same reference(s) is to be cited in both the article itself and the supplemental material, then that reference would be listed in both References sections.

Short-Form Papers

The Short-Form format is intended for the presentation of brief observations that do not warrant full-length papers. However, Short-Form papers should contain firm data; observations alone are not acceptable. Submit Short-Form papers in the same way as full-length papers. They receive the same review, they are not published more rapidly than full-length papers, and they are not considered preliminary communications.

The title, running title (not to exceed 54 characters and spaces), byline, and correspondent footnote should be prepared as for a full-length paper. Each Short-Form paper must have an abstract of no more than 50 words. Do not use section headings in the body of the Short Form; combine methods, results, and discussion in a single section. Paragraph lead-ins are permissible. The text should be kept to a minimum and if possible should not exceed 1,000 words; the number of figures and tables should also be kept to a minimum. Materials and methods should be described in the text, not in figure legends or table footnotes. Present acknowledgments as in full-length papers. The References section is identical to that of full-length papers.

Minireviews

Minireviews are expected to be focused discussions of defined topics relevant to clinical microbiologists. In general, they are to be submitted only following invitation by the editor in chief of JCM. Unsolicited Minireviews are discouraged. A topical outline should be provided to the editor in chief for approval prior to submission of the completed Minireview manuscript in the eJP online manuscript submission and peer review system.

Minireviews are not expected to be comprehensive reviews of the literature but rather focused discussions of specific topics. A standard title page should be provided. This is followed by an abstract of 100 words or less and then the text of the Minireview, which should not exceed 12 double-spaced manuscript pages in length, exclusive of tables, figures, photographs, and references. Up to three tables, figures, or photographs, total, may be included. References should be limited to no more than 30. Minireviews will be reviewed by two JCM editors, with the aim of expedited processing. In general, it is hoped that, barring the necessity of major revisions, accepted Minireviews will appear in print within 3 months of their submission and online ahead of print 6 to 8 weeks earlier.

Author bio. A short biographical sketch and photograph of the **one** author most responsible for the minireview should be submitted along with the initial version of the manuscript. These will be published at the end of the article.

- The text limit is 150 words and should include WHO you are (your name), WHERE you received your education, WHAT positions you have held and at WHICH institutions, WHERE you are now (your current institution), WHY you have this interest, and HOW LONG you have been in this area, as well as a brief review of your scholarly interests and record of publication. In addition, please list pertinent significant awards you have received.
- The photo should be a recent black-and-white head shot of passport size. It will be reduced to approximately 1.125 inches wide by 1.375 inches high. The photo must meet the production criteria for regular figures and should be checked for production quality by using Rapid Inspector, provided at the following URL: http://rapidinspector.cadmus.com/RapidInspector/zmw/index.jsp.
- To submit, upload the text and photo with your manuscript in the submission and review system. Include the biographical text immediately **after** the References section of your manuscript, in the same file. It should be labeled with the heading "Biosketch." Upload the head shot photograph in the submission system as a "Minireview Bio Photo"; **include the author's name or enough of it for identification in the photo's file name.**

Contact the scientific editor if you have questions about what to write. Contact the production editor if you have questions about submitting your files.

Commentaries

Commentaries are invited communications concerning topics relevant to the readership of JCM and are intended to engender discussion. Reviews of the literature, methods and other how-to papers, and responses targeted at a specific published paper are not appropriate. Commentaries are subject to review.

The length may not exceed four printed pages, and the format is like that of a Minireview (see above) except that the abstract is limited to 75 words.

Point-Counterpoint

Point-Counterpoint is a feature of JCM in which two experts present opposing views on a contemporary issue in the laboratory diagnosis of infectious diseases. This feature will be the lead article in the issue of JCM in which it appears. Participation as an author of a Point-Counterpoint feature is by invitation only.

A JCM editor will write a brief introductory piece of approximately 200 words outlining why a specific issue is important and then present the issue in the form of a question. The two experts will then each write a commentary, no more than 1,000 words in length, in which they present evidence in support of either the pro or con view. One table or one figure may be included. Since these discussions will be evidence based, authors may also cite up to 10 references. Unpublished or in-press data which reflect the current practice in their laboratory may be used but should not be the sole basis for their position.

Authors should send commentaries directly back to the JCM editor within 30 days of receipt of the introductory statement. Following receipt of both the pro and con commentaries, the editor will review the submissions and may return them to the author(s) with comments and/or suggested revisions. If revisions are required, the author(s) will have 14 days to craft a revised commentary, which will be sent directly back to the editor. Upon receipt of final commentaries, the JCM editor will write a brief summary consisting of no more than six one-sentence bullet points, outlining where the experts agree (no more than three points) and disagree (no more than three points). The JCM editor will then upload the introduction, both commentaries, and the summary in eJP.

Case Reports

While a full-length article or a Short-Form paper may contain a case report section when the report is incidental to the rest of the paper, a specific Case Report format must be used when the report constitutes the entire article.

A Case Report must include an abstract of no more than 50 words. The text starts with presentation of the case under the section heading "Case Report"; there is no introductory text before the Case Report heading. After the case is presented, the rest of the text follows in a separate section after a ruled line to separate the sections. No separate head is used for this short discussion section, but paragraph lead-ins are permitted. The total number of tables and figures (combined) must not exceed 3. For an example of a correctly formatted Case Report, see J. Clin. Microbiol. **39:**1678–1679, 2001.

Photo Quiz

A Photo Quiz submission should present the findings of some relevant, interesting, and new observation pertinent to the practice of clinical microbiology in which a photograph is particularly useful in conveying important information **and** where the observation can serve as the basis for both a question and an answer. The photograph may be of a micrograph, some other laboratory material, a clinical lesion, or the results of an imaging study.

A Photo Quiz consists of two parts: (i) a case presentation featuring a photograph depicting some unusual and/or informative finding in clinical microbiology and (ii) an answer to the quiz. The case presentation and the answer must be submitted as two separate articles. Note that authors and affiliations are listed below the title.

Photo Quiz case presentation. The text in the Photo Quiz case presentation should be limited to 200 to 300 words. The header for the case presentation should read "Photo Quiz."

Please include a photograph about 39 picas (6.5 inches) wide and 28 picas (4.625 inches) high. Since photos appearing with published Photo Quizzes appear on the cover of the journal, a high-resolution TIFF or EPS file is preferred. A short legend for the photo must be provided, and the photo must be cited in the case presentation. Refer to a recently published Photo Quiz for correct formatting.

Answer to Photo Quiz. The text of the answer to the Photo Quiz should also be limited to 200 to 300 words. The header to the answer should read "Answer to Photo Quiz." Four to six references may be cited at the end of the Photo Quiz answer.

Submission. The Photo Quiz case presentation should be submitted in the "Photo Quiz" manuscript category. The Photo Quiz answer should be submitted in the "Photo Quiz Answer" manuscript category.

Letters to the Editor

Two types of Letters to the Editor may be submitted. The first type (Comment Letter) is intended for comments on final, typeset articles published in the journal (not on publish-ahead-of-print manuscripts) and must cite published references to support the writer's argument. The second type (New-Data Letter) may report new, concise findings that are not appropriate for publication as full-length papers or Short-Form papers.

Letters may be **no more than 500 words long and must be typed double spaced.** Refer to a recently published Letter for correct formatting. Note that authors and affiliations are listed below the title.

All Letters to the Editor must be submitted electronically, and the type of Letter (New Data or Comment) must be selected from the drop-down list in the submission form. For Letters commenting on published articles, the cover letter should state the volume and issue in which the article was published, the title of the article, and the last name of the first author. In the Abstract section of the submission form, put "Not Applicable." Letters to the Editor do not have abstracts. Both types of Letter must have a title, which must appear on the manuscript and on the submission form. Figures and tables should be kept to a minimum.

If the Letter is related to a published article, it will be sent to the editor who handled the article in question. If the editor believes that publication is warranted, he/she will solicit a reply from the corresponding author of the article and give approval for publication.

New-Data Letters will be assigned to an editor according to subject matter and will be reviewed by that editor and/or a reviewer.

Please note that some indexing/abstracting services do not include Letters to the Editor in their databases.

Fast-Track Communications

The Fast-Track route is intended for accelerated review of short communications that are of significant interest to clinical microbiologists. Manuscripts are limited to 750 words, one figure, one table, and 10 or fewer references. The format should be the same as that of a New-Data Letter (see "Letters to the Editor," above). Fast-Track articles should be submitted via the eJP online manuscript submission and peer review system.

A Fast-Track submission is subject to approval as such by the editor in chief. If approved for the Fast-Track route, the manuscript will be assigned to an appropriate JCM editor and reviewed, according to the same standards applied for traditional manuscripts, within 1 week. If accepted, the manuscript will be scheduled for the next available issue and edited. An acceptance letter and copyright agreement will be mailed to the corresponding author. Proofs will be made available electronically as for regular articles.

A Fast-Track submission that is not approved for the Fast-Track route will be handled as a New-Data Letter according to normal procedures.

Errata

The Erratum section provides a means of correcting errors that occurred during the writing, typing, editing, or publication (e.g., a misspelling, a dropped word or line, or mislabeling in a figure) of a published article. Submit Errata via the eJP online manuscript submission and peer review system (see "Submission, Review, and Publication Processes"). In the Abstract section of the submission form (a required field), put "Not Applicable." Upload the text of your Erratum as a Microsoft Word file. Please see a recent issue for correct formatting.

Author Corrections

The Author Correction section provides a means of correcting errors of omission (e.g., author names or citations) and errors of a scientific nature that do not alter the overall basic results or conclusions of a published article (e.g., an incorrect unit of measurement or order of magnitude used throughout, contamination of one of numerous cultures, or misidentification of a mutant strain, causing erroneous data for only a [noncritical] portion of the study). Note that the addition of new data is not permitted.

For corrections of a scientific nature or issues involving authorship, including contributions and use or ownership of data and/or materials, all disputing parties must agree, in writing, to publication of the Correction. For omission of an author's name, letters must be signed by the authors of the article and the author whose name was omitted. The editor who handled the article will be consulted if necessary.

Submit an Author Correction via the eJP online manuscript submission and peer review system (see "Submission, Review, and Publication Processes"). Select Author Correction as the manuscript type. In the Abstract section of the submission form (a required field), put "Not Applicable." Upload the text of your Author Correction as a Microsoft Word file. Please see a recent issue for correct formatting. Signed letters of agreement must be supplied as supplemental material not for publication (scanned PDF files).

Retractions

Retractions are reserved for major errors or breaches of ethics that, for example, may call into question the source of the data or the validity of the results and conclusions of an article. Submit Retractions via the eJP online manuscript submission and peer review system (see "Submission, Review, and Publication Processes"). In the Abstract section of the submission form (a required field), put "Not Applicable." Upload the text of your Retraction as a Microsoft Word file. Letters of agreement signed by all of the authors must be supplied as supplemental material not for publication (scanned PDF files). The Retraction will be assigned to the editor in chief of the journal, and the

editor who handled the paper and the chairperson of the ASM Journals Board will be consulted. If all parties agree to the publication and content of the Retraction, it will be sent to the Journals Department for publication.

ILLUSTRATIONS AND TABLES

Illustrations

Image manipulation. Digital images submitted for publication may be inspected by ASM production specialists for any manipulations or electronic enhancements that may be considered to be the result of scientific misconduct based on the guidelines provided below. Any images/data found to contain manipulations of concern will be referred to the editor in chief, and authors may then be requested to provide their primary data for comparison with the submitted image file. Investigation of the concerns may delay publication and may result in revocation of acceptance and/or additional action by ASM.

Linear adjustments to contrast, brightness, and/or color are generally acceptable, as long as the measures taken are necessary to view elements that are already present in the data and the adjustments are applied to the entire image and not just specific areas. Unacceptable adjustments to images include, but are not limited to, the removal or deletion, concealment, duplication (copying and pasting), addition, selective enhancement, or repositioning of elements within the image.

Nonlinear adjustments made to images, such as changes to gamma settings, should be fully disclosed in the figure legends at the time of submission. In addition, images created by compiling multiple files, including noncontiguous portions of the same image, should clearly distinguish that these multiple files are not a single image. This can be done by "tooling," or inserting thin lines, between the individual images.

File types and formats. Illustrations may be continuous-tone images, line drawings, or composites. Color graphics may be submitted, but the cost of printing in color must be borne by the author. Suggestions about how to reduce costs and ensure accurate color reproduction are given below.

On initial submission, figures may be uploaded as individual PDF files or combined and uploaded as a single PDF file. Place each legend in the text file, as well as on the same page with the figure to assist review. At the modification stage, production-quality digital files must be provided. The legends will be copy-edited and typeset for final publication and should not be included as part of the figure itself at this stage. All graphics submitted with modified manuscripts must be bitmap, grayscale, or in the RGB (preferred) or CMYK color mode. See "Color illustrations." Halftone images (those with various densities or shades) must be grayscale, not bitmap. JCM accepts TIFF or EPS files but discourages PowerPoint for either black-and-white or color images.

For instructions on creating acceptable EPS and TIFF files, refer to the Cadmus digital art website, http://art.cadmus.com/da/index.jsp. PowerPoint requires users to pay close attention to the fonts used in their images (see the section on fonts below). If instructions for fonts are not followed exactly, images prepared for publication are subject to missing characters, improperly converted characters, or shifting/obscuring of elements or text in the figure. For proper font use in PowerPoint images, refer to the Cadmus digital art website, http://art.cadmus.com/da/instructions/ppt_disclaimer.jsp. Note that, due to page composition system requirements, you must verify that your PowerPoint files can be converted to PDF without any errors.

We strongly recommend that before returning their modified manuscripts, authors check the acceptability of their digital images for production by running their files through Rapid Inspector, a tool provided at the following URL: http://rapidinspector.cadmus.com/RapidInspector/zmw/index.jsp. Rapid Inspector is an easy-to-use, Web-based application that identifies file characteristics that may render the image unusable for production.

If you have additional questions about using the Rapid Inspector preflighting tool, please send an e-mail inquiry to helpdesk.digitalartsupport@cenveo.com.

Minimum resolution. It is extremely important that a high enough resolution is used. All separate images that you import into a figure file must be at the correct resolution before they are placed. (For instance, placing a 72-dpi image in a 300-dpi EPS file will not result in the placed image meeting the minimum requirements for file resolution.) Note, however, that the higher the resolution, the larger the file and the longer the upload time. Publication quality will not be improved by using a resolution higher than the minimum. Minimum resolutions are as follows:

- 300 dpi for grayscale and color
- 600 dpi for combination art (lettering and images)
- 1,200 dpi for line art

Size. All graphics **should be submitted at their intended publication size;** that is, the image uploaded should be 100% of its print dimensions so that no reduction or enlargement is necessary. Resolution must be at the required level at the submitted size. Include only the significant portion of an illustration. White space must be cropped from the image, and excess space between panel labels and the image must be eliminated.

- Maximum width for a 1-column figure: 20.6 picas (ca. 8.7 cm)
- Maximum width for a 2-column figure: 42 picas (ca. 17.8 cm)
- Minimum width for a 2-column figure: 26 picas (11.1 cm)
- Maximum height for a standard figure: 54.7 picas (ca. 23.2 cm)
- Maximum height for an oversized figure (no running title); 57.4 picas (ca. 24.3 cm)

Contrast. Illustrations must contain sufficient contrast to be viewed easily on a monitor or on the printed page.

Labeling and assembly. All final lettering and labeling must be incorporated into the figures. On initial submission, illustrations should be provided as PDF files, with the legends in the text file and with a legend beneath each image to assist review. At the modification stage, production-quality digital figure

files (without legends) must be provided. Put the figure number well outside the boundaries of the image itself. (Numbering may need to be changed at the copyediting stage.) Each figure must be uploaded as a separate file, and any multipanel figures must be assembled into one file; i.e., rather than uploading a separate file for each panel in a figure, assemble all panels in one piece and supply them as one file.

Fonts. To avoid font problems, set all type in one of the following fonts: Arial, Helvetica, Times Roman, European PI, Mathematical PI, or Symbol. Courier may be used but should be limited to nucleotide or amino acid sequences, where a nonproportional (monospace) font is required. All fonts other than these must be converted to paths (or outlines) in the application with which they were created. For proper font use in PowerPoint images, refer to the Cadmus digital art website, http://art.cadmus.com/da/instructions/ppt_disclaimer.jsp.

Color illustrations. Color costs must be borne by the author. See "Publication Fees." All figures submitted in color will be processed as color. Adherence to the following guidelines will help to minimize costs and to ensure color reproduction that is as accurate as possible.

The final online version is considered the version of record for JCM and all other ASM journals. To maximize online reproduction, color illustrations should be supplied in the RGB color mode as either (i) RGB TIFF images with a resolution of at least 300 pixels per inch (raster files, consisting of pixels) or (ii) Illustrator-compatible EPS files with RGB color elements (vector files, consisting of lines, fonts, fills, and images). CMYK files are also accepted. Other than in color space, CMYK files must meet the same production criteria as RGB files. The RGB color space is the native color space of computer monitors and of most of the equipment and software used to capture scientific data, and it can display a wider range of colors (especially bright fluorescent hues) than the CMYK (cyan, magenta, yellow, black) color space used by print devices that put ink (or toner) on paper. For the print version (and reprints), ASM's print provider will automatically create CMYK versions of color illustrations from the supplied RGB versions. Color in the print journal may not match that in the online journal of record because of the smaller range of colors capable of being reproduced by CMYK inks on a printing press. For additional information on RGB versus CMYK color, refer to the Cadmus digital art site, http://art.cadmus.com/da/guidelines_rgb.jsp.

Drawings

Submit graphs, charts, complicated chemical or mathematical formulas, diagrams, and other drawings as finished products not requiring additional artwork or typesetting. All elements, including letters, numbers, and symbols, must be easily readable, and both axes of a graph must be labeled. Keep in mind that the journal is published both in print and online and that the same electronic files submitted by the authors are used to produce both.

When creating line art, please use the following guidelines:

(i) **All art must be submitted at its intended publication size.** For acceptable dimensions, see "Size," above.

(ii) **Avoid using screens (i.e., shading) in line art.** It can be difficult and time-consuming to reproduce these images without moiré patterns. Various pattern backgrounds are preferable to screens as long as the patterns are not imported from another application. If you must use images containing screens,

(a) Generate the image at line screens of 85 lines per inch or less.

(b) When applying multiple shades of gray, differentiate the gray levels by at least 20%.

(c) Never use levels of gray below 5% or above 95%, as they are likely to fade out or become totally black when output.

(iii) Use thick, solid lines that are no finer than 1 point in thickness.

(iv) No type should be smaller than 6 points at the final publication size.

(v) Avoid layering type directly over shaded or textured areas.

(vi) Avoid the use of reversed type (white lettering on a black background).

(vii) Avoid heavy letters, which tend to close up, and unusual symbols, which the printer may not be able to reproduce in the legend.

(viii) If colors are used, avoid using similar shades of the same color and avoid very light colors.

In figure ordinate and abscissa scales (as well as table column headings), avoid the ambiguous use of numbers with exponents. Usually, it is preferable to use the appropriate Système International d'Unités (SI) symbols (μ for 10^{-6}, m for 10^{-3}, k for 10^{3}, and M for 10^{6}, etc.). Thus, a representation of 20,000 cpm on a figure ordinate should be made by the number 20 accompanied by the label kcpm. A complete listing of SI symbols can be found in the International Union of Pure and Applied Chemistry (IUPAC) publication *Quantities, Units and Symbols in Physical Chemistry*, 3rd ed. (RSC Publishing, Cambridge, United Kingdom, 2011); an abbreviated list is available at http://old.iupac.org/reports/1993/homann/index.html.

When powers of 10 must be used, the journal requires that the exponent power be associated with the number shown. In representing 20,000 cells per ml, the numeral of the ordinate should be "2" and the label should be "10^{4} cells per ml" (not "cells per ml $\times$ 10^{-4}"). Likewise, an enzyme activity of 0.06 U/ml might be shown as 6 accompanied by the label 10^{-2} U/ml. The preferred designation is 60 mU/ml (milliunits per milliliter).

Presentation of Nucleic Acid Sequences

Long nucleic acid sequences must be presented as figures in the following format to conserve space. Print the sequence in lines of approximately 100 to 120 nucleotides in a nonproportional (monospace) font that is easily legible when published with a line length of 6 inches (ca. 15.2 cm). If possible, lines of nucleic acid sequence should be further subdivided into blocks of 10 or 20 nucleotides by spaces within the sequence or by marks above it. Uppercase and lowercase letters may be used to designate the exon-intron structure or transcribed regions, etc., if the lowercase letters remain legible at a 6-inch (ca. 15.2-cm) line length. Number the sequence line by line; place numerals representing the first base of each line to the left of the lines. Minimize spacing between lines of sequence, leaving room only for annotation of the sequence. Annotation may include boldface, underlining, brackets, and boxes, etc. Encoded amino acid sequences may be presented, if necessary, immediately above or below the first nucleotide of each codon, by using the single-letter amino acid symbols. Comparisons of multiple nucleic acid sequences should conform as nearly as possible to the same format.

Figure Legends

On initial submission, each legend should be placed in the text file *and* be incorporated into the image file beneath the figure to assist review.

Legends should provide enough information so that the figure is understandable without frequent reference to the text. However, detailed experimental methods must be described in the Materials and Methods section, not in a figure legend. A method that is unique to one of several experiments may be reported in a legend only if the discussion is very brief (one or two sentences). Define all symbols used in the figure and define all abbreviations that are not used in the text.

Tables

Tables that contain artwork, chemical structures, or shading must be submitted as illustrations in an acceptable format at the modification stage. The preferred format for regular tables is Microsoft Word; however, WordPerfect and Acrobat PDF are also acceptable. Note that a straight Excel file is not currently an acceptable format. Excel files must be either embedded in a Word or WordPerfect document or converted to PDF before being uploaded.

Tables should be formatted as follows. Arrange the data so that **columns of like material read down, not across.** The headings should be sufficiently clear so that the meaning of the data is understandable without reference to the text. See the "Abbreviations" section of these Instructions for those that should be used in tables. Explanatory footnotes are acceptable, but more-extensive table "legends" are not. Footnotes should not include detailed descriptions of the experiment. Tables must include enough information to warrant table format; those with fewer than six pieces of data will be incorporated into the text by the copy editor. Table 1 is an example of a well-constructed table.

TABLE 1 Distribution of protein and ATPase in fractions of dialyzed membranes[a]

Membrane	Fraction	ATPase	
		U/mg of protein	Total U
Control	Depleted membrane	0.036	2.3
	Concentrated supernatant	0.134	4.82
E1 treated	Depleted membrane	0.034	1.98
	Concentrated supernatant	0.11	4.6

[a] Specific activities of ATPase of nondepleted membranes from control and treated bacteria were 0.21 and 0.20, respectively.

NOMENCLATURE

Chemical and Biochemical Nomenclature

The recognized authority for the names of chemical compounds is *Chemical Abstracts* (CAS; http://www.cas.org/) and its indexes. *The Merck Index*, 15th ed. (RSC Books, Cambridge, UK, 2013), is also an excellent source. For biochemical terminology, including abbreviations and symbols, consult *Biochemical Nomenclature and Related Documents* (Portland Press, London, United Kingdom, 1992) available at http://www.chem.qmul.ac.uk/iupac/bibliog/white.html, and the instructions to authors of the *Journal of Biological Chemistry* and the *Archives of Biochemistry and Biophysics*.

Do not express molecular weight in daltons; molecular weight is a unitless ratio. Molecular mass is expressed in daltons.

For enzymes, use the recommended (trivial) name assigned by the Nomenclature Committee of the International Union of Biochemistry (IUB) as described in *Enzyme Nomenclature* (Academic Press, Inc., New York, NY, 1992) and its supplements and at http://www.chem.qmul.ac.uk/iubmb/enzyme/. If a nonrecommended name is used, place the proper (trivial) name in parentheses at first use in the abstract and text. Use the EC number when one has been assigned. Authors of papers describing enzymological studies should review the standards of the STRENDA Commission for information required for adequate description of experimental conditions and for reporting enzyme activity data (http://www.beilstein-institut.de/en/projekte/strenda/guidelines/).

For nomenclature of restriction enzymes, DNA methyltransferases, homing endonucleases, and their genes, refer to the article by Roberts et al. (Nucleic Acids Res. **31:**1805–1812, 2003).

Drugs

Whenever possible, use generic names of drugs; the use of trade names is not permitted.

Nomenclature of Microorganisms

Binary names, consisting of a generic name and a specific epithet (e.g., *Escherichia coli*), must be used for all microorganisms. Names of categories at or above the genus level may be used alone, but specific and subspecific epithets may not. A

specific epithet must be preceded by a generic name, written out in full the first time it is used in a paper. Thereafter, the generic name should be abbreviated to the initial capital letter (e.g., *E. coli*), provided there can be no confusion with other genera used in the paper. Names of all taxa (kingdoms, phyla, classes, orders, families, genera, species, and subspecies) are printed in italics and should be italicized in the manuscript; strain designations and numbers are not. Vernacular (common) names should be in lowercase roman type (e.g., streptococcus, brucella). For *Salmonella*, genus, species, and subspecies names should be rendered in standard form: *Salmonella enterica* at first use, *S. enterica* thereafter; *Salmonella enterica* subsp. *arizonae* at first use, *S. enterica* subsp. *arizonae* thereafter. Names of serovars should be in roman type with the first letter capitalized: *Salmonella enterica* serovar Typhimurium. After the first use, the serovar may also be given without a species name: *Salmonella* Typhimurium, *S.* Typhimurium, or *Salmonella* serovar Typhimurium. For other information regarding serovar designations, see *Antigenic Formulae of the Salmonella Serovars*, 9th ed. (P. A. D. Grimont and F.-X. Weill, WHO Collaborating Centre for Reference and Research on Salmonella, Institut Pasteur, Paris, France, 2007; see http://www.pasteur.fr/ip/portal/action/WebdriveActionEvent/oid/01s-000036-089). For a summary of the current standards for *Salmonella* nomenclature and the Kaufmann-White criteria, see the article by Brenner et al. (J. Clin. Microbiol. **38:**2465–2467, 2000), the opinion of the Judicial Commission of the International Committee on Systematics of Prokaryotes (Int. J. Syst. Evol. Microbiol. **55:**519–520, 2005), and the article by Tindall et al. (Int. J. Syst. Evol. Microbiol. **55:**521–524, 2005).

The spelling of bacterial names should follow the *Approved Lists of Bacterial Names (Amended) & Index of the Bacterial and Yeast Nomenclatural Changes* (V. B. D. Skerman et al., ed., American Society for Microbiology, Washington, DC, 1989) and the validation lists and notification lists published in the *International Journal of Systematic and Evolutionary Microbiology* (formerly the *International Journal of Systematic Bacteriology*) since January 1989. In addition, two sites on the World Wide Web list current approved bacterial names: Prokaryotic Nomenclature Up-to-Date (http://www.dsmz.de/bacterial-diversity/prokaryotic-nomenclature-up-to-date.html) and List of Prokaryotic Names with Standing in Nomenclature (http://www.bacterio.net/). If there is reason to use a name that does not have standing in nomenclature, the name should be enclosed in quotation marks in the title and at its first use in the abstract and the text and an appropriate statement concerning the nomenclatural status of the name should be made in the text. "*Candidatus*" species should always be set in quotation marks.

For guidelines regarding new names and descriptions of new genera and species, see the articles by Tindall (Int. J. Syst. Bacteriol. **49:**1309–1312, 1999) and Stackebrandt et al. (Int. J. Syst. Evol. Microbiol. **52:**1043–1047, 2002). To validate new names and/or combinations, authors must submit three copies of their published article to the *International Journal of Systematic and Evolutionary Microbiology*.

It is recommended that a strain be deposited in at least two recognized culture collections in different countries when that strain is necessary for the description of a new taxon (Int. J. Syst. Evol. Microbiol. **50:**2239–2244, 2000).

Since the classification of fungi is not complete, it is the responsibility of the author to determine the accepted binomial for a given organism. Sources for these names include *The Yeasts: a Taxonomic Study*, 5th ed. (C. P. Kurtzman, J. W. Fell, and T. Boekhout, ed., Elsevier Science, Amsterdam, Netherlands, 2011), and *Dictionary of the Fungi*, 10th ed. (P. M. Kirk, P. F. Cannon, D. W. Minter, and J. A. Stalpers, ed., CABI International, Wallingford, Oxfordshire, United Kingdom, 2008); see also http://www.speciesfungorum.org/Names/Fundic.asp.

Names used for viruses should be those approved by the International Committee on Taxonomy of Viruses (ICTV) and reported on the ICTV Virus Taxonomy website (http://www.ictvonline.org/index.asp). In addition, the recommendations of the ICTV regarding the use of species names should generally be followed: when the entire species is discussed as a taxonomic entity, the species name, as with other taxa, is italic and has the first letter and any proper nouns capitalized (e.g., *Tobacco mosaic virus, Murray Valley encephalitis virus*). When the behavior or manipulation of individual viruses is discussed, the vernacular (e.g., tobacco mosaic virus, Murray Valley encephalitis virus) should be used. If desired, synonyms may be added parenthetically when the name is first mentioned. Approved generic (or group) and family names may also be used.

Microorganisms, viruses, and plasmids should be given designations consisting of letters and serial numbers. It is generally advisable to include a worker's initials or a descriptive symbol of locale or laboratory, etc., in the designation. Each new strain, mutant, isolate, or derivative should be given a new (serial) designation. This designation should be distinct from those of the genotype and phenotype, and italicized genotypic and phenotypic symbols should not be included. Plasmids are named with a lowercase "p" followed by the designation in uppercase letters and numbers. To avoid the use of the same designation as that of a widely used strain or plasmid, check the designation against a publication database such as Medline.

Genetic Nomenclature

To facilitate accurate communication, **it is important that standard genetic nomenclature be used whenever possible and that deviations or proposals for new naming systems be endorsed by an appropriate authoritative body.** Review and/or publication of submitted manuscripts that contain new or nonstandard nomenclature may be delayed by the editor or the Journals Department so that they may be reviewed.

Bacteria. The genetic properties of bacteria are described in terms of phenotypes and genotypes. The phenotype describes the observable properties of an organism. The genotype refers to the genetic constitution of an organism, usually in reference to some standard wild type. Use the recommendations of Demerec et al. (Genetics **54:**61–64, 1966) as a guide to the use of these terms. If your manuscript contains information including genetic nomenclature, please refer to the Instructions to Authors of the *Journal of Bacteriology*.

"Mutant" versus "mutation." Keep in mind the distinction between a mutation (an alteration of the primary sequence of the genetic material) and a mutant (a strain carrying one or more mutations). One may speak about the mapping of a mutation, but one cannot map a mutant. Likewise, a mutant has no genetic locus, only a phenotype.

"Homology" versus "similarity." For use of terms that describe relationships between genes, consult the articles by Theissen (Nature **415:**741, 2002) and Fitch (Trends Genet. **16:** 227–231, 2000). "Homology" implies a relationship between genes that have a common evolutionary origin; partial homology is not recognized. When sequence comparisons are discussed, it is more appropriate to use the term "percent sequence similarity" or "percent sequence identity," as appropriate.

Tetracycline resistance determinants. The nomenclature for tetracycline resistance determinants is based on the proposal of Levy et al. (Antimicrob. Agents Chemother. **43:**1523–1524, 1999). The style for such determinants is, e.g., Tet B; the space helps distinguish the determinant designation from that for phenotypes and proteins (TetB). The above-referenced article also gives the correct format for genes, proteins, and determinants in this family.

Locus tags. Locus tags are systematic, unique identifiers that are assigned to each gene in GenBank. All genes mentioned in a manuscript should be traceable to their sequences by the reader, and locus tags may be used for this purpose in manuscripts to identify uncharacterized genes. In addition, authors should check GenBank to make sure that they are using the correct, up-to-date format for locus tags (e.g., uppercase versus lowercase letters and the presence or absence of an underscore, etc.). Locus tag formats vary between different organisms and also may be updated for a given organism, so it is important to check GenBank at the time of manuscript preparation.

Viruses. The genetic nomenclature for viruses differs from that for bacteria. In most instances, viruses have no phenotype, since they have no metabolism outside host cells. Therefore, distinctions between phenotype and genotype cannot be made. Superscripts are used to indicate hybrid genomes. Genetic symbols may be one, two, or three letters.

Eukaryotes. FlyBase (http://flybase.org/) is the genetic nomenclature authority for *Drosophila melanogaster*. WormBase (http://www.wormbase.org/#01-23-6) is the genetic nomenclature authority for *Caenorhabditis elegans*. When naming genes for *Aspergillus* species, the nomenclature guidelines posted at http://www.aspergillus.org.uk/indexhome.htm?secure/sequence_info/nomenclature.htm should be followed, and the *Aspergillus* Genome Database (http://www.aspgd.org/) should be searched to ensure that any new name is not already in use. The *Saccharomyces* Genome Database (http://www.yeastgenome.org/) and the *Candida* Genome Database http://www.candidagenome.org/) are authorities for *Saccharomyces cerevisiae* and *Candida albicans* genetic nomenclature, respectively. For more information about the genetic nomenclature of eukaryotes, see the Instructions to Authors for *Eukaryotic Cell* and *Molecular and Cellular Biology*.

ABBREVIATIONS AND CONVENTIONS

Verb Tense

ASM strongly recommends that for clarity you use the **past** tense to narrate particular events in the past, including the procedures, observations, and data of the study that you are reporting. Use the present tense for your own general conclusions, the conclusions of previous researchers, and generally accepted facts. Thus, most of the abstract, Materials and Methods, and Results will be in the past tense, and most of the introduction and some of the Discussion will be in the present tense.

Be aware that it may be necessary to vary the tense in a single sentence. For example, it is correct to say "White (30) demonstrat*ed* that XYZ cells *grow* at pH 6.8," "Figure 2 shows that ABC cells fail*ed* to grow at room temperature," and "Air *was* removed from the chamber and the mice *died*, which *proves* that mice *require* air." In reporting statistics and calculations, it is correct to say "The values for the ABC cells *are* statistically significant, indicating that the drug inhibit*ed* . . ."

For an in-depth discussion of tense in scientific writing, see *How To Write and Publish a Scientific Paper*, 7th ed.

Abbreviations

General. Abbreviations should be used as an aid to the reader, rather than as a convenience for the author, and therefore their **use should be limited.** Abbreviations other than those recommended by the IUPAC-IUB (*Biochemical Nomenclature and Related Documents*, 1992) should be used only when a case can be made for necessity, such as in tables and figures.

It is often possible to use pronouns or to paraphrase a long word after its first use (e.g., "the drug" or "the substrate"). Standard chemical symbols and trivial names or their symbols (folate, Ala, and Leu, etc.) may also be used.

Define each abbreviation and introduce it in parentheses the first time it is used; e.g., "Cultures were grown in Eagle minimal essential medium (MEM)." Generally, eliminate abbreviations that are not used at least three times in the text (including tables and figure legends).

Not requiring introduction. In addition to abbreviations for Système International d'Unités (SI) units of measurement, other common units (e.g., bp, kb, and Da), and chemical symbols for the elements, the following should be used without definition in the title, abstract, text, figure legends, and tables:

DNA (deoxyribonucleic acid)
cDNA (complementary DNA)
RNA (ribonucleic acid)
cRNA (complementary RNA)
RNase (ribonuclease)
DNase (deoxyribonuclease)
rRNA (ribosomal RNA)
mRNA (messenger RNA)
tRNA (transfer RNA)
AMP, ADP, ATP, dAMP, ddATP, and GTP, etc. (for the respective 5′ phosphates of adenosine and other nucleosides) (add 2′-, 3′-, or 5′- when needed for contrast)

ATPase and dGTPase, etc. (adenosine triphosphatase and deoxyguanosine triphosphatase, etc.)
NAD (nicotinamide adenine dinucleotide)
NAD^+ (nicotinamide adenine dinucleotide, oxidized)
NADH (nicotinamide adenine dinucleotide, reduced)
NADP (nicotinamide adenine dinucleotide phosphate)
NADPH (nicotinamide adenine dinucleotide phosphate, reduced)
$NADP^+$ (nicotinamide adenine dinucleotide phosphate, oxidized)
poly(A) and poly(dT), etc. (polyadenylic acid and polydeoxythymidylic acid, etc.)
oligo(dT), etc. (oligodeoxythymidylic acid, etc.)
UV (ultraviolet)
PFU (plaque-forming units)
CFU (colony-forming units)
MIC (minimal inhibitory concentration)
Tris (tris[hydroxymethyl] aminomethane)
DEAE (diethylaminoethyl)
EDTA (ethylenediaminetetraacetic acid)
EGTA (ethylene glycol-bis[β-aminoethyl ether]-*N*,*N*,*N*′,*N*′-tetraacetic acid)
HEPES (*N*-2-hydroxyethylpiperazine-*N*′-2-ethanesulfonic acid)
PCR (polymerase chain reaction)
AIDS (acquired immunodeficiency syndrome)

Abbreviations for cell lines (e.g., HeLa) also need not be defined.

The following abbreviations should be used without definition in tables:

amt (amount)
approx (approximately)
avg (average)
concn (concentration)
diam (diameter)
expt (experiment)
exptl (experimental)
ht (height)
mo (month)
mol wt (molecular weight)
no. (number)
prepn (preparation)
SD (standard deviation)
SE (standard error)
SEM (standard error of the mean)
sp act (specific activity)
sp gr (specific gravity)
temp (temperature)
tr (trace)
vol (volume)
vs (versus)
wk (week)
wt (weight)
yr (year)

Drugs. Should an author decide to abbreviate the names of antimicrobial agents in a manuscript, the following standard abbreviations are strongly recommended.

Antibacterial agents. Use the indicated abbreviations for the following antibacterial agents.

amikacin (AMK)
amoxicillin (AMX)
amoxicillin-clavulanic acid (AMC)
ampicillin (AMP)
ampicillin-sulbactam (SAM)
azithromycin (AZM)
azlocillin (AZL)
aztreonam (ATM)
carbenicillin (CAR)
cefaclor (CEC)
cefadroxil (CFR)
cefamandole (FAM)
cefazolin (CFZ)
cefdinir (CDR)
cefditoren (CDN)
cefepime (FEP)
cefetamet (FET)
cefixime (CFM)
cefmetazole (CMZ)
cefonicid (CID)
cefoperazone (CFP)
cefotaxime (CTX)
cefotetan (CTT)
cefoxitin (FOX)
cefpodoxime (CPD)
cefprozil (CPR)
ceftazidime (CAZ)
ceftibuten (CTB)
ceftizoxime (ZOX)
ceftriaxone (CRO)
cefuroxime (axetil) and cefuroxime (sodium) (CXM)
cephalexin (LEX)
cephalothin (CEF)
cephapirin (HAP)
cephradine (RAD)
chloramphenicol (CHL)
cinoxacin (CIN)
ciprofloxacin (CIP)
clarithromycin (CLR)
clinafloxacin (CLX)
clindamycin (CLI)
daptomycin (DAP)
dicloxacillin (DCX)
dirithromycin (DTM)
doxycycline (DOX)
enoxacin (ENX)
erythromycin (ERY)
fleroxacin (FLE)
fosfomycin (FOF)
gatifloxacin (GAT)
gentamicin (GEN)
grepafloxacin (GRX)
imipenem (IPM)
kanamycin (KAN)
levofloxacin (LVX)
linezolid (LZD)
lomefloxacin (LOM)
loracarbef (LOR)
meropenem (MEM)
methicillin (MET)
mezlocillin (MEZ)
minocycline (MIN)
moxalactam (MOX)
moxifloxacin (MXF)
nafcillin (NAF)
nalidixic acid (NAL)
netilmicin (NET)
nitrofurantoin (NIT)
norfloxacin (NOR)
ofloxacin (OFX)
oxacillin (OXA)
penicillin (PEN)
piperacillin (PIP)
piperacillin-tazobactam (TZP)
quinupristin-dalfopristin (Synercid) (Q-D)
rifabutin (RFB)
rifampin (RIF)
rifapentine (RFP)
sparfloxacin (SPX)
spectinomycin (SPT)
streptomycin (STR)
teicoplanin (TEC)
telithromycin (TEL)
tetracycline (TET)
ticarcillin (TIC)
ticarcillin-clavulanic acid (TIM)
tobramycin (TOB)
trimethoprim (TMP)
trimethoprim-sulfamethoxazole (SXT)
trovafloxacin (TVA)
vancomycin (VAN)

β-Lactamase inhibitors. Use the indicated abbreviations for the following β-lactamase inhibitors.

clavulanic acid (CLA)
sulbactam (SUL)
tazobactam (TZB)

Antifungal agents. Use the indicated abbreviations for the following antifungal agents.

amphotericin B (AMB)
clotrimazole (CLT)
flucytosine (5FC)
fluconazole (FLC)
itraconazole (ITC)
ketoconazole (KTC)
nystatin (NYT)
terbinafine (TRB)
voriconazole (VRC)

Antiviral agents. Use the indicated abbreviations for the following antiviral agents.

acyclovir (ACV)
cidofovir (CDV)
famciclovir (FCV)
foscarnet (FOS)
ganciclovir (GCV)
penciclovir (PCV)
valacyclovir (VCV)
zidovudine (AZT)

Reporting Numerical Data

Standard metric units are used for reporting length, weight, and volume. For these units and for molarity, use the prefixes m, μ, n, and p for 10^{-3}, 10^{-6}, 10^{-9}, and 10^{-12}, respectively. Likewise, use the prefix k for 10^3. Avoid compound prefixes such as mμ or μμ. Use μg/ml or μg/g in place of the ambiguous ppm. Units of temperature are presented as follows: 37°C or 324 K.

When fractions are used to express units such as enzymatic activities, it is preferable to use whole units, such as "g" or "min," in the denominator instead of fractional or multiple

units, such as μg or 10 min. For example, "pmol/min" is preferable to "nmol/10 min," and "μmol/g" is preferable to "nmol/μg." It is also preferable that an unambiguous form, such as exponential notation, be used; for example, "μmol g^{-1} min^{-1}" is preferable to "μmol/g/min." Always report numerical data in the appropriate SI units.

Representation of data as accurate to more than two significant figures must be justified by presentation of appropriate statistical analyses.

For a review of some common errors associated with statistical analyses and reports, plus guidelines on how to avoid them, see the articles by Olsen (Infect. Immun. **71:**6689–6692, 2003; Infect. Immun. **82:**916–920, 2014).

For a review of basic statistical considerations for virology experiments, see the article by Richardson and Overbaugh (J. Virol. **79:**669–676, 2005).

Statistics

Statistical analysis of data is a crucial component of scientific publication. Authors who are unsure of proper statistical analysis should have their manuscripts checked by a qualified statistician.

The following is a list of important items that must be considered before manuscript submission. Deficiencies in any of these areas may delay review and/or publication.

(i) Statistical analyses were performed on all quantitative data regardless of how significant the differences look in the tables or figures.

(ii) Data were appropriately analyzed as parametric (normally distributed) or nonparametric data.

(iii) Parametric and nonparametric data are presented appropriately. Means and standard deviations or standard errors are appropriate means of presenting data analyzed by parametric analyses (i.e., *t* test and analysis of variance [ANOVA]), but only medians and surrounding levels (quartiles, quintiles, and 10th and 90th percentiles, etc.) are appropriate for nonparametric statistics (Mann-Whitney test and Kruskal-Wallis test, etc.). Means have no meaning in nonparametric analyses.

(iv) For any data in which there are more than two comparisons (i.e., between one control and more than one experimental group), an analysis must be done for multigroup comparisons. Such an analysis would usually be an ANOVA for parametric data or a Kruskal-Wallis test for nonparametric data. *t* tests cannot be used when more than two groups are being compared (except as indicated below). Failure to use multigroup tests generates type 1 errors: concluding that two data sets within the overall data set being compared are different when in fact they are not. Exception: some statisticians argue that two-group comparisons can be used on multigroup data if the expected outcomes are appropriately anticipated before the experiment. For example, data generated by individually testing two unrelated factors for their effects on a target with only a single, untreated target as a control could be appropriately analyzed by *t* tests instead of ANOVA.

(v) For all appropriate multigroup comparisons, two *P* values must be generated and provided in the manuscript. The main *P* value applies to the overall data set and indicates that within that data set at least two groups differ from each other. The overall *P* value does not indicate which two groups are different. The main *P* value and the overall *P* value should be computed by using a *post hoc* test. For ANOVA, these *post hoc* tests are usually Dunnett's test (used to compare multiple experimental groups to a single control), the Fisher protected least significant difference (PLSD) test, the Tukey-Kramer test, and the Games-Howell test. Others may be used. Note that each *post hoc* test has certain underlying assumptions that may not be applicable to the data under analysis. For a Kruskal-Wallis nonparametric ANOVA, the Dunn procedure is appropriate to generate *P* values for two-group comparisons.

(vi) Data presented as endpoints (i.e., LD_{50} and ID_{50}, etc.) contain both the calculated value and a confidence interval with a statistical significance associated with it (95%, 99%, or similar confidence interval), calculated by logit or probit analysis. Simple LD_{50} values, such as Reed-Muench calculations, may not be used alone.

(vii) When samples are taken multiple times from one experimental entity (i.e., multiple serum samples from one animal, gross pathology scores measured for the same animal over time or growth curves, etc.), one cannot use analyses such as *t* tests, ANOVA, or the Mann-Whitney test, etc., because these tests assume that each measure is independent. An entity with a high score on day 1 is more likely to have a high score on day 2 than is an entity with a low score. It is likely that some expert statistical help will be needed for these situations, usually involving regression analysis or survival analysis, etc.

(viii) Statistical significance and biological significance are not the same. There is nothing magical about a *P* value of 0.05. When results from large sample sizes are compared, a *P* value of <0.05 will often be obtained, as *P* value is a function of both sample size and effect size. If sample sizes are large, then more-rigorous (i.e., smaller) *P* values may be desirable. If sample sizes are small, *P* values of >0.05 may still be important. There should be both statistical and biological significance to the results and conclusions in the manuscript.

For a review of some common errors associated with statistical analyses and reports, plus guidelines on how to avoid them, see the article by Olsen (Infect. Immun. **71:**6689–6692, 2003).

For a review of basic statistical considerations for virology experiments, see the article by Richardson and Overbaugh (J. Virol. **79:**669–676, 2005).

Isotopically Labeled Compounds

For simple molecules, labeling is indicated in the chemical formula (e.g., $^{14}CO_2$, $^{3}H_2O$, and $H_2{}^{35}SO_4$). Brackets are not used when the isotopic symbol is attached to the name of a compound that in its natural state does not contain the element (e.g., ^{32}S-ATP) or to a word that is not a specific chemical name (e.g., ^{131}I-labeled protein, ^{14}C-amino acids, and ^{3}H-ligands).

For specific chemicals, the symbol for the isotope introduced is placed in square brackets directly preceding the part of the name that describes the labeled entity. Note that configuration symbols and modifiers precede the isotopic symbol. The following examples illustrate correct usage:

[^{14}C]urea	UDP-[U-^{14}C]glucose
L-[*methyl*-^{14}C]methionine	*E. coli* [^{32}P]DNA
[2,3-^{3}H]serine	fructose 1,6-[1-^{32}P]bisphosphate
[α-^{14}C]lysine	[γ-^{32}P]ATP

4.2. Parecer de Aprovação no CEPE

Parecer Consubstanciado de Projeto de Pesquisa

Título do Projeto: Caracterização Genotípica de Isolados de Streptococus Pneumoniae Pertencentes a Sorotipos Não Integrantes de Vacina 10 -Valente

Pesquisador Responsável Cícero Dias **Parecer 1843/12**

Data da Versão 06/07/2012 | **Cadastro 462/12** | **Data do Parecer 27/09/2012**

Grupo e Área Temática III - Projeto fora das áreas temáticas especiais

Objetivos do Projeto
Avaliar os genótipos de pneumococus dos principais sorotipos que não integram a vacina 10-valente em dois períodos de tempo: antes e após a utilização dos mesmos.

Sumário do Projeto
Sendo o objetivo avaliar os genótipos de pneumococus dos principais sorotipos que não integram a vacina 10-valente em dois períodos de tempo. Para isso, isolados pertencentes aos sorotipos não integrantes da vacina 10-valente, procedentes de pacientes com doença pneumocócica invasiva (DPI) internados no Hospital Nossa Senhora da Conceição entre 2009 e 2012 serão identificados, sorotipados e terão sua variabilidade genética comparada através das técnicas PFGE e MLVA, afim de caracterizar os clones presentes neste hospital antes e após a introdução fa vacina 10-valente.

Itens Metodológicos e Éticos	Situação
Título	Adequado
Autores	Comentário
Local de Origem na Instituição	Adequado
Projeto elaborado por patrocinador	Não informado
Aprovação no país de origem	Não necessita
Local de Realização	Própria instituição
Outras instituições envolvidas	Sim
Condições para realização	Adequadas

Comentários sobre os itens de Identificação

Dissertação de Mestrado de Gabriela Rosa da Cunha.
Co-orientador: Pedro Álvares de Azevedo.

Introdução	Adequada

Comentários sobre a Introdução

Objetivos	Adequados

Comentários sobre os Objetivos

Pacientes e Métodos	
Delineamento	Adequado
Tamanho de amostra	Total Local
Cálculo do tamanho da amostra	Adequado
Participantes pertencentes a grupos especiais	Não
Seleção eqüitativa dos indivíduos participantes	Não se aplica
Critérios de inclusão e exclusão	Adequados
Relação risco- benefício	Não se aplica
Uso de placebo	Não utiliza
Período de suspensão de uso de drogas (wash out)	Nâo utiliza
Monitoramento da segurança e dados	Adequado
Avaliação dos dados	Adequada - quantitativa
Privacidade e confidencialidade	Adequada
Termo de Consentimento	Adequado
Adequação às Normas e Diretrizes	Sim

Comentários sobre os itens de Pacientes e Métodos

Cronograma	**Adequado**
Data de início prevista	**jan 2012**
Data de término prevista	**dez 1013**
Orçamento	**Adequado**
Fonte de financiamento externa	**Agência de fomento**

Comentários sobre o Cronograma e o Orçamento

Contemplado no Edital MCT?CNPQ 014/2008 Universal Edital Fapergs/CNPq 008/2009. Programa de Apoio a Nùcleos de Excelência Pronex e Edital Pronem Fapergs/CNPq nº 0031 2011 Programa de Apoio a Núcleos Emergentes.

Referências Bibliográficas	**Adequadas**

Comentários sobre as Referências Bibliográficas

Recomendação

Aprovar

Comentários Gerais sobre o Projeto

Tendo sido atendida a solicitação deste Comitê em relação à segurança e transporte das amostras, o projeto foi aprovado.

4.3. Artigo publicado durante o mestrado relacionado ao tema da dissertação

Antimicrobial resistance in *Streptococcus pneumoniae*: mechanisms and current epidemiology

Gabriela Rosa da Cunha*, Juliana Caierão*,
Pedro Alves d'Azevedo, Cícero Armídio Gomes Dias

Clin Biomed Res. 2014;34(2):97-112

(*GRC and JC contributed equally to this article)

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – Porto Alegre, RS, Brazil.

Corresponding author:
Juliana Caierão
E-mail: julianaca@ufcspa.edu.br
Porto Alegre, RS, Brazil

ABSTRACT

Infections caused by *Streptococcus pneumoniae* are a worrisome public health problem worldwide. Young children and the elderly are the main age groups affected and the highest burden of the disease is found in developing countries. Pneumococcal infections cause 11% of the total infant deaths, representing the leading cause of child death currently preventable by vaccination. Epidemiologic information about pneumococci in Brazil is somehow restricted, but available data reinforce the worrisome occurrence of pneumococcal diseases, which are commonly treated empirically. Limitations in the diagnostic methods, along with the severity of disease contribute to this behavior. Thus, surveillance studies are crucial to define the prevalence of resistant strains both globally and in a particular region, as these strains may compromise empirical therapeutic choices. However, although different clones of penicillin non-susceptible pneumococci are internationally distributed, and considering diseases other than meningitis, the prevalence of resistance to penicillin is quite low, making this old, safe, and inexpensive drug an attractive first choice to treat pneumococcal infections. The widespread use of conjugate vaccines among children, influencing the circulation of resistant clones and the distribution of serotypes reinforces the need of surveillance studies to define the prevalence of resistance.

Keywords: *Streptococcus pneumoniae; public health; antimicrobial resistance*

Infections caused by *Streptococcus pneumoniae* are a public health problem worldwide, especially considering young children and the elderly, and developing countries are clearly the most affected regions. Pneumococcal disease presents with a variable degree of severity, ranging from mild infections (acute otitis, sinusitis, and uncomplicated pneumonia) to invasive pneumococcal disease (IPD), such as bacteremic pneumonia and meningitis, which are associated with elevated morbidity and mortality, even when treated adequately. Indeed, case-fatality rates of pneumococcal meningitis can be as high as 37%[1] and around 20% of survivors experience long-term disabling sequelae[2].

Around 14.5 million episodes of severe pneumococcal disease occur annually in the world, causing 1,612,000 deaths[3], 825,000 of them among children under 5 years old, representing 11% of the total number of infant deaths[4]. Indeed, pneumococcal infections are the leading cause of child death currently preventable by vaccination[3].

Epidemiologic information about pneumococcal disease is lacking in many parts of Latin America. Information is mostly based on laboratory

surveillance of *S. pneumoniae* isolates from hospitalized patients with IPD, such as Pan-American Health Organization's SIREVA II database. It is estimated that around 20,200 to 33,000 children die annually in Latin America due to infections caused by pneumococci[3]. Brazilian data for pneumococcal disease are also scarce (considering the whole geographical area), but some studies from specific regions (Goiania, a Brazilian Midwest city) report that among children from 28 days to less than 3 years old, the incidence of IPD was 57.5/100,000 inhabitants from 2007 to 2009[5].

Pneumococci are the major cause of community-acquired pneumonia (CAP) and Brazil is among the 15 countries with the highest estimated numbers of new cases of pneumonia worldwide[6]. The mean rate of hospitalization due to CAP was 2,100/100,000 inhabitants in Brazil, from 2000 to 2008; 45% of them occurred in children aged less than 5 years and were caused by pneumococci[7].

According to the Brazilian Ministry of Health, it was notified of an average of 1,227 cases/year of pneumococcal meningitis, from 2000 to 2010, with a mortality rate around 30%[7]. Among children under 5 years of age, the incidence was 5.9/100,000 inhabitants, and this value increased to 9.5 cases per 100,000 inhabitants when younger children were taken into consideration (≤2 years old); mortality was high for both groups: 33 and 34%, respectively[5].

As an exclusively human pathogen, pneumococci colonize the nasopharynx, especially in children aged younger than 5, and transmission occurs by contact with respiratory secretions. From the primary colonization niche, they can migrate to other sites, such as middle ear, sinus, lung, blood, or cerebrospinal fluid and cause damage, leading to invasive disease. In this context, pneumococci have a robust arsenal of virulence factors, among which the polysaccharide capsule plays a central role[8]. Opsonophagocytosis is avoided by the presence of the capsule and differences in the polysaccharide composition distinguish over 94 distinct serotypes among pneumococci[9].

Commonly, antimicrobial therapy against pneumococci is defined empirically and the severity of the disease determines the medical approach[10]. Besides, specific features of microbiological diagnostic tests may also justify the empirical therapy. Indeed, some culture-based methods to identify *S. pneumoniae* have an intrinsic low sensitivity. For instance, blood cultures from patients with pneumococcal bacteremia detect the microorganism only in around 10 to 30% of cases[11]. On the other hand, some specimens, such as sputum, should be carefully analyzed, as low specificity may lead to false-positive results[11]. Another feature that substantiates the broad use of empirical therapy is the originally excellent activity of antimicrobials against pneumococci, especially the β-lactams. Pneumococci, in general, present very low Minimal Inhibitory Concentration (MIC) values[13] to these drugs.

However, this scenario has changed in recent years. The widespread and/or inadequate use of antimicrobials exerts a selective pressure on pneumococcal populations by picking out resistant isolates. In addition, selection of non-susceptible pneumococci may be a result of the dissemination of specific clones, which have an advantageous genetic background, including virulence and spread features, as well as resistance genes. The increased occurrence of these particular clones may be a natural event, where variations of frequency are expected during a certain period, or may be a result of another selective pressure force, such as vaccination[14].

Therefore, treatment of pneumococcal infections may be severely hampered by the isolation of non-susceptible strains. Indeed, it is well established that the delay in the implementation of the correct therapy in cases of CAP significantly increases in-hospital mortality, as well as 30-day mortality. Thus, it is reasonable to conclude pneumococcal resistance may directly affect patient's outcome[10].

RESISTANCE MECHANISMS

According to different guidelines, therapy against pneumococcal infections is primarily based on the use of β-lactams and macrolides[15-17]. Glycopeptides may also be an important therapeutic choice and their resistance among pneumococci has not been described so far. Some other drugs, such as fluoroquinolones, tetracycline, sulfamethoxazole-trimethoprim, lincosamines, and chloramphenicol also have good activity against pneumococci, but resistance against these drugs may occur in variable frequencies around the world as demonstrated bellow.

Defining resistance to some β-lactams (penicillins and cephalosporins) is a complex issue. The Clinical and Laboratory Standards Institute[18] determines breakpoints for the interpretation of antimicrobial susceptibility testing based on the

site of the infection (meningitis and non-meningitis) and the route of administration (oral and parenteral). The decision of the Institute to change breakpoints was based on the pharmacokinetic and pharmacodynamic properties of penicillin (low penetration across the blood-brain barrier). The term "penicillin non-susceptible *S. pneumoniae*" (PNSP) refers to isolates classified as resistant or intermediately resistant, according to current interpretative breakpoints[19]. Thus, according to CLSI meningitis criteria, pneumococci with MIC > 0.06 µg/mL are considered resistant to penicillin. On the other hand, by non-meningitis breakpoints, MICs of 4 µg/mL and ≥ 8 µg/mL define the isolate as intermediate and fully resistant to penicillin, respectively[18].

β-lactams act by binding to the penicillin-binding proteins (PBP), compromising cell wall formation, which leads to osmotic induced pneumococcal lysis[20]. This mechanism is highly effective and penicillin MICs for pneumococci are, in general, very low (as low as 0.01 µg/mL for benzylpenicillin). The first reports of higher penicillin MICs are from the 1960s and 1970s, but were neglected because of β-lactams excellent activity against pneumococci. Indeed, little regard was given to antimicrobial resistance in pneumococci until 1977 when the attention of the medical community was drawn to reports of an IPD epidemic in South Africa caused by highly resistant *S. pneumoniae*[21]. Following this report, multidrug-resistant (resistance to three or more antimicrobial classes) pneumococci were reported with greater frequency worldwide[20,22,23].

There are six physiological PBPs in the pneumococcal cell: PBP1a, PBP1b, PBP2a, PBP2b, PBP2x, and PBP3. Resistance to β-lactams is basically related to mutations in three of those enzymes: mutations in PBP2x and PBP2b being strongly related to resistance; mutated PBP1a, in tandem with PBP2b and PBP2x increases penicillin MICs further; altered PBP2a also seems to be related to resistance, but to a lesser degree[13,24,25].

While PBP genes are highly conserved among pneumococci susceptible to penicillin, in most clinical isolates of PNSP, PBPs are codified by mosaic genes, which are continuous nucleotide sequences that differ from the non-mosaic allele by up to 20%,[13] strongly suggesting a non-pneumococcal origin of these genes. Indeed, interspecies gene transfer, followed by recombination events involving closely related commensal species, such as *Streptococcus mitis* and *Streptococcus oralis* seems to be the origin of the mosaic PBP resistant genes[13,20].

Some of those mosaic genes have become stable in specific clones. For instance, some PNSP clones (Spain^{23F}-1, Spain^{6B}-2 and Spain^{9V}-3) are internationally disseminated (see section "international clones" below) and present a highly conserved PBP2x among them; this suggests that the mutated gene may generate some evolutionary advantage. Indeed, apart from the wondrously transformation potential of pneumococci, dissemination of resistant clones are also important for the increase of penicillin non-susceptibility among pneumococci[13].

PNSP will only disseminate if a delicate balance occurs between antimicrobial selective pressure and the cost that resistance imposes on bacterial fitness. In this context, mutations in *pbp2b* carry an energy expenditure that affects fitness. However, *pbp2b* mutants that also carry *pbp1a* and *pbp2x* mutated genes not only compensate energetic costs, but also increase MICs, leading to evolutionary better adapted bacterial isolates[13].

Along with PBP changes, mutations in non-PBP genes also occur in PNSP and, depending on the selective antibiotic, distinct genes are affected[19]. A mutation in the GlcNAc deacetylase (*pdgA*) has been detected by genome sequencing in high-level resistant transformants obtained in four selection steps using chromosomal DNA of a high-level resistant *S. pneumoniae* strain. Moreover, deletion of the peptidoglycan O-acetyl transferase has also been shown to cause an extensive reduction of resistance in several PNSP strains[26].

The worldwide increase in penicillin resistance coincided with an increase in macrolide resistance. In many parts of the world, macrolide resistance now exceeds penicillin[13]. Macrolides act by inhibiting protein synthesis as a result of their binding to the 23S portion of the ribosomal RNA[27]. Resistance is due to two major mechanisms: (i) alteration of the target site of the antimicrobial by producing a bacterial methylase codified by *erm* genes; (ii) expression of *mef* genes that codify an active efflux pump. Another mechanism may be associated with macrolide resistance but its clinical relevance is very low: through mutations in the 23S rRNA gene or in L4 and L22 ribosomal proteins[28,29].

Indeed, the production of methylase is the major mechanism of macrolide resistance and it commonly confers the MLS_B phenotype (resistance to Macrolides, Lincosamines and B Streptogramins). Two major acquired genes are responsible for this

resistance: *erm*(B) and *erm*(TR). The *erm*(TR) gene is a subclass of *erm*(A) and has a very narrow distribution compared to *erm*(B). The bacterium *Streptococcus pyogenes* seems to be the origin of *erm*(TR) and nasopharynx co-colonization with pneumococci. which may have allowed interspecies dissemination. Among pneumococci, after its first isolation, only a few isolates carrying this gene have been reported[13,30].

The presence of *erm*(B) usually leads to elevated MICs (> 64µg/mL). This gene is carried on members of Tn*916* family of transposons (in pneumococci: Tn*3872*, Tn*6002*, Tn*6003* and Tn*1545*), which also carry *tet*(M), an important determinant of tetracycline resistance. Although *tet*(M) is not always expressed, tetracycline resistance is very common among macrolide resistant pneumococci[27,31].

Clonal dissemination seems to play a more relevant role for macrolide resistance than gene acquisition by single strains as a result of the selective pressure of antimicrobial usage. Indeed, 77.1% of *erm*(B) are located into Tn*916* transposons family, suggesting that the increased occurrence of macrolide resistant pneumococci is a result of the clonal dissemination of these transposons. Indeed, an expressive number of pneumococci presenting macrolide resistance with the MLS_B phenotype (more than 50%) belong to a few international pneumococcal clones: Sweden^{15A}-25, Spain^{23F}-1, Spain^{6B}-2, clone^{19F}-ST276, and clone^{19A}-ST276 (see section "international clones" below)[32].

Efflux pump, codified by *mef* genes, confer lower macrolide MICs than *erm*(B): 1 to 32µg/mL. In this case, M phenotype (only macrolide resistance) occurs and lincosamines and B Streptogramins may have activity. Among pneumococci, there are three related genes: the abundant *mef*(E) and *mef*(A), and a third gene, *mef*(I), with a very narrow distribution so far[13]. *Mef*(E) and *mef*(A) show 90% of genetic identity and present a distinct geographical distribution: the former is widely distributed in USA, Asia, and South Africa, while the latter is more commonly recovered from European countries, as well as South America[33-35].

The increase in β-lactam resistance spurred the development of fluoroquinolones active against Gram-positive pathogens. Fluoroquinolone resistance is increasing amongst pneumococci. These drugs act by binding to the DNA gyrase (formed by GyrA and GyrB subunits) and topoisomerase IV (formed by ParC and ParE subunits) thus disrupting DNA synthesis. The primary target varies according to microorganisms (Gram-positive or Gram-negative) and the fluoroquinolone drug: among pneumococci, ciprofloxacin and levofloxacin act primarily in ParC topoisomerase subunit, while moxifloxacin firstly binds to GyrA DNA gyrase subunit[36].

Resistance to fluoroquinolone occurs because of gradual accumulation of point mutations in the Quinolone Resistance Determinant Region (QRDR) of the GyrA and/or ParC. Mutations in *parC* QRDR guarantee resistance to ciprofloxacin, but not to the newer fluorquinolones. Indeed, QRDR *parC* mutations are the primary step in fluorquinolone resistance. They do not substantially increase MICs but enhance the risk of new mutations. On the other hand, isolates presenting QRDR regions of *gyrA* and *parC* mutated have elevated MICs (> 16µg/mL). Mutations in *gyrB* and *parE* are infrequent and seem to be unexpressive[37-40].

Although some studies demonstrate an heterogeneous genetic background, fluoroquinolone resistance appears to be strongly associated with a single mutation in ParC and GyrA: substitution of a phenylalanine in positions 79 and 81, respectivelly. Indeed, a multicentric study demonstrated that 51% of pneumococci resistant to fluorquinolone showed only those point mutations[41].

Besides alterations in *parC* and *gyrA* nucleotide composition, the overexpression of efflux pumps, such as PmrA or the ABC pumps PatA and PatB, may have a role in fluorquinolone resistance. Although MICs in those isolates are not as high as the *gyrA* and *parC* mutated ones, overexpression of efflux pumps seems to increase chances of occurrence of point mutations[13].

Recombination does not play a central role in the dissemination of fluorquinolone resistance. Indeed, pneumococcal QRDR has been shown to have low homology with viridans QRDR, a species more frequently related to this phenotype than pneumococci[40]. In fact, some studies demonstrated the occurrence of mosaic genes shared by viridans and pneumococci but this was not common among the pneumococcal population. One reason for this may be bacterial fitness, even though supportive data are lacking. Unlike macrolide resistance, clonal dissemination of fluorquinolone resistance does not have a major participation in the increase of this resistance and, again, bacterial fitness may justify this observation[40].

Less clinically significant phenotypes among pneumococci include resistance to tetracycline, sulfamethoxazole plus trimethoprim, and

chloramphenicol. Tetracycline acts through binding to the 30S ribosomal unit, preventing protein synthesis. Resistance to this antimicrobial may be due to the presence of Tet(M) and, occasionally, Tet(O) proteins, which prevent tetracycline binding by a methylation reaction onto the target site; or, less frequently, the occurrence of efflux pumps, Tet(K) and Tet(L), respectivelly[41,42]. The *tet*(M) gene is located in genetic mobile elements widely found and transmitted among many Gram-positive bacteria justifying the frequent occurrence of this phenotype in pneumococcal population. Efficacy and low cost are the main reasons for sulfamethoxazole-trimethoprim therapy against pneumococci, especially in developing countries, where reports of resistance are increasing. Prophylactic usage of this antimicrobial to prevent secondary infections in HIV positive patients may also explain the high rates of resistance observed. Sulfamethoxazole-trimethoprim acts on folic acid synthesis and mutations in genes (*folA* and *folP*) that codify the binding target of these drugs are responsible for resistance[43]. Finally, chloramphenicol resistance occurs through production of chloramphenicol acetyltransferases, codified by *cat* genes. The enzyme converts the antimicrobial into a non-functional molecule, preventing chloramphenicol binding to 50S ribosomal subunit[44].

Table 1 summarizes the main resistance mechanisms to antimicrobials in *S. pneumoniae*.

PREVALENCE OF RESISTANCE

Global

Although the incidence of IPD caused by PNSP, pneumococci resistant to erythromycin or multiresistant pneumococci had decreased significantly after the introduction of the 7-valent pneumococcal conjugate vaccine (PCV7), including serotypes in 2000, the increased isolation of resistant non-vaccine serotypes promoted a rise in the frequency of resistant pneumococci in some parts of the world[45]. Indeed, from 1998 to 2003, the proportion of PNSP decreased from 32% to 19.4%, followed by a post-vaccine increase to 30.1% in 2005. Some serotypes are consistently related to the decrease of the susceptibility, especially the so-called pediatric serotypes (6A, 6B, 9V, 14, 19A, 19F, and 23F), as well as some other non-vaccine serotypes: 19A and 35B[46,47].

A recent multicentric study encompassing 2,173 IPD-recovered pneumococci from patients of all ages and from all continents (2004-2009) showed that 33.3% of all isolates were non-susceptible to penicillin (MIC < 0.06 µg/mL). Resistance to erythromycin was quite lower (22.9%) and 16.2% of all *S. pneumoniae* were resistant to both penicillin and erythromycin. Isolates resistant to levofloxacin represented only 0.5% of the total. Some serotypes were significantly associated with PNSP: 19A, 6A, 19F, 14, 6B, 9V, 35B, 23A, and 15A. Similarly, serotypes 19A, 6A, 15A, 19F, 9V, 6B, and 14 had a statistically significant relationship with erythromycin resistance[23].

If the populations with the highest risk for pneumococcal infections are taken into consideration[21], resistance to penicillin considerably increased in all continents compared to the general (all ages) population[23]. Brandon and Dowzicky included in their study pneumococci recovered from clinically relevant sites of pediatric populations (0 to 18 years old), from 2004 to 2011. Globally, PNSP was 46.1% and levofloxacin remained very low 0.3%[22].

Geographic occurrence of resistance is not homogeneous and both selective pressure by antimicrobial use and circulation of some specific clones/serotypes are responsible for the differences in the prevalence of resistant pneumococci worldwide[14].

Hackel et al. demonstrated that, for patients of all ages, erythromycin resistance ranges from 15.3% to 28.8% among all continents, with the lowest frequency in Latin America and the highest among Asian countries. On the other hand, Africa presents the highest frequency of isolation of PNSP (64.3%), while only 18.6% of pneumococci

Table 1: Mechanisms of resistance against the most clinically relevant antimicrobials.

Antimicrobial	Resistance mechanism	Reference
Penicillin	Mutations in *pbp* genes = mosaic genes	12
Erythromycin	Expression of *erm* (methylation) and/or *mef* (efflux pumps) genes	27
Tetracycline	Expression of *tet* genes: methylation [*tet*(M) and *tet*(O)] and/or efflux pump [*tet*(K) and *tet*(L)]	41
Fluoroquinolones	Mutations in QRDR of *par*C and *gyr*A.	35
Chloramphenicol	Expression of *cat* gene (acetyltransferases)	43
Sulfamethoxazole-trimethoprim	Mutations in *folA* and *folP*	42

recovered from European countries show this phenotype[23].

Geographical variation of frequency among the pediatric population presents a similar pattern. The lowest frequency of isolation of PNSP (34.4%) occurred in Europe, with a frequency almost twofold higher than that observed among all ages (18.6%). Africa had, once again, the highest rates of PNSP, 85.7%. All continents but Africa (no resistance detected) had levofloxacin-resistant pneumococci in a low frequency of isolation: from 0.2 in Europe to 1.1% in the Middle East[22].

Although data from Europe commonly demonstrate low rates of PNSP, a large recent European study including more than 21,000 pneumococcal isolates showed that some countries may have frequencies of PNSP and resistance to macrolides as high as 42.2% and 38.1%, respectively. Once again, serotypes 14, 19A, and 19F were the most commonly involved[48].

Some other limited studies have shown quite different frequencies of resistance, especially if differentiated populations are taken into consideration. For instance, pneumococci recovered from nasopharynx of healthy children in China revealed 39.4% of PNSP during 2012 to 2013[49]. In the same study, all 175 pneumococcal isolates were resistant to erythromycin. Over again, serotype 19F (precisely Taiwan1^{9F}-14 clone) was significantly associated with β-lactam resistance[49].

Resistance to erythromycin was also extremely high among Japanese pneumococcal isolates, recovered from noninvasive or colonization sites during 2011: 96.8%, and serotypes 23F and 6B were the most commonly related to this phenotype. On the other hand, resistance to penicillin was very low[50].

Other studies focusing on pneumococcal from carriage demonstrate a similar scenario[51-55], although some specific regions may show higher frequencies. Indeed, frequency of PNSP was 78.6% among isolates from healthy Korean children[56].

Of note, despite the worrisome occurrence of PNSP considering CLSI meningitis breakpoints, isolates presenting non-susceptibility to penicillin following non-meningitis breakpoints (MIC ≥4μg/mL) are very low worldwide[48].

BRAZIL

According to SIREVA II, the prevalence of PNSP (MIC > 0.06 μg/mL) in Brazil was 25.7%, while 11.5% showed erythromycin resistance[57]. Some regional studies present quite similar data. Of note, all studies used CLSI meningitis breakpoints to define PNSP.

Andrade et al. evaluated pneumococci recovered from children with IPD previous to implementation of vaccination in Brazil (207-2009) and identified 13.3% as PNSP, all of them belonging to serotypes included in PCV7. No levofloxacin resistant isolates were found and 13.3% presented macrolide resistance[5].

On the other hand, Mott et al. firstly evaluated 159 invasive pneumococcal isolates recovered in post-vaccination period (2010 to 2012) in the country. An increase of PNSP was observed (21.4%) compared to the above-cited study and serotypes 14, 9V, 19F, 23F, and 19A were the most commonly related to this phenotype. Only one isolate, belonging to serotype 19A, had a MIC=4 mg/mL to penicillin (intermediate resistance, according to CLSI criteria for non-meningitis), and isolates showing MICs≥8 mg/mL were not found. Resistance to erythromycin was 12% and only one isolate was resistant to fluoroquinolone[35].

Among pneumococci recovered from patients with meningitis during 2000-2007, the frequency of PNSP was very similar (22.2%) but erythromycin resistance was considerably lower: 0.8%[58]. Similar results were found when pneumococcal from carriage were taken into consideration[59].

Resistance rates to tetracycline, chloramphenicol, and sulfamethoxazole-trimethoprim were found to be more heterogeneous in different Brazilian studies[5,35,57,58,60,61]. As an example, non-susceptibility to sulfamethoxazole-trimethoprim varied from 28.5%[56] to 80%[5], while the percentage of pneumococci non-susceptible to tetracycline seems to be more homogeneous (around 20-30%)[35,58].

Continuous surveillance of pneumococci focusing on antimicrobial susceptibility, as well as serotype distribution is of great concern in developing countries such as Brazil and should be performed systematically to better understand the impact of vaccination on resistance rates.

PNEUMOCOCCAL INTERNATIONAL CLONES AND THE INFLUENCE OF VACCINATION IN THE DISSEMINATION OF RESISTANCE

Although *S. pneumoniae* is a genetically diverse species capable of expressing over 94 different capsular types[9], only a limited number of these serotypes associated with a few pandemic

clones have been responsible for the increase of pneumococcal drug resistance worldwide[14]. The origin of these drug resistant clones is believed to be the nasopharynx of young children, from where they are transferred from person-to-person. These circumstances, combined with frequent antibiotic use, constitute ideal conditions for the selection, amplification, and transmission of drug-resistant clones[62].

Created in 1997, the Pneumococcal Molecular Epidemiology Network (PMEN - http://web1.sph.emory.edu/PMEN/) intended to develop a global surveillance of antibiotic-resistant *Streptococcus pneumonia*e clones. In order to standardize the nomenclature and classification of these clones, their names are composed by the location of the first isolation, the serotype (superscript), plus a number indicating the chronological order of nomination by PMEN. For example, the first PMEN clone was isolated in Spain and the strains were serotyped as 23F: Spain^{23F}-1. Forty-three important disease-causing clones have been identified[63]. Although resistant strains are the primary focus of surveillance, some susceptible clones with relevant importance in invasive disease worldwide are also considered by PMEN. Table 2 presents characteristics of PMEN clones resistant to penicillin considering meningitis breakpoints (MIC> 0.06 µg/mL).

To be included into the network, clonality must be determined based on Pulsed-Field Gel Electrophoresis (PFGE), Multilocus Sequence Typing (MLST), and Penicillin-Binding Protein (PBP) fingerprinting results. Despite the high discriminatory power of PFGE, this technique has low reproducibility and, consequently, data may not be homogeneous among geographically distinct laboratories. On the other hand, MLST generates unambiguous data, making it easy to compare strains from different regions. Indeed, it increases the understanding of the pneumococcal population dynamics and their patterns of dissemination worldwide.

Apart from the β-lactams, resistance to erythromycin and tetracycline are the most prevalent phenotypes among PMEN clones (19/43; 44.2%).

Table 2: Pneumococcal Molecular Epidemiology Network clones presenting resistance to penicillin (meningitis breakpoints: MIC > 0.06 µg/mL).

PMEN clone	ST	Serotype	Vaccine	Susceptibility profile [c] (MIC in µg/mL)						
				PEN	CTX	ERY	CLI	CHL	TET	SXT
Spain^{23F}-1	81	23F	all [b]	1	1.5	0.25	0.19	16	64	2
Spain^{6B}-2	90	6B	all	0.5	0.75	0.19	0.19	16	48	2
Spain^{9V}-3	156	9V	all	1.5	0.75	0.125	0.19	3	0.5	1.5
Tennessee^{23F}-4	37	23F	all	0.125	32	32	0.125	3	0.25	2
Spain^{14}-5	18	14	all	1.5	1	0.19	0.125	32	24	0.25
Hungary^{19A}-6	268	19A	PCV13	1	0.75	>256	>256	24	48	3
S.Africa^{19A}-7	75	19A	PCV13	0.19	0.094	0.25	0.19	4	1	4
S.Africa^{6B}-8	185	6B	all	0.19	0.125	0.19	0.19	2	0.5	1.5
CSR^{14}-10	20	14	all	8	1	>256	>256	32	48	0.25
CSR^{19A}-11	175	19A	PCV13	6	0.5	>256	>256	24	64	2
Finland^{6B}-12	238	6B	all	4	0.75	>256	>256	8	64	6
S.Africa^{19A}-13	41	19A	PCV13	1.5	0.5	>256	>256	24	48	4
Taiwan^{19F}-14	236	19F	all	2	0.75	16	0.25	16	48	2
Taiwan^{23F}-15	242	23F	all	0.75	0.75	>256	>256	4	48	0.25
Poland^{23F}-16	173	23F	all	8	4	>256	0.25	16	64	1.5
Maryland^{6B}-17	384	6B	all	1.5	1	24	0.19	3	0.75	2
Tennessee^{14}-18	67	14	all	4	12	>256	>256	3	32	2
N.Carolina^{6A}-23	376	6A	PCV13	1	0.75	4	0.19	3	0.5	1
Utah^{35B}-24	377	35B	NONE	1	0.75	0.125	0.125	3	0.38	0.38
Denmark^{14}-32	230	14	PCV7	1	0.75	0.125	0.125	3	64	1.5
Norway^{NT}-42	344	NT	NONE	0.094	0.125	4	0.064	2	32	0.38
USA^{NT}-43	448	NT	NONE	0.094	0.094	4	0.094	3	32	0.25

[a] ST: sequence type, according to MLST results
[b] All = PCV7, PCV10 and PCV13
[c] * PEN = penicillin; CTX = ceftriaxone; ERY = erythromycin; CLI = clindamycin; CHL = chloramphenicol; TET = tetracycline; SXT = sulfamethoxazole-trimethoprim

Considering CLSI meningitis criteria for penicillin and ceftriaxone, 20 (46.5%) and 16 (37.2%) clones exhibit nonsusceptibility: MIC ≥ 0.12µg/mL and ≥ 2µg/mL, respectively. If non-meningitis breakpoints are taken into consideration, clones CSR^{14}-10, CSR^{19A}-11, Finland^{6B}-12, Poland^{23F}-16, and Tennessee^{14}-18 are non-susceptible to penicillin (MICs ≥ 4µg/mL). Poland^{23F}-16 and Tennessee^{14}-18 are also fully resistant to ceftriaxone (MICs ≥ 4µg/mL). Besides, despite its penicillin susceptibility, Tennessee^{23F}-4 is characterized by a very high ceftriaxone MIC (32 µg/ml). In general, these β-lactams nonsusceptible clones are multiresistant and their occurrence worldwide may strongly compromise empirical therapy against IPD.

PCV7 was particularly designed against the most prevalent and/or resistant serotypes, i.e. 4, 6B, 14, 18C, 19F, and 23F, which are widely distributed around the world. Indeed, most PMEN clones (51.2%) encompass pneumococci from PCV7, especially serotypes 14, 6B and 23F (17/22; 72.3%), which is not surprising, since vaccine formulations were developed precisely against the serotypes most commonly related to IPD worldwide and/or those with worrisome resistance characteristics. PCV10 (PCV7 serotypes plus 1, 5 and 7F) and PCV13 (PCV10 serotypes plus 3, 6A and 19A) comprise 65.1% (28/43) and 81.4% (35/43) of the international pneumococcal clones, respectively. Of note, 18.6% of PMEN clones are composed of serotypes not included in any vaccine formulation currently available (including two non-typable clones: Norway^{NT}-42 and USA^{NT}-43) and they will be further discussed below.

Among all 43 PMEN clones, the most widely distributed seem to be Spain^{23F}-1, Spain^{6B}-2, and Spain^{9V}-3. Spain^{23F}-1 predominantly circulates as a vaccine serotype 23F, multilocus sequence type 81 (ST81). However, ST81 has also been associated with several other serotypes, including both vaccine and non-vaccine types[64,65]. After the first isolation, Spain^{23F}-1 disseminated worldwide[64,66-69]. Indeed, by the late 1990s, it was estimated that approximately 40% of the penicillin non-susceptible pneumococci circulating in the USA were members of this clone[70], corroborating the spread of penicillin resistance determinants among other pneumococcal clones. Besides penicillin, Spain^{23F}-1 is also commonly associated with fluoroquinolone resistance and some authors have suggested that genetic determinants for this resistance have been donated from Spain^{23F}-1 to numerous unrelated pneumococcal clones[71].

It has been well demonstrated by Wyres et al. that Spain^{23F}-1 and related clonal variants (all belonging to the same clonal complex - CC81), exhibit extraordinary genetic diversity, which largely results from hundreds of recombination events[72]. These features indicate rapid genomic evolution and presumably allow rapid response to selective pressures such as those imposed by vaccine and antibiotic usage[65].

Indeed, although antibiotics are among the most influential global public health successes, selective pressures imposed by them drive bacterial genomic evolution. Spain^{23F}-1 is an excellent example of a bacterium that has become resistant to multiple antibiotics and that has evolved to become very successful in colonization, transmission, and causing disease. Moreover, Spain^{23F}-1 has subsequently shared its successful DNA with other unrelated pneumococci[72].

On the other hand, Spain^{9V}-3 belongs to ST156 (CC156), which, according to the MLST database, has been associated with a considerable diversity of capsular types (14, 9V, 19F, 11A, 9A, 15C, 13, 19A, and 15B), suggesting a high tendency of this clonal cluster to undergo capsular switching events. CC156, one of the largest CC presently found in the MLST database with frequent occurrence around the world[63], including Latin America and Brazil[61,73,74], is globally and consistently associated with important resistance profiles, including non-susceptibility to penicillin[75].

As PCV7 has been widely implemented worldwide, it is expected that these traditional resistant clones will lose ground because of selective pressure, given advantages to other clones/serotypes. A classic example of this natural biological event was the emergence of serotype 19A in both carriage and invasive disease soon after PCV7 implementation in the USA[76]. Of note, some clones of serotype 19A are consistently non-susceptible to penicillin, as well as resistant to other antimicrobials[77]. As a consequence, this capsular switching event dramatically increased the occurrence of penicillin non-susceptible isolates in many different regions of the world.

However, serotype 19A also increased in regions without vaccine selective pressure, suggesting the participation of other factors, such as temporal variations, dissemination of some specific clones, and antimicrobial pressure[78]. Four PMEN international clones are related to serotype 19A: Hungary^{19A}-6 (ST268), S.Africa^{19A}-7 (ST75), CSR^{19A}-1 (ST175), and S.Africa^{19A}-13 (ST41).

All but one (S.Africa[19A]-7) are multiresistant, including non-susceptible to penicillin (meningitis breakpoints).

Besides those above-mentioned clones, genotypic characterization of serotype 19A isolates by MLST showed that there are five major CC associated with them: CC81, CC193, CC199, CC276, and CC320[78]. ST320 (CC320), derived from Taiwan[19F]-14 (ST236) by capsular switching events, has become prevalent in many countries, and is strongly related to penicillin resistance[76,80-83]. Recently, it was observed that the genetic background of ST320 provides advantages associated with improved colonization in the nasopharynx when compared to ST199[77], another well-established serotype 19A clone, prevalent in the USA previously to PCV7. Indeed, this advantage may be responsible for the rapid shift of ST199 to ST320 in the USA soon after the introduction of PCV7[76].

As mentioned above, along with those antibiotic-resistant clones, PMEN also focus on some important disease-causing susceptible clones, such as the following related to serotypes included in one of the conjugate pneumococcal vaccines: Sweden[1]-27 (ST217), Sweden[1]-40 (ST304), Netherlands[3]-31 (ST180), Sweden[4]-38 (ST205), Portugal[6A]-41 (ST327), S.Africa[6B]-8(ST185), Netherlands[7F]-39 (ST191), and Colombia[23F]-26 (ST338).

Serotype 1 ranks among the most prevalent invasive serotypes in many countries[84-87] causing severe episodes of pneumonia and empyema in children[88]. In Brazil, since 1977, serotype 1 has been identified as one of the most frequent pneumococci causing severe infections in both adult and pediatric patients[89].

Some specific features are responsible for the epidemiological relevance of serotype 1, despite its susceptibility to most antimicrobials. First, a low colonization frequency, even in populations in which serotype 1 is a frequent cause of pneumococcal infections[90,91]. In addition, serotype 1 has the ability to cause outbreaks in communities and in crowded and closed institutions[92]. Besides, serotype 1 markedly presents low genetic diversity among the isolates, which has been associated with the short duration of carriage and/or a low density of this serotype in the nasopharynx, resulting in a reduced opportunity to exchange genes between strains[93].

Another serotype with high invasiveness power is serotype 3, which has been related with increased mortality in different regions[94-96]. Considering its genetic background, strains of serotype 3 belonging to ST180 have been associated with significant mortality[97]. Therefore, the high frequency of isolation of this serotype/ST and its relation with mortality needs continued surveillance to monitor for increases in this serotype post-PCV10 as this data may be important to consider the use of PCV13 in some regions.

Although somewhat controversial, serotype 7F also appears to be associated with high case-fatality[95]. Some authors have observed serotype 7F as one of the main serotypes associated with replacement following PCV7 introduction, through clonal expansion[98,99]. Pichon et al. demonstrated ST191 (serotype 7F) as the most prevalent clone causing meningitis 3 years after the introduction of PCV7 in England and Wales[99]. From reported studies, serotype 7F seems to be very rare in the nasopharynx of Brazilian children[59,73,90]. Besides, as it is part of the currently available pneumococcal vaccine (PCV10), it may not represent a worrisome occurrence in Brazil.

PCV7 was introduced in the United States in 2000, when almost half of all IPD was caused by pneumococci resistant to penicillin and/or macrolides[100]. As expected, following the introduction of pneumococcal vaccination, there was a substantial reduction in penicillin non-susceptible pneumococci occurrence[101]. However, subsequently to PCV7 usage, there has been an increase in pneumococcal disease due to non-PCV7 type pneumococci[102], many of which are now also penicillin non-susceptible, such as 19A and 6A, that are part of other vaccine formula, as well as other serotypes absent in any pneumococcal vaccine so far[103]. Therefore, despite the unquestionable beneficial effects of vaccination, the problem of resistance among pneumococci is far from solved.

In this context, eight PMEN clones include strains with serotypes not present in any of the currently available vaccine formula. They are related to the following STs: ST53 (Netherlands[8]-*33),* ST63 (Sweden[15A]-25), ST193 (Greece[21]-30), ST199 (Netherlands[15B]-*37),* ST218 (Denmark[12F]-34), ST377 (Utah[35B]-24), ST448 (USA[NT]-43), and ST344 (Norway[NT]-42). In general, they are multi-susceptible.

Some molecular characteristics of the Netherlands[8]-33 may explain its well-succeeded clonal spread: Jefferies et al. identified a pneumolysin allele 5 in ST53, a common worldwide-distributed ST related to serotype 8, that could facilitate the clonal expansion of those strains[104]. Besides, some authors include serotype 8 into the group of more invasive and/or the ones related to the worst outcomes. Therefore, as it

may become an important serotype in the post-vaccination era, and as antimicrobial usage may stimulate resistance occurrence, surveillance of these widely distributed serotype 8 clones is a subject of major concern.

Grabenstein et al. performed a systematic review to characterize differences in serious outcomes between pneumococcal serotypes. The authors show that serotype 8 was consistently related to an increase in severity of the disease, as well as serotype 15B[105]. The Netherlands^{15B}-37 is part of ST199, which also encompasses serotype 19A (among others), strongly related to penicillin resistance. The occurrence of the same genetic background (ST199) between serotype 19A and serogroup 15 is indicative of capsular switching.

Sweden^{15A}-25 belongs to ST63, which is worldwide distributed, including Latin America. This ST is essentially related to serotypes 15A, 14, 19F, and 19A. The capsular type 15A strain was found to only differ from the fully sequenced 19F clinical isolate G54 in the chemical composition of the capsular polysaccharide indicating that this lineage has the capacity to undergo *in vivo* capsular switch. A capsular switch may produce "vaccine escape" recombinants[94] that can avoid the vaccine-induced immune pressure, allowing pneumococcal survival as a species.

Of note, the serotype 19A (ST276) and 15A (ST63) clones have been identified as the *S. pneumoniae* clonal types most frequently recovered from pneumococcal infections in countries that introduced the PCV7 vaccine[80,106,107]. For unknown reasons, representatives of the third major colonizing clone with serotype 6A (ST2191) have not been recovered from pneumococcal disease. In contrast, colonization by each of the three major non-PCV7 clonal lineages has been widely reported[108].

Although Utah^{35B}-24 (ST377) presents a susceptible phenotype (albeit resistance to penicillin, considering meningitis CLSI criteria – MIC 1µg/mL), some post-vaccine works have demonstrated a relationship between this serotype and resistant profiles[109], as well as increased occurrence of this serotypes (and others such as 15A and 15B) in both carriage and invasive disease. Surveillance of serogroup 15, considering dissemination and resistance, may be of great relevance to the development of new vaccine formulations.

Similarly for serotype 8, serotype 12F has demonstrated increased occurrence after vaccination in some regions. Besides, it has been shown to cause outbreaks in human populations with identifiable risk factors[110]. This serotype has a high case/carriage ratio (CCR), i.e., it is a hyper invasive serotype, rarely found in nasopharynx[73,110]. One could expect that, after vaccine selective pressure, the pneumococcal population is supposed to suffer considerable changes, which may affect the behavior of such non-vaccine serotypes.

Based on the above, it is reasonable to conclude that the pneumococcal population is constantly changing, either because of biologically expected temporal changes or due to selective pressure exerted by vaccination and antibiotics. This situation may significantly alter the occurrence of antimicrobial resistance, and, in this context, epidemiological surveillance is consistently required to understand and monitor these changes, as they may directly affect patient care, as discussed below.

CONCLUSION

Pneumococcal infections are treated empirically. Limitations in the diagnostic methods, together with the severity of disease contribute to this procedure. Surveillance studies are crucial to define the prevalence of resistant strains both globally and in a particular region. Data obtained from such studies are generated by culture-dependent methods. Although different clones of PNSP are internationally distributed, and considering diseases other than meningitis, the prevalence to penicillin is quite low, making this old, safe, and inexpensive drug an attractive first choice to treat pneumococcal infections. The widespread use of conjugate vaccines among children, influencing the circulation of resistant clones, reinforces the need of surveillance studies to define the prevalence of resistance.

Finally, it is important to consider that almost all that is known about pneumococcal resistance comes from culture-insensitive methods. Culture independent methods are, in a certain sense, modifying some concepts about pneumococcal disease and once applied to the detection of resistant strains, they may also contribute to a better knowledge about resistance in pneumococci.

REFERENCES

1. Gouveia EL, Reis JN, Flannery B, Cordeiro SM, Lima JB, Pinheiro RM, et al. Clinical outcome of pneumococcal meningitis during the emergence of pencillin-resistant Streptococcus pneumoniae: an observational study. BMC Infect Dis. 2011;11:323.
2. Foster D, Walker AS, Paul J, Griffiths D, Knox K, Peto TE, et al. Reduction in invasive pneumococcal disease following implementation of the conjugate vaccine in the Oxfordshire region, England. J Med Microbiol. 2011;60(Pt 1):91-7.
3. WHO - World Health Organization. Immunization, vaccines and biologicals: global immunization vision and strategy 2011 [2 July 2014]. Available from: http://www.who.int/immunization/givs/en/.
4. O'Brien KL, Wolfson LJ, Watt JP, Henkle E, Deloria-Knoll M, McCall N, et al. Burden of disease caused by Streptococcus pneumoniae in children younger than 5 years: global estimates. Lancet. 2009;374:893-902.
5. Andrade AL, Oliveira R, Vieira MA, Minamisava R, Pessoa V, Jr., Brandileone MC, et al. Population-based surveillance for invasive pneumococcal disease and pneumonia in infants and young children in Goiania, Brazil. Vaccine. 2012;30:1901-9.
6. Rudan I, Boschi-Pinto C, Biloglav Z, Mulholland K, Campbell H. Epidemiology and etiology of childhood pneumonia. Bull World Health Organ. 2008;86:408-16.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Proposta para introdução da vacina pneumocócica 10-valente (conjugada) no calendário básico de vacinação da criança 2010 [2 July 2014]. Available from: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/intro_pneumococica10_val_04_02_10_ver_final.pdf.
8. Kadioglu A, Weiser JN, Paton JC, Andrew PW. The role of Streptococcus pneumoniae virulence factors in host respiratory colonization and disease. Nat Rev Microbiol. 2008;6:288-301.
9. Oliver MB, van der Linden MP, Kuntzel SA, Saad JS, Nahm MH. Discovery of Streptococcus pneumoniae serotype 6 variants with glycosyltransferases synthesizing two differing repeating units. J Biol Chem. 2013;288:25976-85.
10. Houck PM, Bratzler DW, Nsa W, Ma A, Bartlett JG. Timing of antibiotic administration and outcomes for Medicare patients hospitalized with community-acquired pneumonia. Arch Intern Med. 2004;164:637-44.
11. Madhi SA, Whitney CG, Nohynek H. Lessons learned from clinical trials evaluating pneumococcal conjugate vaccine efficacy against pneumonia and invasive disease. Vaccine. 2008;26 Suppl 2:B9-B15.
12. Wubbel L, Muniz L, Ahmed A, Trujillo M, Carubelli C, McCoig C, et al. Etiology and treatment of community-acquired pneumonia in ambulatory children. Pediatr Infect Dis J. 1999;18:98-104.
13. Cornick JE, Bentley SD. Streptococcus pneumoniae: the evolution of antimicrobial resistance to beta-lactams, fluoroquinolones and macrolides. Microbes Infect. 2012;14:573-83.
14. Aguiar SI, Pinto FR, Nunes S, Serrano I, Melo-Cristino J, Sa-Leao R, et al. Denmark14-230 clone as an increasing cause of pneumococcal infection in Portugal within a background of diverse serotype 19A lineages. J Clin Microbiol. 2010;48:101-8.
15. Cremers AJ, Sprong T, Schouten JA, Walraven G, Hermans PW, Meis JF, et al. Effect of antibiotic streamlining on patient outcome in pneumococcal bacteraemia. J Antimicrob Chemother. 2014.
16. Le Saux N, Canadian Paediatric Society ID, Immunization C. Guidelines for the management of suspected and confirmed bacterial meningitis in Canadian children older than one month of age. Paediatr Child Health. 2014;19:141-52.
17. Valles J, Martin-Loeches I, Torres A, Diaz E, Seijas I, Lopez MJ, et al. Epidemiology, antibiotic therapy and clinical outcomes of healthcare-associated pneumonia in critically ill patients: a Spanish cohort study. Intensive Care Med. 2014;40:572-81.
18. Clinical and Laboratory Standards Institute. M100-S24. Performance standards for antimicrobial susceptibility testing; twenty-fourth informational supplement Wayne, PA: Clinical and Laboratory Standards Institute; 2014 [2 July 2014]. Available from: http://www.ctmperu.org.pe/anexos/bibliotecavirtual/exposiciones/guia%20CLSI%202014.pdf.
19. Mera RM, Miller LA, Amrine-Madsen H, Sahm DF. Impact of new Clinical Laboratory Standards Institute Streptococcus pneumoniae penicillin susceptibility testing breakpoints on reported resistance changes over time. Microb Drug Resist. 2011;17:47-52.
20. Hakenbeck R, Grebe T, Zahner D, Stock JB. beta-lactam resistance in Streptococcus pneumoniae: penicillin-binding proteins and non-penicillin-binding proteins. Mol Microbiol. 1999;33:673-8.
21. Appelbaum PC, Bhamjee A, Scragg JN, Hallett AF, Bowen AJ, Cooper RC. Streptococcus pneumoniae resistant to penicillin and chloramphenicol. Lancet. 1977;2:995-7.
22. Brandon M, Dowzicky MJ. Antimicrobial susceptibility among Gram-positive organisms collected from pediatric patients globally between 2004 and 2011: results from the Tigecycline Evaluation and Surveillance Trial. J Clin Microbiol. 2013;51:2371-8.

23. Hackel M, Lascols C, Bouchillon S, Hilton B, Morgenstern D, Purdy J. Serotype prevalence and antibiotic resistance in Streptococcus pneumoniae clinical isolates among global populations. Vaccine. 2013;31:4881-7.

24. Mascher T, Heintz M, Zahner D, Merai M, Hakenbeck R. The CiaRH system of Streptococcus pneumoniae prevents lysis during stress induced by treatment with cell wall inhibitors and by mutations in pbp2x involved in beta-lactam resistance. J Bacteriol. 2006;188:1959-68.

25. Kumar KM, Anbarasu A, Ramaiah S. Molecular docking and molecular dynamics studies on beta-lactamases and penicillin binding proteins. Mol Biosyst. 2014;10:891-900.

26. Crisostomo MI, Vollmer W, Kharat AS, Inhulsen S, Gehre F, Buckenmaier S, et al. Attenuation of penicillin resistance in a peptidoglycan O-acetyl transferase mutant of Streptococcus pneumoniae. Mol Microbiol. 2006;61:1497-509.

27. Edelstein PH. Pneumococcal resistance to macrolides, lincosamides, ketolides, and streptogramin B agents: molecular mechanisms and resistance phenotypes. Clin Infect Dis. 2004;38 Suppl 4:S322-7.

28. Tait-Kamradt A, Davies T, Appelbaum PC, Depardieu F, Courvalin P, Petitpas J, et al. Two new mechanisms of macrolide resistance in clinical strains of Streptococcus pneumoniae from Eastern Europe and North America. Antimicrob Agents Chemother. 2000;44:3395-401.

29. Leclercq R, Courvalin P. Resistance to macrolides and related antibiotics in Streptococcus pneumoniae. Antimicrob Agents Chemother. 2002;46:2727-34.

30. Seppala H, Skurnik M, Soini H, Roberts MC, Huovinen P. A novel erythromycin resistance methylase gene (ermTR) in Streptococcus pyogenes. Antimicrob Agents Chemother. 1998;42:257-62.

31. Cochetti I, Tili E, Vecchi M, Manzin A, Mingoia M, Varaldo PE, et al. New Tn916-related elements causing erm(B)-mediated erythromycin resistance in tetracycline-susceptible pneumococci. J Antimicrob Chemother. 2007;60:127-31.

32. Calatayud L, Ardanuy C, Cercenado E, Fenoll A, Bouza E, Pallares R, et al. Serotypes, Clones, and Mechanisms of Resistance of Erythromycin-Resistant Streptococcus pneumoniae Isolates Collected in Spain. Antimicrob Agents Chemother. 2007;51:3240-6.

33. Reyes J, Hidalgo M, Diaz L, Rincon S, Moreno J, Vanegas N, et al. Characterization of macrolide resistance in Gram-positive cocci from Colombian hospitals: a countrywide surveillance. Int J Infect Dis. 2007;11:329-36.

34. Corso A, Faccone D, Gagetti P, Pace J, Regueira M, Pace J, et al. Prevalence of mef and ermB genes in invasive pediatric erythromycin-resistant Streptococcus pneumoniae isolates from Argentina. Rev Argent Microbiol. 2009;41:29-33.

35. Mott M, Caierao J, Rosa da Cunha G, Rodrigues Perez LR, Matusiak R, Pilger de Oliveira KR, et al. Susceptibility profiles and correlation with pneumococcal serotypes soon after implementation of the 10-valent pneumococcal conjugate vaccine in Brazil. Int J Infect Dis. 2014;20:47-51.

36. Li X, Zhao X, Drlica K. Selection of Streptococcus pneumoniae mutants having reduced susceptibility to moxifloxacin and levofloxacin. Antimicrob Agents Chemother. 2002;46:522-4.

37. Tankovic J, Perichon B, Duval J, Courvalin P. Contribution of mutations in gyrA and parC genes to fluoroquinolone resistance of mutants of Streptococcus pneumoniae obtained in vivo and in vitro. Antimicrob Agents Chemother. 1996;40:2505-10.

38. Bast DJ, de Azavedo JC, Tam TY, Kilburn L, Duncan C, Mandell LA, et al. Interspecies recombination contributes minimally to fluoroquinolone resistance in Streptococcus pneumoniae. Antimicrob Agents Chemother. 2001;45:2631-4.

39. Balsalobre L, Ferrandiz MJ, Linares J, Tubau F, de la Campa AG. Viridans group streptococci are donors in horizontal transfer of topoisomerase IV genes to Streptococcus pneumoniae. Antimicrob Agents Chemother. 2003;47:2072-81.

40. Jumbe NL, Louie A, Miller MH, Liu W, Deziel MR, Tam VH, et al. Quinolone efflux pumps play a central role in emergence of fluoroquinolone resistance in Streptococcus pneumoniae. Antimicrob Agents Chemother. 2006;50:310-7.

41. Canton R, Morosini M, Enright MC, Morrissey I. Worldwide incidence, molecular epidemiology and mutations implicated in fluoroquinolone-resistant Streptococcus pneumoniae: data from the global PROTEKT surveillance programme. J Antimicrob Chemother. 2003;52:944-52.

42. Montanari MP, Cochetti I, Mingoia M, Varaldo PE. Phenotypic and molecular characterization of tetracycline- and erythromycin-resistant strains of Streptococcus pneumoniae. Antimicrob Agents Chemother. 2003;47:2236-41.

43. Cornick JE, Harris SR, Parry CM, Moore MJ, Jassi C, Kamng'ona A, et al. Genomic identification of a novel co-trimoxazole resistance genotype and its prevalence amongst Streptococcus pneumoniae in Malawi. J Antimicrob Chemother. 2014;69:368-74.

44. Matthews HW, Baker CN, Thornsberry C. Relationship between in vitro susceptibility test results for chloramphenicol and production of chloramphenicol acetyltransferase by Haemophilus influenzae, Streptococcus pneumoniae, and Aerococcus species. J Clin Microbiol. 1988;26:2387-90.

45. Farrell DJ, Klugman KP, Pichichero M. Increased antimicrobial resistance among nonvaccine serotypes of Streptococcus pneumoniae in the pediatric population after the introduction of 7-valent pneumococcal vaccine in the United States. Pediatr Infect Dis J. 2007;26:123-8.

46. Klugman KP. The successful clone: the vector of dissemination of resistance in Streptococcus pneumoniae. J Antimicrob Chemother. 2002;50 Suppl S2:1-5.

47. Tsai CJ, Griffin MR, Nuorti JP, Grijalva CG. Changing epidemiology of pneumococcal meningitis after the introduction of pneumococcal conjugate vaccine in the United States. Clin Infect Dis. 2008;46:1664-72.

48. Torne AN, Dias JG, Quinten C, Hruba F, Busana MC, Lopalco PL, et al. European enhanced surveillance of invasive pneumococcal disease in 2010: Data from 26 European countries in the post-heptavalent conjugate vaccine era. Vaccine. 2014;32:3644-50.

49. Geng Q, Zhang T, Ding Y, Tao Y, Lin Y, Wang Y, et al. Molecular characterization and antimicrobial susceptibility of Streptococcus pneumoniae isolated from children hospitalized with respiratory infections in Suzhou, China. PLoS One. 2014;9:e93752.

50. Kawaguchiya M, Urushibara N, Ghosh S, Kuwahara O, Morimoto S, Ito M, et al. Serotype Distribution and Susceptibility to Penicillin and Erythromycin Among Noninvasive or Colonization Isolates of Streptococcus pneumoniae in Northern Japan: A Cross-Sectional Study in the Pre-PCV7 Routine Immunization Period. Microb Drug Resist. 2014.

51. Hernandez-Bou S, Garcia-Garcia JJ, Gene A, Esteva C, del Amo E, Munoz-Almagro C. Pneumococcal carriage in children attending a hospital outpatient clinic in the era of pneumococcal conjugate vaccines in Barcelona. Diagn Microbiol Infect Dis. 2012;74:258-62.

52. Collins DA, Hoskins A, Bowman J, Jones J, Stemberger NA, Richmond PC, et al. High nasopharyngeal carriage of non-vaccine serotypes in Western Australian aboriginal people following 10 years of pneumococcal conjugate vaccination. PLoS One. 2013;8:e82280.

53. Dayie NT, Arhin RE, Newman MJ, Dalsgaard A, Bisgaard M, Frimodt-Moller N, et al. Penicillin resistance and serotype distribution of Streptococcus pneumoniae in Ghanaian children less than six years of age. BMC Infect Dis. 2013;13:490.

54. Parra EL, De La Hoz F, Diaz PL, Sanabria O, Realpe ME, Moreno J. Changes in Streptococcus pneumoniae serotype distribution in invasive disease and nasopharyngeal carriage after the heptavalent pneumococcal conjugate vaccine introduction in Bogota, Colombia. Vaccine. 2013;31:4033-8.

55. Zuccotti G, Mameli C, Daprai L, Garlaschi ML, Dilillo D, Bedogni G, et al. Serotype distribution and antimicrobial susceptibilities of nasopharyngeal isolates of Streptococcus pneumoniae from healthy children in the 13-valent pneumococcal conjugate vaccine era. Vaccine. 2014;32:527-34.

56. Zuccotti G, Mameli C, Daprai L, Garlaschi ML, Dilillo D, Bedogni G, et al. Serotype distribution and antimicrobial susceptibilities of nasopharyngeal isolates of Streptococcus pneumoniae from healthy children in the 13-valent pneumococcal conjugate vaccine era. Vaccine. 2014;32:527-34.

57. Organización Panamericana de la Salud. Informe Regional SIREVA II 2012: datos por país y por grupos de edad sobre las características de los aislamientos de Streptococcus pneumoniae, Haemophilus influenzae y Neisseria meningitidis, en procesos invasores. Washington, DC: OPS; 2013.

58. Menezes APO, Campos LC, dos Santos MS, Azevedo J, Dos Santos RC, Carvalho Mda G, et al. Serotype distribution and antimicrobial resistance of Streptococcus pneumoniae prior to introduction of the 10-valent pneumococcal conjugate vaccine in Brazil, 2000-2007. Vaccine. 2011;29:1139-44.

59. Neves FPG, Pinto TCA, Correa MA, dos Anjos Barreto R, Moreira LSG, Rodrigues HG, et al. Nasopharyngeal carriage, serotype distribution and antimicrobial resistance of Streptococcus pneumoniae among children from Brazil before the introduction of the 10-valent conjugate vaccine. BMC Infect Dis. 2013;13:318.

60. Yoshioka CR, Martinez MB, Brandileone MC, Ragazzi SB, Guerra ML, Santos SR, et al. Analysis of invasive pneumonia-causing strains of Streptococcus pneumoniae: serotypes and antimicrobial susceptibility. J Pediatr (Rio J). 2011;87:70-5.

61. Barroso DE, Godoy D, Castineiras TM, Tulenko MM, Rebelo MC, Harrison LH. beta-Lactam resistance, serotype distribution, and genotypes of meningitis-causing Streptococcus pneumoniae, Rio de Janeiro, Brazil. Pediatr Infect Dis J. 2012;31:30-6.

62. De Lencastre H, Tomasz A. From ecological reservoir to disease: the nasopharynx, day-care centres and drug-resistant clones of Streptococcus pneumoniae. J Antimicrob Chemother. 2002;50 Suppl S2:75-81.

63. McGee L, McDougal L, Zhou J, Spratt BG, Tenover FC, George R, et al. Nomenclature of major antimicrobial-resistant clones of Streptococcus pneumoniae defined by the pneumococcal molecular epidemiology network. J Clin Microbiol. 2001; 39:2565-71.

64. Coffey TJ, Dowson CG, Daniels M, Zhou J, Martin C, Spratt BG, et al. Horizontal transfer of multiple penicillin-binding protein genes, and capsular biosynthetic genes, in natural populations of Streptococcus pneumoniae. Mol Microbiol. 1991;5:2255-60.

65. Croucher NJ, Harris SR, Fraser C, Quail MA, Burton J, van der Linden M, et al. Rapid pneumococcal evolution in response to clinical interventions. Science. 2011;331:430-4.

66. Munoz R, Coffey TJ, Daniels M, Dowson CG, Laible G, Casal J, et al. Intercontinental spread of a multiresistant clone of serotype 23F Streptococcus pneumoniae. J Infect Dis. 1991;164:302-6.

67. Sibold C, Wang J, Henrichsen J, Hakenbeck R. Genetic relationships of penicillin-susceptible and -resistant Streptococcus pneumoniae strains isolated on different continents. Infect Immun. 1992;60:4119-26.

68. Klugman KP, Coffey TJ, Smith A, Wasas A, Meyers M, Spratt BG. Cluster of an erythromycin-resistant variant of the Spanish multiply resistant 23F clone of Streptococcus pneumoniae in South Africa. Eur J Clin Microbiol Infect Dis. 1994;13:171-4.

69. Reichmann P, Varon E, Gunther E, Reinert RR, Luttiken R, Marton A, et al. Penicillin-resistant Streptococcus pneumoniae in Germany: genetic relationship to clones from other European countries. J Med Microbiol. 1995;43:377-85.

70. Corso A, Severina EP, Petruk VF, Mauriz YR, Tomasz A. Molecular characterization of penicillin-resistant Streptococcus pneumoniae isolates causing respiratory disease in the United States. Microb Drug Resist. 1998;4:325-37.

71. Stanhope MJ, Walsh SL, Becker JA, Italia MJ, Ingraham KA, Gwynn MN, et al. Molecular evolution perspectives on intraspecific lateral DNA transfer of topoisomerase and gyrase loci in Streptococcus pneumoniae, with implications for fluoroquinolone resistance development and spread. Antimicrob Agents Chemother. 2005;49:4315-26.

72. Wyres KL, Lambertsen LM, Croucher NJ, McGee L, von Gottberg A, Linares J, et al. The multidrug-resistant PMEN1 pneumococcus is a paradigm for genetic success. Genome Biol. 2012;13:R103.

73. Pimenta FC, Carvalho Mda G, Gertz RE, Jr., Bastos-Rocha CG, Oliveira LS, Lacerda Pigosso L, et al. Serotype and genotype distributions of pneumococcal carriage isolates recovered from Brazilian children attending day-care centres. J Med Microbiol. 2011;60:1455-9.

74. Parra EL, Ramos V, Sanabria O, Moreno J. Serotype and genotype distribution among invasive Streptococcus pneumoniae isolates in Colombia, 2005-2010. PLoS One. 2014;9:e84993.

75. Sjostrom K, Blomberg C, Fernebro J, Dagerhamn J, Morfeldt E, Barocchi MA, et al. Clonal success of piliated penicillin nonsusceptible pneumococci. Proc Natl Acad Sci U S A. 2007;104:12907-12.

76. Moore MR, Gertz RE, Jr., Woodbury RL, Barkocy-Gallagher GA, Schaffner W, Lexau C, et al. Population snapshot of emergent Streptococcus pneumoniae serotype 19A in the United States, 2005. J Infect Dis. 2008;197:1016-27.

77. Hsieh YC, Lin TL, Chang KY, Huang YC, Chen CJ, Lin TY, et al. Expansion and evolution of Streptococcus pneumoniae serotype 19A ST320 clone as compared to its ancestral clone, Taiwan19F-14 (ST236). J Infect Dis. 2013;208:203-10.

78. Willems RJ, Hanage WP, Bessen DE, Feil EJ. Population biology of Gram-positive pathogens: high-risk clones for dissemination of antibiotic resistance. FEMS Microbiol Rev. 2011;35:872-900.

79. Reinert R, Jacobs MR, Kaplan SL. Pneumococcal disease caused by serotype 19A: review of the literature and implications for future vaccine development. Vaccine. 2010;28:4249-59.

80. Ardanuy C, Rolo D, Fenoll A, Tarrago D, Calatayud L, Linares J. Emergence of a multidrug-resistant clone (ST320) among invasive serotype 19A pneumococci in Spain. J Antimicrob Chemother. 2009;64:507-10.

81. Shin J, Baek JY, Kim SH, Song JH, Ko KS. Predominance of ST320 among Streptococcus pneumoniae serotype 19A isolates from 10 Asian countries. J Antimicrob Chemother. 2011;66:1001-4.

82. Gene A, del Amo E, Inigo M, Monsonis M, Pallares R, Munoz-Almagro C. Pneumococcal serotypes causing acute otitis media among children in Barcelona (1992-2011): emergence of the multiresistant clone ST320 of serotype 19A. Pediatr Infect Dis J. 2013;32:e128-33.

83. Ramos V, Parra EL, Duarte C, Moreno J. Characterization of Streptococcus pneumoniae invasive serotype 19A isolates recovered in Colombia. Vaccine. 2014;32:755-8.

84. Konradsen HB, Kaltoft MS. Invasive pneumococcal infections in Denmark from 1995 to 1999: epidemiology, serotypes, and resistance. Clin Diagn Lab Immunol. 2002;9:358-65.

85. McChlery SM, Scott KJ, Clarke SC. Clonal analysis of invasive pneumococcal isolates in Scotland and coverage of serotypes by the licensed conjugate polysaccharide pneumococcal vaccine: possible implications for UK vaccine policy. Eur J Clin Microbiol Infect Dis. 2005;24:262-7.

86. Garcia S, Levine OS, Cherian T, Gabastou JM, Andrus J, Working Group M. Pneumococcal disease and vaccination in the Americas: an agenda for accelerated vaccine introduction. Rev Panam Salud Publica. 2006;19:340-8.

87. Duarte C, Sanabria O, Moreno J. Molecular characterization of Streptococcus pneumoniae serotype 1 invasive isolates in Colombia. Rev Panam Salud Publica. 2013;33:422-6.

88. Byington CL, Korgenski K, Daly J, Ampofo K, Pavia A, Mason EO. Impact of the pneumococcal conjugate vaccine on pneumococcal parapneumonic empyema. Pediatr Infect Dis J. 2006;25:250-4.

89. Organización Panamericana de la Salud. Informe Regional de SIREVA II: datos por país y por grupos de edad sobre las características de los aislamientos de Streptococcus pneumoniae, Haemophilus influenzae y Neisseria meningitidis en procesos invasores, 2000-2005. Washington, DC: OPS; 2007. Available from: http://www1.paho.org/Spanish/AD/THS/EV/LABS-Sireva.pdf.

90. Laval CB, de Andrade AL, Pimenta FC, de Andrade JG, de Oliveira RM, Silva SA, et al. Serotypes of carriage and invasive isolates of Streptococcus pneumoniae in Brazilian children in the era of pneumococcal vaccines. Clin Microbiol Infect. 2006;12:50-5.

91. Nunes S, Sa-Leao R, Pereira LC, de Lencastre H. Emergence of a serotype 1 Streptococcus pneumoniae lineage colonising healthy children in Portugal in the seven-valent conjugate vaccination era. Clin Microbiol Infect. 2008;14:82-4.

92. Leimkugel J, Adams Forgor A, Gagneux S, Pfluger V, Flierl C, Awine E, et al. An outbreak of serotype 1 Streptococcus pneumoniae meningitis in northern Ghana with features that are characteristic of Neisseria meningitidis meningitis epidemics. J Infect Dis. 2005;192:192-9.

93. Hausdorff WP, Feikin DR, Klugman KP. Epidemiological differences among pneumococcal serotypes. Lancet Infect Dis. 2005;5:83-93.

94. Brueggemann AB, Pai R, Crook DW, Beall B. Vaccine escape recombinants emerge after pneumococcal vaccination in the United States. PLoS Pathog. 2007;3:e168.

95. Harboe ZB, Thomsen RW, Riis A, Valentiner-Branth P, Christensen JJ, Lambertsen L, et al. Pneumococcal serotypes and mortality following invasive pneumococcal disease: a population-based cohort study. PLoS Med. 2009;6:e1000081.

96. Jansen AG, Rodenburg GD, van der Ende A, van Alphen L, Veenhoven RH, Spanjaard L, et al. Invasive pneumococcal disease among adults: associations among serotypes, disease characteristics, and outcome. Clin Infect Dis. 2009;49:e23-9.

97. Inverarity D, Lamb K, Diggle M, Robertson C, Greenhalgh D, Mitchell TJ, et al. Death or survival from invasive pneumococcal disease in Scotland: associations with serogroups and multilocus sequence types. J Med Microbiol. 2011; 60:793-802.

98. Aguiar SI, Brito MJ, Goncalo-Marques J, Melo-Cristino J, Ramirez M. Serotypes 1, 7F and 19A became the leading causes of pediatric invasive pneumococcal infections in Portugal after 7 years of heptavalent conjugate vaccine use. Vaccine. 2010;28:5167-73.

99. Pichon B, Ladhani SN, Slack MP, Segonds-Pichon A, Andrews NJ, Waight PA, et al. Changes in molecular epidemiology of streptococcus pneumoniae causing meningitis following introduction of pneumococcal conjugate vaccination in England and Wales. J Clin Microbiol. 2013; 51:820-7.

100. Whitney CG, Farley MM, Hadler J, Harrison LH, Lexau C, Reingold A, et al. Increasing prevalence of multidrug-resistant Streptococcus pneumoniae in the United States. N Engl J Med. 2000; 343:1917-24.

101. Whitney CG, Farley MM, Hadler J, Harrison LH, Bennett NM, Lynfield R, et al. Decline in invasive pneumococcal disease after the introduction of protein-polysaccharide conjugate vaccine. N Engl J Med. 2003; 348:1737-46.

102. Weinberger DM, Malley R, Lipsitch M. Serotype replacement in disease after pneumococcal vaccination. Lancet. 2011;378:1962-73.

103. Beall BW, Gertz RE, Hulkower RL, Whitney CG, Moore MR, Brueggemann AB. Shifting genetic structure of invasive serotype 19A pneumococci in the United States. J Infect Dis. 2011; 203:1360-8.

104. Jefferies JM, Johnston CH, Kirkham LA, Cowan GJ, Ross KS, Smith A, et al. Presence of nonhemolytic pneumolysin in serotypes of Streptococcus pneumoniae associated with disease outbreaks. J Infect Dis. 2007;196:936-44.

105. Grabenstein JD, Musey LK. Differences in serious clinical outcomes of infection caused by specific pneumococcal serotypes among adults. Vaccine. 2014;32:2399-405.

106. Mahjoub-Messai F, Doit C, Koeck JL, Billard T, Evrard B, Bidet P, et al. Population snapshot of Streptococcus pneumoniae serotype 19A isolates before and after introduction of seven-valent pneumococcal Vaccination for French children. J Clin Microbiol. 2009;47:837-40.

107. Gertz RE, Jr., Li Z, Pimenta FC, Jackson D, Juni BA, Lynfield R, et al. Increased penicillin nonsusceptibility of nonvaccine-serotype invasive pneumococci other than serotypes 19A and 6A in post-7-valent conjugate vaccine era. J Infect Dis. 2010;201:770-5.

108. Hanage WP, Bishop CJ, Huang SS, Stevenson AE, Pelton SI, Lipsitch M, et al. Carried pneumococci in Massachusetts children: the contribution of clonal expansion and serotype switching. Pediatr Infect Dis J. 2011;30:302-8.

109. Lee GM, Kleinman K, Pelton SI, Hanage W, Huang SS, Lakoma M, et al. Impact of 13-Valent Pneumococcal Conjugate Vaccination on Carriage in Young Children in Massachusetts. J Pediatric Infect Dis Soc. 2014; 3:23-32.

110. Zulz T, Wenger JD, Rudolph K, Robinson DA, Rakov AV, Bruden D, et al. Molecular characterization of Streptococcus pneumoniae serotype 12F isolates associated with rural community outbreaks in Alaska. J Clin Microbiol. 2013;51:1402-7.

Received: 16/05/2014
Accepted: 12/06/2014